

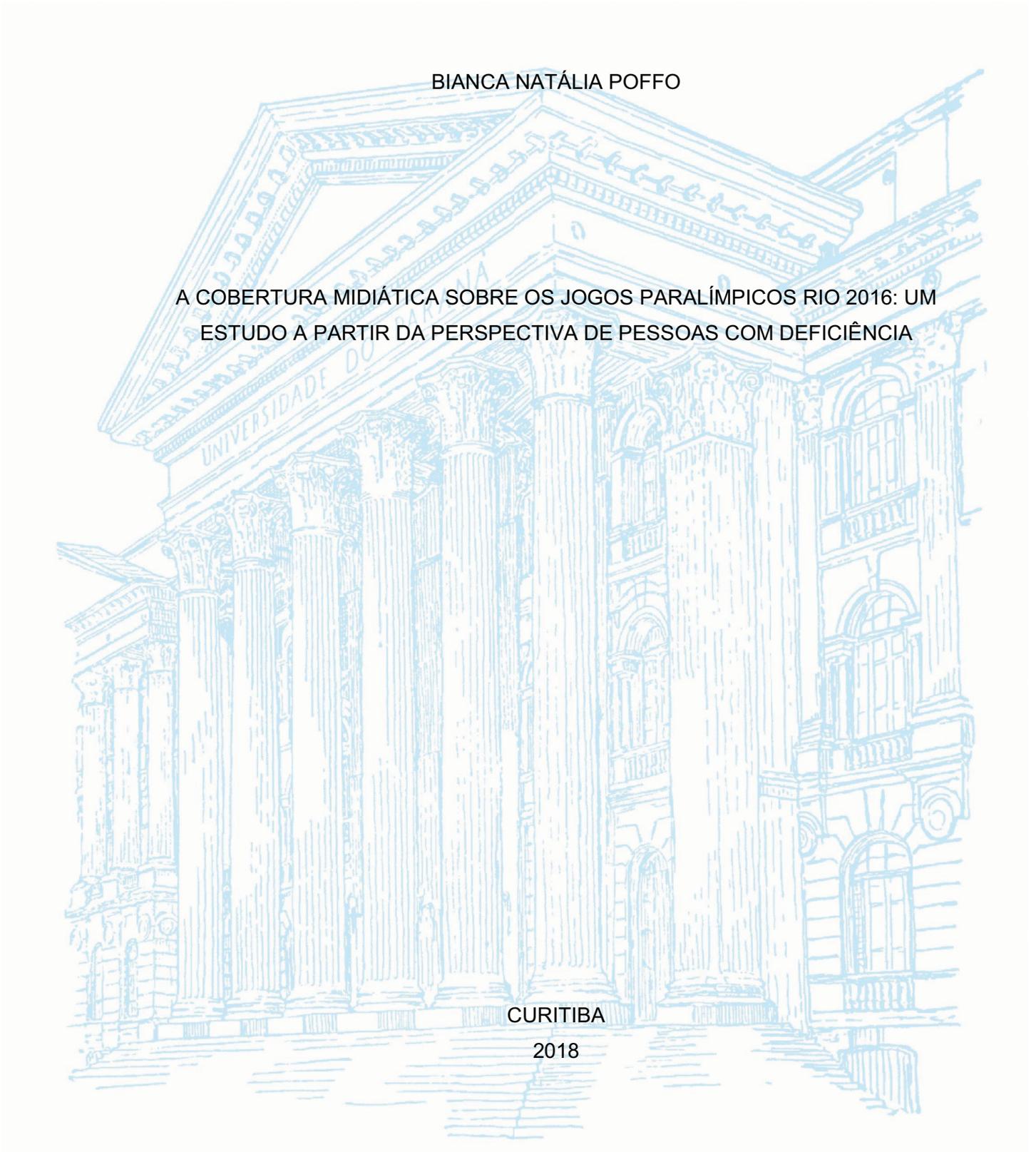
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

BIANCA NATÁLIA POFFO

A COBERTURA MIDIÁTICA SOBRE OS JOGOS PARALÍMPICOS RIO 2016: UM ESTUDO A PARTIR DA PERSPECTIVA DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

CURITIBA

2018



BIANCA NATÁLIA POFFO

A COBERTURA MIDIÁTICA SOBRE OS JOGOS PARALÍMPICOS RIO 2016: UM
ESTUDO A PARTIR DA PERSPECTIVA DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Setor de Biológicas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Educação Física.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Doralice Lange de Souza.

CURITIBA

2018

Universidade Federal do Paraná. Sistema de Bibliotecas.
Biblioteca de Ciências Biológicas.
(Rosilei Vilas Boas – CRB/9-939).

Poffo, Bianca Natália

A cobertura midiática sobre os Jogos Paralímpicos Rio 2016: um estudo a partir da perspectiva de pessoas com deficiência. / Bianca Natália Poffo. – Curitiba, 2018.

201 f. : il. ; 30cm.

Orientadora: Doralice Lange de Souza.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Educação Física.

1. Mídias sociais - Comportamento. 2. Análise do discurso. 3. Olimpíadas. 4. Esportes para deficientes físicos. I. Título. II. Souza, Doralice Lange. III. Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Educação Física.

CDD (20. ed.) 796.045.6

Dedico este trabalho aos meus mestres,
Cláudia, Arno e Michel.

AGRADECIMENTOS

Foram quatro anos de descobertas. Quatro anos morando em uma cidade diferente, conhecendo pessoas novas e seguindo firme no propósito de cursar o doutorado. É chegada a hora de agradecer a todos que me ajudaram de alguma forma.

Aos amigos de lá e de cá, que fortaleceram e coloriram a caminhada nesta cidade tipicamente cinza, obrigada! Aos amigos de Floripa, Quaranta, Silvan, Tonico e Thatha, foi muito bom continuar compartilhando essa caminhada com vocês em terras curitibanas. Os amigos que o programa de pós-graduação em Educação Física me presenteou, Amanda e a pequena Isa, Lucélia, Tati, Nadyne, Sabrina, Suélen e Heitorzinho, Tisbe, Aninha, Carla, Joe, Tiago, Luizão, Jeferson, Natasha, Rick, Philippe, Donha, André, Ana, Rubens e Roberta, obrigada por compartilharem estes anos comigo. Aos amigos da corrida e das rodas de chimarrão, Aninha, Cleia, Tania, Neiva, Monica, Eiko, Ari, Day, Ester, Juceli, Rose e tantos outros que dividiram comigo diversos quilômetros pelas ruas de Curitiba, com vocês aprendi a descobrir a cidade com outros olhos, gratidão!

Agradeço às amigas de longa data: Deborah, Ju Veppo, Ju Telles, Fê Fauth, Zeane, Tati Silva, Tati, Nínive e tantas outras e outros que me acompanharam esse tempo e torcem por mim há muitos anos.

À família Guollo que me acolheu desde o meu primeiro dia em Curitiba, obrigada! Dona Geni, Goretti, Edu e Junior, obrigada por cuidarem de mim, de longe, de perto, vocês estão no meu coração.

Aos meus queridos amigos esgrimistas, Carmen, Moacir, Tabea, Karina, Rodrigo, Sandro, Jovane, Mestre Kato, Suélen, Clô, Pati, Rose, Rasan, Edu, Anderson, Leandro, Derick. Obrigada por serem pacientes comigo, me ensinarem e me permitirem fazer parte desta grande família. Vocês ganharam mais uma amiga e uma fã.

Aos amigos do LaboMídia, Ângelo, Cris Mezzaroba, Paulinha, Lu Garcia, Lu Fiamoncini, Messa, Zoboli, Gilson, Mari, Ira, Rogério, Lya, Ferrari, Marcio, Gal, Angélica, Cassia, Diego, Juliano, Miraíra e Dorenski, gratidão pelos momentos de estudo, aprendizado, reflexão e pelos memoráveis encontros culturais etílico-gastronômicos.

Aos mestres, que são meus exemplos e sempre estiveram junto de mim, Giovani e Thyrza, muito obrigada pelos conselhos, pelos ensinamentos, pelo acolhimento e pela amizade. Os churrascos e os cafezinhos estão eternizados na minha memória. Felizes os que tiveram a oportunidade de conhecer o lado mais doce, afetuoso e humano da academia na companhia de vocês dois.

À professora, amiga e vizinha, Ruth, agradeço pelas conversas e pelos conselhos. Sua companhia e seu carinho foram fundamentais para seguir firme nesta trajetória. Muito obrigada por tudo! Aos queridos amigos, Laercio, Maurício, Fernando e Simone, obrigada! Vocês me inspiram!

À minha orientadora, professora Doralice, faço um agradecimento especial, por ter me aberto as portas desta Universidade e por ter me orientado e compreendido durante estes quatro anos.

Agradeço aos professores da banca, Giovani, Renato, Márcia e Alysson, por terem contribuído com a tese desde o projeto de qualificação.

Aos integrantes do grupo de pesquisa LEPSCEA, Laboratório de Estudos e Pesquisas Socioculturais em Esporte Adaptado, agradeço imensamente pelos momentos de estudos coletivos, reflexões e contribuições nesta pesquisa.

Aos participantes dos grupos investigados, meu muito obrigada! Sem vocês esta pesquisa não teria sido possível. Também agradeço a acolhida e ajuda da Associação dos Deficientes Físicos do Paraná (ADFP) e da Associação Paranaense de Assistência ao Paraplégico (APAP).

Agradeço a Universidade Federal do Paraná, o Departamento de Educação Física e os professores que fizeram parte desta história. Também estendo um agradecimento especial ao secretário do programa de pós-graduação, Rodrigo, por sempre estar disposto a me ajudar em todas as situações. Você faz toda a diferença! Agradeço a CAPES por ter me oportunizado o recebimento de bolsa durante grande parte do curso.

À minha família, gratidão pela compreensão, amor e apoio.

Florianópolis, Santa Catarina
Bianca Poffo.

*Mais do que máquinas, precisamos de humanidade. Mais do que
inteligência, precisamos de afeição e doçura.*
(CHARLES CHAPLIN)

RESUMO

Alguns estudos têm apontado que a cobertura midiática do esporte paralímpico vem crescendo. Vários desses estudos, no entanto, também têm questionado a abordagem dessa cobertura, que pode tanto gerar percepções positivas quanto negativas em relação às pessoas com deficiência. Considerando essa realidade, investigamos a compreensão de pessoas com deficiência física, atletas e não atletas, a respeito da cobertura dos Jogos Paralímpicos do Rio 2016. Essa pesquisa foi de cunho qualitativo, descritivo e exploratório, e inspirou-se em algumas características dos estudos de recepção. Os dados foram produzidos com base em entrevistas coletivas estabelecidas durante os Jogos, envolvendo um total de 14 interlocutores. Um dos grupos foi composto por seis atletas de uma equipe masculina de basquetebol em cadeira de rodas; o segundo grupo incluiu cinco atletas de uma equipe de esgrima em cadeira de rodas; o terceiro grupo foi formado por três frequentadores da Associação de Assistência ao Paraplégico (AAP). De modo geral, todos os interlocutores consideraram que a cobertura midiática do evento foi escassa e que deveria ter recebido maior destaque nos meios de comunicação. Ainda assim, apesar desse apontamento inicial, os não atletas fizeram elogios aos conteúdos abordados e se mostraram mais satisfeitos com o que foi exibido. Já os atletas, devido à sua vivência e afinidade com o esporte, apresentaram uma visão mais crítica. Eles consideraram alguns profissionais da mídia despreparados, pois identificaram informações equivocadas nas narrações das competições e nas notícias. Eles também identificaram a reprodução de estigmas e preconceitos em conteúdos veiculados, bem como apontaram que as matérias enfocavam mais as deficiências e as histórias de vida supostamente tristes e trágicas dos desportistas do que as suas conquistas esportivas. No geral, os atletas afirmaram se sentir incomodados com discursos que se referem aos atletas paralímpicos como “coitadinhos” só porque eles têm uma deficiência. Eles igualmente afirmaram não apreciar discursos que colocam os atletas como super-heróis porque obtiveram êxito esportivo “apesar” das suas deficiências. Eles entendem que as conquistas dos atletas são fruto de treinamento, dedicação e disciplina, e que, portanto, não são algo extraordinário, que os eleva à uma categoria de super-humanos. Os desportistas também se mostraram frustrados com o fato de a mídia não criticar os atletas paralímpicos quando estes apresentaram um rendimento abaixo do esperado, como se eles fossem frágeis e precisassem ser protegidos. Outra crítica deles foi sobre a tendência da mídia não cobrir modalidades que contemplem deficiências as quais possam causar estranheza ao público. Em suma, para os atletas, a mídia deve tratá-los como atletas, enfocando menos as suas deficiências e mais a sua trajetória e suas conquistas esportivas. Os resultados deste estudo oferecem subsídios que podem contribuir para a qualificação da mídia na cobertura do esporte paralímpico.

Palavras-chave: Jogos Paralímpicos. Discurso midiático. Atletas paralímpicos.
Esporte paralímpico.

ABSTRACT

Some studies have pointed out that the media coverage of the Paralympic sport has been growing. Several of these studies, however, have also questioned the quality of this coverage, which can both generate positive and negative perceptions regarding people with disabilities. Considering this reality, we investigated the perception of people with disabilities, athletes and non-athletes, regarding the coverage of the Rio 2016 Paralympic Games. This research was qualitative, descriptive and exploratory, and was inspired by some characteristics of the reception studies. The data were produced based on focus groups established during the Games, involving a total of 14 interviewed. One of the groups was composed of six athletes from a male basketball team in a wheelchair; the second group included five athletes from a fencing team in a wheelchair; the third group was formed by three members of the Paraplegic Assistance Association (APAP). In general, all the participants considered that the media coverage of the event was scarce and that it should have received greater attention in the media. Nevertheless, despite this initial remark, non-athletes praised the contents and were more satisfied with what was shown. The athletes, due to their experience and affinity with the sport, presented a more critical view. They found some media professionals unprepared because they identified misinformation in competition narratives and in the news. They also identified the reproduction of stigmas and prejudices in contents presented, as well as pointed out that the subjects focused more on the disabilities and supposedly sad and tragic life histories of athletes than their sports achievements. Overall, athletes reported feeling uncomfortable with speeches that refer to Paralympic athletes as "poor little" just because they have a disability. They also said they did not appreciate speeches that put athletes as superheroes because they had achieved sporting success "despite" their disabilities. They think that the achievements of athletes are the result of training, dedication and discipline, and therefore are not something extraordinary, which elevates them to a category of superhumans. Athletes were also frustrated that the media did not criticize Paralympic athletes when they performed poorly, as if they were fragile and needed to be protected. Another criticism of them was about the tendency of the media not to cover modalities that contemplate disabilities that may cause strangeness to the public. In short, for the athletes, the media should treat them as athletes, focusing less on their disabilities and more on their trajectory and their sports achievements. The results of this study offer subsidies that can contribute to the qualification of the media in the coverage of the Paralympic sport.

Keywords: Paralympic Games. Mediatic discourse. Paralympic athletes.
Paralympic Sport.

LISTA DE FIGURAS

FOTOGRAFIA 1 - ACADEMIA MESTRE KATO – TREINO DE ESGRIMA EM CR ..	65
FOTOGRAFIA 2 - ACADEMIA MESTRE KATO – TREINO DE ESGRIMA EM CR ..	65
FOTOGRAFIA 3 - ACADEMIA MESTRE KATO – TREINO DE ESGRIMA EM CR ..	66
FOTOGRAFIA 4 - ACADEMIA MESTRE KATO – TREINO DE ESGRIMA EM CR ..	66
FOTOGRAFIA 5 - EQUIPAMENTOS DA ESGRIMA (AS TRÊS ARMAS: ESPADA, SABRE, FLORETE, A MÁSCARA E A SAIA DE PROTEÇÃO.....	67
FOTOGRAFIA 6 - ACADEMIA MESTRE KATO.....	67
FOTOGRAFIA 7 - ACADEMIA MESTRE KATO.....	68
FOTOGRAFIA 8 - DEF/UFPR - TREINO DO BASQUETEBOL EM CADEIRA DE RODAS	70
FOTOGRAFIA 9 - DEF/UFPR - TREINO DO BASQUETEBOL EM CADEIRA DE RODAS	70
FOTOGRAFIA 10 - DEF/UFPR - TREINO DO BASQUETEBOL EM CADEIRA DE RODAS	71
FOTOGRAFIA 11 - DEF/UFPR – APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO	71
FOTOGRAFIA 12 - APAP – LOCAL DE ACESSO LATERAL À ASSOCIAÇÃO	73
FOTOGRAFIA 13 - APAP – LOCAL DE ACESSO À SALA DE FISIOTERAPIA.....	73
FOTOGRAFIA 14 - APAP – PARTE FRONTAL DA ASSOCIAÇÃO	74
FOTOGRAFIA 18 – SALTO EM DISTÂNCIA	140
FOTOGRAFIA 19 – ATLETISMO	140
FOTOGRAFIA 20 - CHEGADA DE ATLETA.....	141
FOTOGRAFIA 21 – BASQUETEBOL EM CADEIRA DE RODAS.....	143
FOTOGRAFIA 22 – BASQUETEBOL EM CADEIRA DE RODAS.....	144
FOTOGRAFIA 23 – ATLETISMO	145

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - PROGRAMAS QUE COSTUMAM ASSISTIR.....	87
GRÁFICO 2 – USO DA INTERNET	89

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - CANAIS DE TELEVISÃO CITADOS PELOS INTERLOCUTORES.....	86
QUADRO 2 - ACESSO À INTERNET	88

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

- ADFP - Associação dos Deficientes Físicos do Paraná
- APAP - Associação Paranaense de Assistência ao Paraplégico
- CPB - Comitê Paralímpico Brasileiro
- DEF - Departamento de Educação Física
- JO - Jogos Olímpicos
- JP - Jogos Paralímpicos
- IAAF - *Association of Athletics Federation*
- IBGE - Instituto Brasileira de Geografia e Estatística
- IBOPE - Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística
- ONU - Organizações das Nações Unidas
- UFPR - Universidade Federal do Paraná
- UFS - Universidade Federal de Sergipe
- IPC - *International Paralympic Committee* (Comitê Paralímpico Internacional)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
1 CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA	29
1.1 DEFICIÊNCIA E ESTIGMA	29
1.2 O DESENVOLVIMENTO DO ESPORTE PARALÍMPICO	36
1.3 ESPORTE PARALÍMPICO E A MÍDIA	39
1.3.1 A produção científica relacionada com a mídia e o esporte paralímpico.....	41
1.4 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO: APROXIMAÇÕES COM OS ESTUDOS DE RECEPÇÃO E COM A TEORIA DAS MEDIAÇÕES.....	53
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	57
2.1 PRODUÇÃO DE DADOS.....	58
2.2 ANÁLISE DE DADOS.....	61
3 DESCRIÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA E DOS INTERLOCUTORES	63
3.1 CARACTERIZAÇÃO DOS INTERLOCUTORES DA PESQUISA	74
3.1.1 Destaque para algumas palavras citadas pelos interlocutores.....	83
3.1.2 Caracterização dos interlocutores e relações com as mediações.....	86
3.2 CARACTERIZAÇÃO DOS CONTEÚDOS MIDIÁTICOS	91
4 COBERTURA MIDIÁTICA DO ESPORTE PARALÍMPICO	94
4.1 POUCO ESPAÇO DEDICADO AO ESPORTE PARALÍMPICO NA MÍDIA	94
4.2 A ÊNFASE EM ESTÓRIAS TRÁGICAS DE VIDA AO INVÉS DE UM ENFOQUE NAS MODALIDADES ESPORTIVAS E NA ESPORTIVIDADE DOS ATLETAS ...	100
4.3 FALTA DE CONHECIMENTO E GAFES NA COBERTURA MIDIÁTICA	104
4.4 O MEDO DE TRATAR O ATLETA PARALÍMPICO DA MESMA FORMA QUE SE TRATARIA UM ATLETA OLÍMPICO	110
5 ESTIGMAS RELACIONADOS AOS ATLETAS PARALÍMPICOS	115
5.1 PRECONCEITO E ESTEREÓTIPO NO CONTEXTO ESPORTIVO	116
6 NOTAS SOBRE A BELEZA DO CORPO DOS ATLETAS E DA ESTÉTICA DO ESPORTE PARALÍMPICO	131
6.1 ATLETAS PARALÍMPICOS: ENTRE A BELEZA E A ESTRANHEZA	132
7 DO “COITADINHO” AO SUPER-HERÓI	149
7.1 PELAS LENTES DA MÍDIA E DOS INTERLOCUTORES: OS ATLETAS SÃO “COITADINHOS”?	149
7.2 HEROÍSMO, DEDICAÇÃO E SUPERAÇÃO – DESMISTIFICANDO O MITO .	158

CONSIDERAÇÕES FINAIS	163
REFERÊNCIAS.....	171
APÊNDICE 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	178
APÊNDICE 2 – QUESTIONÁRIO.....	181
APÊNDICE 3 – QUESTIONÁRIO RECORDATÁRIO	187
ANEXO 1 – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	201

PRÓLOGO

Sobre a Bia, sua história e suas inspirações.

Minha vida sempre foi permeada por esportes, por brincadeiras e por movimento. Cresci numa pequena cidade chamada Lontras, no interior de Santa Catarina. Lá meu irmão e eu brincamos juntos durante toda a infância. Aprendi a andar de bicicleta, aprendi a jogar voleibol e sempre acompanhava meus pais nas caminhadas diárias. Aliás, minha família é constantemente citada e lembrada em meus relatos e histórias, neste não seria diferente.

Este foi o começo de uma vida de muito movimento e pouca inércia.

Filha de professora, sempre estive envolvida com as atividades extras que minha mãe levava para casa. Ajudava a confeccionar cartazes, pintava, recortava, decorava, escrevia e adorava fazer tudo isso. Com o tempo fui vendo o amor que minha mãe tinha por esta profissão e o quanto ela exercia seu papel de professora da forma mais humana e admirável possível. Acredito que esta parte da minha história certamente influenciou minha escolha ao ingressar na Universidade Federal de Santa Catarina, no curso de licenciatura em Educação Física.

Durante a graduação comecei a praticar corrida, modalidade que sou apaixonada até hoje, comecei a pedalar e fui descobrindo a ilha e seus encantos sobre duas rodas. No segundo semestre da graduação entrei no grupo de pesquisa Laboratório e Observatório da Mídia esportiva (LaboMídia), grupo que faço parte há 11 anos. Neste tempo, participei de pesquisas coletivas que investigaram produtos de mídia (mídia impressa, mídia televisiva, portais de notícias, Twitter), bem como estudos de enquadramento. Desenvolvi uma pesquisa de Iniciação Científica sobre legados de megaeventos esportivos, produzi meu Trabalho de Conclusão de Curso sobre o tema, como também minha pesquisa de mestrado. Durante este período sempre estive envolvida com pesquisas sobre o esporte convencional.

Para além da trajetória acadêmica, durante todo este tempo de formação acadêmica tive a felicidade de conhecer e conviver com professores que me fizeram ver o quanto a docência é bonita e importante no desenvolvimento dos jovens que estão na Universidade, na Escola e em todas as instituições escolares. Durante minha

formação acadêmica meu irmão também se tornou professor universitário e passei a ter mais uma prova da importância e dos desafios desta profissão em casa.

Esses professores me mostraram na teoria e na prática que a docência é uma missão a ser desempenhada todos os dias com sensibilidade, ética e competência.

É neste contexto de exemplos e inspirações que a epígrafe desta tese remete à este “olhar humano” que vivenciei na minha família e na Universidade. Olhar este, que se torna cada dia mais raro entre as pessoas. Este cenário para mim é inquietante, principalmente por resultar muitas vezes na falta de sensibilidade, falta de empatia e na indiferença para com o outro. Esta tese foi escrita em um período em que o país atravessa tempos sombrios, de polarização e de radicalismo político, de ódio, algumas barbáries anunciadas, como o desmonte dos direitos conquistados pelos trabalhadores, pedidos de ditadura(!), liberdade de expressão ameaçada, entre outros. Por isto a frase tão conhecida de Charles Chaplin abre esta tese e convida o leitor a lançar este olhar sensível e humano sobre o meu objeto de pesquisa, centrado nas pessoas com deficiência física, nas suas particularidades e nas suas capacidades.

Após os anos de aprendizado na UFSC, no ano de 2014 ingressei no Doutorado na Universidade Federal do Paraná. Me mudei para Curitiba e por lá continuei minha descoberta pelos espaços sobre duas rodas e através da corrida. Também comecei a descobrir o mundo dos esportes adaptados e paralímpicos, por meio do Laboratório de Estudos e Pesquisas socioculturais sobre o esporte adaptado (LEPSCEA) liderado por minha orientadora. À medida que fui me aproximando do tema, a influência e a acolhida da minha professora e vizinha, Ruth Cidade, foi fundamental para despertar o interesse pela esgrima e pelo basquetebol em cadeira de rodas. Aos poucos a pesquisa foi sendo delineada entre a inspiração nos estudos de recepção e a aspiração em refletir sobre a voz as pessoas com deficiência física praticantes de esporte paralímpico.

Durante a fase da pesquisa empírica, me aproximei da Associação dos Deficientes Físicos do Paraná. Conheci os atletas da esgrima em cadeira de rodas e me interessei por ajudar a equipe e a participar mais ativamente do cotidiano deles, mesmo após o fim da produção dos dados da tese. Me tornei voluntária da equipe por pouco mais de um ano (entre setembro de 2016 a dezembro de 2017). Neste período eu auxiliei nos treinos uma vez por semana e fui convidada a viajar para três competições nacionais com eles (ambas no Centro de Treinamento Paralímpico em

São Paulo). Durante este tempo me tornei mais próxima dos atletas, da comissão técnica e aprendi minimamente a jogar esgrima em CR. No início tive dificuldades de me aproximar de alguns atletas, mas depois de algumas semanas de convivência, eu entendi o porquê da resistência inicial deles em me receber naquele espaço. Neste tempo, ouvi algumas frases emblemáticas dos atletas, como: “Normalmente o pessoal da Universidade vem aqui, coleta os dados e nunca mais aparece, nem pra dar um retorno sobre a pesquisa!”. Não há como ficar indiferente a este tipo de afirmação. Estas e outras frases despertaram reflexões sobre minha trajetória acadêmica e pessoal, sobre o compromisso e também o papel da Universidade enquanto um espaço de formação, tanto para os discentes, quanto para os sujeitos que se dispõem a colaborar com as pesquisas de forma voluntária.

Depois de alguns meses dividindo o tempo nos treinos, alguns cafés e alguns quilômetros de viagens, comecei a me sentir “integrante da equipe” e “aceita” pelo grupo. Por isto, acredito que este período de voluntariado tenha apurado ainda mais o meu olhar para questões sensíveis e que vão além da produção científica e acadêmica.

INTRODUÇÃO

“É tempo de esperança e reflexão. Em ter a pessoa com deficiência com mais respeito, dignidade e oportunidade. É a questão de entender a diferença e aceitar o outro como ele é”¹.

O Brasil sediou grandes eventos esportivos desde o ano de 2007, com a realização dos Jogos Pan-Americanos e Para-Pan Americanos, no Rio de Janeiro, a Copa das Confederações de 2013, a Copa do Mundo de 2014, em doze cidades-sede espalhadas pelo país, e por fim, a organização dos Jogos Olímpicos (entre 5 a 21 de agosto de 2016) e Paralímpicos do Rio (2016) (entre 7 e 18 de setembro). A organização de megaeventos esportivos como os que ocorreram no país foi acompanhada de interesses da mídia brasileira e internacional de fazer a cobertura jornalística esportiva das competições em larga escala, visto que, conforme aponta Pires (2002, p. 90), o esporte oferece “o *show* já pronto, pois o cenário, o roteiro, os atores, os expectadores e até os (tele)consumidores estão antecipadamente garantidos, o que facilita a sua transformação em produto facilmente comercializado/consumido em escala global”.

A apropriação especialmente do esporte paralímpico pela mídia brasileira, por se tratar de uma prática esportiva mais recente, tem sido feita de forma mais intensa ultimamente, devido a algumas ações do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), criado em 1995. O órgão é responsável por representar e promover o movimento paralímpico no país e tem realizado ações que buscam a promoção e o desenvolvimento do esporte paralímpico, a universalização do acesso à prática esportiva e a aproximação entre a mídia brasileira e o esporte paralímpico. Dentre algumas das ações do CPB (MIRANDA, 2011), destacamos as seguintes: o convite a jornalistas para que cubram

¹ Trecho retirado do discurso de Leonardo Mataruna na cerimônia de encerramento dos Jogos Paralímpicos do Rio 2016, transmitida pela SporTV no dia 18/09/2016.

os Jogos Paralímpicos, garantindo sua divulgação por meio de notícias na mídia brasileira; a compra dos direitos televisivos de transmissão, para redistribuir o sinal de forma gratuita às principais redes de TV brasileiras; e a intensa divulgação de conteúdos relacionados ao esporte paralímpico nas redes sociais do CPB (Facebook, Instagram, Snapchat e Twitter).

Vimos como uma oportunidade o fato de os Jogos Paralímpicos (JP) Rio (2016) mostrarem o esporte para pessoas com deficiência no contexto do alto rendimento, que contém elementos de emoção e disputa, assim como o esporte convencional. Em eventos paradesportivos como este, os atletas buscam a excelência atlética (MARQUES; GUTIERREZ, 2014), o que pode ajudar a desmistificar a ideia de que pessoas com deficiência são frágeis, incapazes, inativas, perdedoras ou vítimas, possibilitando, por meio do JP, uma posição de destaque a essas pessoas. Pereira, Monteiro e Pereira (2011) afirmam que, por meio do aumento da visibilidade dessas pessoas na mídia e no contexto esportivo, pode ser possível destacar as capacidades físicas e atléticas dos atletas paralímpicos. É também possível desmistificar a imagem destes como limitados, dependentes e passivos, a qual é comumente reproduzida por pessoas que desconhecem o esporte para pessoas com deficiência e competições de alto rendimento.

Fizemos a escolha de ir a campo e investigar especificamente os Jogos Paralímpicos Rio 2016, pois entendemos que se trata de um evento importante e de magnitude mundial. Vislumbramos a oportunidade de desenvolver um estudo inovador sobre a temática no Brasil. Ao mesmo tempo em que desenvolvemos o nosso estudo, um de nossos colegas do LEPSCEA, investigava o processo de produção de notícias sobre os Jogos Paralímpicos do Rio no que diz respeito aos processos, critérios e valores do jornalismo esportivo paralímpico. Os interlocutores do estudo dele foram profissionais ligados a jornais impressos e à televisão e que haviam feito a cobertura dos Jogos do Rio *in loco* ou direto da redação.

A realização dos Jogos Paralímpicos, de certa forma, aumentou a visibilidade do esporte e do atleta paralímpico no Brasil. Andrew Parsons, atual presidente do Comitê Paralímpico Internacional (International Paralympic Committee – IPC) e ex-

presidente do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB)², afirmou em uma entrevista após a realização dos JP³ que o maior legado do evento para o Brasil foi uma mudança na percepção da sociedade em relação à pessoa com deficiência, uma vez que colocou em evidência os potenciais e as capacidades dessas pessoas. Vale ressaltar, no entanto, que a mídia vem historicamente reproduzindo determinados estereótipos e estigmas que não contribuem com essa realidade (BRUCE, 2014a; DE LÉSÉLEUC; PAPPOUS; MARCELLINI, 2009; FIGUEIREDO, 2014; GONÇALVES; ALBINO; VAZ, 2009; HILGEMBERG, 2014a; MARQUES et al., 2014; PAPPOUS et al., 2009; ZOBOLI; QUARANTA; MEZZARROBA, 2013; MARQUES et al., 2015). Hilgemberg (2014a), por exemplo, verificou que durante os Jogos de Atlanta (1996), Sydney (2000), Atenas (2004) e Pequim (2008), os atletas foram retratados pela mídia impressa portuguesa e brasileira ou como “coitadinhos” ou como “super-heróis”. A autora enfatiza a importância dos meios de comunicação, pois reconhece que a pouca informação de que dispomos sobre o esporte paralímpico vem da mídia e que esta, por sua vez, tem o poder de optar pelo tipo de abordagem mais adequada para a informação que será veiculada sobre o esporte de alto rendimento para pessoas com deficiência ou reproduzindo um discurso carregado de estigmas e estereótipos.

Nesta pesquisa, usaremos o conceito de estigma relacionado aos atletas paralímpicos. Para Goffman (1988), o estigma faz referência a um atributo profundamente depreciativo, normalmente associado a uma pessoa ou a um determinado grupo, construído e consolidado por pessoas tidas como “normais”. O estigma ocorre nas relações sociais, ou seja, quando uma característica de um indivíduo ou de um grupo provoca uma reação negativa por parte de mais indivíduos que não a possuem. Por isso, esse comportamento pode ser entendido como uma forma de inferiorização dos sujeitos, capaz de criar falsos sentidos e veicular discursos discriminatórios, vitimizantes e marginalizantes. As produções científicas citadas anteriormente apontam para uma tendência, no discurso midiático, de estigmatizar os atletas como “coitadinhos” e/ou vítimas que superam a deficiência e realizam feitos incríveis.

Na obra *Sociologia do corpo*, o sociólogo Le Breton (2006) apresenta

² Por duas gestões consecutivas, de 2009 a 2017.

³ Entrevista concedida em 26/09/2016 para o programa Roda Viva.

possibilidades de campos de pesquisa dos imaginários sociais do corpo e tematiza o “corpo deficiente”. Conforme discutimos anteriormente, o autor explica que as sociedades ocidentais estigmatizam as pessoas com base em suas deficiências, fazendo uma avaliação negativa das mesmas. O autor também afirma que, ao falar de corpo deficiente, tende-se a perceber e tratar a pessoa como um “ser deficiente”, ao invés de alguém que “possui” uma deficiência. Este entendimento de Le Breton será importante para várias das discussões que faremos neste trabalho.

Cidade e Freitas (2009, p. 31) apontam que as pessoas com deficiência são rotuladas como incapazes, ineficientes e vítimas. Esses rótulos funcionam como marcas, sinais e taxaço, que, em outras palavras, traduzem-se como estigma. Conforme as autoras, estereótipo e estigma são ferramentas do preconceito e da segregação, em uma dinâmica do desconhecimento que pode levar a um círculo vicioso nas relações sociais.

Conforme aponta Hilgemberg (2014), o esporte para pessoas com deficiência tem colaborado para a melhoria da qualidade de vida destas, facilitado o seu processo de integração na sociedade de forma geral e na mídia. Os Jogos Paralímpicos são o símbolo do expoente máximo dessa manifestação esportiva e têm contribuído com a divulgação do esporte para pessoas com deficiência, na medida em que vem recebendo um incremento na atenção midiática. Também, por isso, os Jogos se constituem uma oportunidade para a quebra de estereótipos e estigmas.

No contexto das pesquisas internacionais, alguns autores vem investigando estigmas relacionados às pessoas com a deficiência (ex. BRAYE; DIXON; GIBBONS, 2013; BRUCE, 2014; DE LÉSÉLEUC, 2012; HARDIN; HARDIN, 2004; HOWE, 2011; PAPPOUS; MARCELLINI; DE LÉSÉLEUC, 2011; PAPPOUS et al., 2009; PURDUE; HOWE, 2012; SILVA; HOWE, 2012). Estes trabalhos, de uma forma geral buscam averiguar a cobertura midiática do esporte paralímpico em países como Espanha, Alemanha, Portugal, Londres, França, Nova Zelândia e Grécia. A maioria dessas pesquisas analisou as fotografias relacionadas aos Jogos Paralímpicos nos jornais de um ou mais desses países e/ou investigou os conteúdos que possivelmente podem estigmatizar atletas com deficiência. Já uma dessas pesquisas se baseou em questionários *on-line* (BRAYE; DIXON; GIBBONS, 2013) e outras produziram dados por meio de entrevistas com pessoas envolvidas com o esporte paralímpico (p. ex. pessoas com deficiência, ativistas e filiados a organizações voltadas aos direitos das pessoas com deficiência, atletas, ex-atletas, gestores esportivos ativos/aposentados

e pesquisadores da área) (HARDIN; HARDIN, 2004; MARQUES et al., 2014; MARQUES et al., 2015; PURDUE; HOWE, 2012).

No contexto nacional, existem também alguns estudos (FIGUEIREDO, 2014; FIGUEIREDO; NOVAIS, 2011; GONÇALVES; ALBINO; VAZ, 2009; HILGEMBERG, 2014; HILGEMBERG, 2014b; MARQUES et al., 2013; MARQUES et al., 2014; ZOBOLI; QUARANTA; MEZZARROBA, 2013) sobre a cobertura midiática⁴ do esporte para pessoas com deficiência. De modo geral, as pesquisas analisaram produtos da mídia, por exemplo, os jornais impressos “O Globo” e “O Estado de São Paulo” (HILGEMBERG, 2014a), a “Folha de São Paulo” e o “Lance” (GONÇALVES; ALBINO; VAZ, 2009; SANTOS et al., 2018; POFFO et al., 2017). Outros estudos se focaram em portais de notícias como o “Globo.com” (ZOBOLI; QUARANTA; MEZZARROBA, 2013), o “Universo Online – UOL” (NOVAIS; FIGUEIREDO, 2010) e o “Globoesporte.com” (FIGUEIREDO, 2014; POFFO et al., 2017). Ainda, outros estudos se centraram em revistas como a “Veja” (HILGEMBERG, 2014a) e “A+” (GONÇALVES; ALBINO; VAZ, 2009). Marques et al. (2014) entrevistaram atletas paralímpicos brasileiros e seu ponto de vista sobre os conteúdos, os meios e a abrangência da cobertura midiática a respeito do esporte paralímpico.

Embora haja estudos que analisam a produção midiática, conforme aponta Antunes (2007), poucos investigam como os discursos e as narrativas são tratados pelos receptores. São poucos os exemplos de trabalhos (MARQUES et al., 2014; MARQUES et al., 2015; HARDIN; HARDIN, 2004; PURDUE; HOWE, 2012; BRAYE; DIXON; GIBBONS, 2013) que investigaram como as pessoas percebem o discurso midiático sobre o esporte e atletas paralímpicos por meio de entrevistas e/ou aplicação de questionários.

A pesquisa desenvolvida por Marques et al. (2014) investigou o ponto de vista de atletas brasileiros sobre conteúdos, meios e abrangência da cobertura midiática relativa ao esporte paralímpico. Os autores realizaram entrevistas semiestruturadas com 23 atletas brasileiros do esporte adaptado, dos seguintes níveis de competição: regional, nacional, internacional e participação em Jogos Paralímpicos. A maioria dos

⁴ Nas pesquisas de Tatiane Hilgemberg Figueiredo (NOVAIS; FIGUEIREDO, 2010; FIGUEIREDO; NOVAIS, 2011), existem comparações entre os dados coletados de mídias brasileiras e portuguesas.

atletas entrevistados entende que a cobertura da mídia não é satisfatória e atribui a falta de conhecimento sobre o esporte paralímpico a esse fato. Alguns atletas apontaram que a divulgação do esporte paralímpico é eventual, não ocorre durante todo o ciclo paralímpico, e acreditam que tem se intensificado no Brasil por conta das Paralimpíadas. Ao mesmo tempo, alguns se mostraram otimistas com a possibilidade de aumento dessa cobertura, considerando que a mídia atualmente está se tornando mais espontânea, ou seja, está cobrindo eventos competitivos sem a necessidade de haver intervenção e convites por parte do CPB. De acordo com os atletas, o esporte paralímpico está ganhando notoriedade. Os autores também investigaram qual a preferência em relação ao tipo de abordagem – das dificuldades dos atletas e/ou dos feitos esportivos. A maioria deles afirmou que prefere ser reconhecida por sua boa forma e preparo físico do que pelas suas histórias de superação. Com base na pesquisa realizada por Marques et al. (2014), pudemos perceber que não há consenso entre esses atletas de diferentes modalidades no que diz respeito à cobertura da mídia, o que indica uma necessidade de mais investigações sobre o tema no contexto brasileiro.

Marques et al. (2015) também entrevistou nove atletas portugueses paralímpicos. Os atletas criticaram o fato de que, embora em crescimento, a cobertura midiática ainda não é satisfatória. Eles também chamaram a atenção para o fato de que a cobertura é sazonal e pontual, tendendo a se focar apenas na divulgação de notícias com resultados de grandes eventos, negligenciando a transmissão das competições.

Hardin e Hardin (2004) entrevistaram 10 atletas jogadores de basquete em cadeira de rodas (CR). Os autores investigaram como esses atletas avaliam a abordagem midiática de atletas como “*supercrips*”⁵, ou seja, como “superdeficientes” ou “super-heróis”. Os entrevistados demonstraram opiniões diferentes no que diz respeito a essa abordagem, ou seja, não entraram em um consenso. Alguns declararam que a abordagem *supercrip* pode ser positiva, pois mostra que os atletas possuem qualidades e capacidades atléticas. Eles temem que, sem esse tipo de abordagem, o esporte paralímpico não seja tão reconhecido. No entanto, ao mesmo

⁵ Quando os atletas são noticiados como heróis que, mesmo tendo desvantagens devido às suas deficiências, conseguem superá-las e realizam feitos extraordinários.

tempo que alguns pensam que essa abordagem tem as suas vantagens, eles também acreditam que esse tipo de discurso pode promover a ideologia capacitista (*ableism*). Ou seja, eles temem que se estabeleça uma cultura de se valorizar grandes capacidades de modo que se tome os feitos de atletas paralímpicos como referência para o que pessoas com deficiência podem fazer, passando a sociedade a cobrar de todas essas pessoas, independentemente de suas condições, resultados similares, o que não é possível.

Purdue e Howe (2012) entrevistaram 20 pessoas envolvidas com o esporte paralímpico, sendo estas atletas e ex-atletas paralímpicos, gestores esportivos ativos e aposentados, defensores dos direitos das pessoas com deficiência e pesquisadores da área. O intuito da pesquisa foi investigar se a intenção do Comitê Paralímpico Internacional de utilizar o esporte para pessoas com deficiência e os Jogos Paralímpicos para capacitar e empoderar pessoas com deficiência se efetiva na prática. Os autores perceberam que os atletas paralímpicos, por estarem diretamente envolvidos com os Jogos, são os indivíduos que têm maiores chances de se fortalecer com sua participação neles. Nesse sentido, os autores criticam o fato de essa capacitação e esse fortalecimento se restringirem apenas aos atletas, e não alcançarem outras pessoas com deficiências. A questão da classificação e da elegibilidade também foi levantada por um entrevistado que era pesquisador. Este apontou que os Jogos Paralímpicos podem promover o esporte voltado a pessoas com deficiência para um público amplo, no entanto, os Jogos mostram apenas certos tipos de deficiências, pois não são todas que se encaixam nas classificações existentes.

Braye, Dixon e Gibbons (2013) investigaram a opinião de ativistas com deficiência sobre a possibilidade de igualdade entre pessoas com deficiência e atletas com base nos Jogos Paralímpicos. Os autores aplicaram 32 questionários *on-line* com perguntas abertas sobre temas específicos. Os interlocutores da pesquisa foram membros de organizações de pessoas com deficiência do Reino Unido, organizações estas ligadas ao *United Kingdom Disabled People's Council* (Conselho Popular de Pessoas com Deficiência do Reino Unido, tradução nossa). Eles citaram alguns pontos que se configuram como negativos para a igualdade entre pessoas com deficiência e atletas com deficiência, baseados na percepção de que os Jogos Paralímpicos podem beneficiar apenas os atletas. Os ativistas explicaram que as classificações não permitem que todas as deficiências sejam incluídas nos Jogos e

que os atletas em destaque têm oportunidade de mostrar a capacidade esportiva que eles possuem. Eles também ressaltaram, entretanto, que a maioria das pessoas com deficiência não têm seus mínimos direitos garantidos, e que, portanto, encontram-se em uma realidade completamente diferente da dos atletas de alto rendimento. De modo geral, eles deram opiniões críticas a respeito do papel que a mídia desempenha nos Jogos Paralímpicos, afirmando que estes podem contribuir para reforçar estereótipos negativos e repassar uma falsa impressão de que qualquer pessoa pode praticar esporte. Mais da metade dos interlocutores afirmou que não há interesse por parte da mídia em explicar o sistema de classificação dos atletas dentro de cada modalidade em específico, fato que é fundamental para a compreensão de seu funcionamento (e que os próprios atletas, que são do meio esportivo, reconheceram ter dificuldades de entender). Eles também afirmaram que a mídia tende a contar histórias trágicas dos atletas e a tratá-los como *supercrrips/superdeficientes/superheróis*. Segundo os entrevistados, esse tipo de narrativa se faz interessante para a mídia do que os conteúdos menos glamorosos associados a experiências típicas da deficiência porque pode atrair mais audiência.

Neste estudo, propomo-nos a investigar um tema ainda pouco estudado no Brasil, tendo em vista o tempo de existência do esporte adaptado e sua importância no processo de reabilitação e inclusão de pessoas que nascem com alguma deficiência ou a adquirem ao longo da vida. No decorrer do processo de doutoramento, integrei o grupo de pesquisa dessa área de concentração o qual realizou pesquisas de produtos da mídia (SANTOS et al., 2018; POFFO et al., 2017; POFFO et al., 2018⁶, VELASCO et al., 2018⁷) e pudemos investigar algumas tendências da cobertura midiática nos últimos anos, como o crescimento de conteúdos publicados ao longo dos últimos 20 anos na Folha de São Paulo, bem como alguns estigmas relacionados aos atletas em portais de notícias e na mídia impressa.

Nesse contexto, entendemos a mídia como sendo a principal mediação tecnológica da comunicação humana, que pode criar produtos revestidos de interesses, sentidos e significados. Ela pode produzir alterações no imaginário social, que por sua vez podem recair sobre as práticas humanas em todas as esferas sociais,

⁶ No prelo.

⁷ No prelo.

gerando assim modificações intencionais no campo das crenças, dos valores e dos comportamentos dos sujeitos expostos à mídia (JACKS, 1999). A cobertura da mídia, portanto, desempenha um papel fundamental nas percepções do público em geral sobre as questões da deficiência, podendo gerar percepções positivas, negativas ou perpetuar estereótipos sobre as pessoas com deficiência.

Dependendo da abordagem e das estratégias adotadas pelos veículos midiáticos, os conteúdos reproduzidos podem ter um caráter estigmatizante e estereotipado, dando ênfase na história trágica dos atletas e pouco espaço no que diz respeito ao contexto esportivo. Nesses casos, o estigma de “coitadinhos”, vítimas, dignos de pena, incapazes, dependentes ou passivos, segundo Goffman (1988), cria o efeito de personificar a pessoa com base em seu atributo negativo. Dessa forma, outros atributos e capacidades ficam ocultos e não são considerados. A estigmatização de pessoas com deficiência precisa ser estudada e melhor compreendida, para que se possa contribuir com a melhora da abordagem midiática. Vale ressaltar, ainda, que os produtores de notícias no contexto do esporte paralímpico, em sua maioria, são pessoas que não possuem deficiência, o que nos instiga ainda mais a investigar a opinião e as impressões dos nossos interlocutores.

Diante do que dissemos até então, este estudo apresenta o seguinte problema de pesquisa: Como pessoas com deficiência física compreendem as notícias veiculadas sobre o esporte e atletas paralímpicos durante os Jogos Paralímpicos Rio (2016)?

Objetivo geral

Como forma de entender o problema proposto, o objetivo geral desta pesquisa foi: investigar a compreensão de pessoas com deficiência física, atletas e não atletas, a respeito da cobertura dos Jogos Paralímpicos do Rio 2016.

Questões de investigação

Como forma de nos auxiliar na compreensão do objetivo geral proposto para esta pesquisa, traçamos os seguintes objetivos específicos:

2) Descrever e analisar a percepção de pessoas com deficiência física, atletas e não atletas, sobre notícias veiculadas pelos meios de comunicação durante os Jogos Paralímpicos Rio 2016 e;

3) Identificar diferenças e semelhanças entre os discursos dos interlocutores que praticam e que não praticam esporte.

1 CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção, apresentamos informações teóricas a respeito de conceitos que serão utilizados durante a discussão dos dados, como estigma e deficiência. Traçamos também um breve panorama histórico sobre o esporte paralímpico e, por fim, apresentamos dados sobre a produção científica nacional e internacional relacionada ao esporte e aos atletas paralímpicos.

1.1 DEFICIÊNCIA E ESTIGMA

Neste capítulo, vamos elucidar a definição de deficiência e introduzir o conceito de estigma, baseado principalmente na obra *Estigma*, do sociólogo e antropólogo Goffman (1988).

As deficiências, conforme Amaral (1995, p. 63): “são relativas a toda alteração do corpo ou aparência física, de um órgão ou de uma função, qualquer que seja sua causa; em princípio significam perturbações a nível de órgão”. Este estudo envolve interlocutores com deficiência física, a qual, segundo Cidade e Freitas (2009), caracteriza-se por toda e qualquer alteração da estrutura anatômica ou da função, que interfere na movimentação e/ou locomoção do indivíduo e que pode resultar em alguma dificuldade motora. As autoras classificam as deficiências motoras em ortopédicas (as quais envolvem problemas nos músculos, ossos e/ou articulações) e neurológicas (as quais envolvem deterioração ou lesões do sistema nervoso central). Estas podem se apresentar de duas formas: congênita ou adquirida. A primeira é quando o indivíduo já nasce com o impedimento; a segunda, quando desenvolve a condição no decorrer de sua vida (p. ex. acidentes e/ou doenças crônico-degenerativas).

Segundo Cidade e Freitas (2009), as deficiências físicas podem ser consideradas progressivas, como a distrofia muscular, ou permanentes, como a amputação. As causas podem ser divididas em pré-natal, durante o parto e após o nascimento. Na primeira situação, ocorrem problemas durante a gravidez que acabam

afetando o feto, por exemplo, toxoplasmose, sífilis, rubéola, meningite, desnutrição e má-formação congênita. A segunda é decorrente de algum comprometimento no sistema nervoso central do bebê, originado pela eritroblastose fetal, anoxia ou asfixia, traumatismo durante o parto ou prematuridade. Existem também outras causas de deficiência física que podem ocorrer ao longo da vida: infecções, traumatismos (quedas, acidentes, ferimentos por projéteis de armas) e alterações circulatórias (aneurisma).

De acordo com Amaral (1995), existem as deficiências primária e secundária. A deficiência primária engloba fatores intrínsecos e biológicos, como o dano causado pela deficiência, e o conseqüente impedimento (por exemplo, a restrição do movimento de um braço paralisado), e a deficiência secundária engloba fatores sociais e extrínsecos (como o desenvolvimento das relações sociais dessa pessoa com deficiência física). A deficiência secundária está ligada ao conceito de incapacidade, de desvantagem, ou seja, não é própria à diferença em si, mas à leitura social e à percepção que é feita dessa diferença. Como diria Goffman (1988), a deficiência secundária seria a leitura feita pelos “normais” dos “estigmatizados”. Estigma e expectativa estão lado a lado na construção da deficiência, pois as expectativas são ligadas ao meio e às relações sociais que poderão determinar as diferenças entre as pessoas com e sem deficiência (CIDADE; FREITAS, 2009).

Amaral (1995) e Coakley (2014), entre outros autores, discutem o que é conhecido como “modelo médico” e “modelo social” da deficiência. O modelo médico busca o diagnóstico da deficiência e, em seguida, usa estratégias para “curá-la” ou “corrigi-la”. Se o tratamento for “bem-sucedido”, o corpo ou a mente serão supostamente “normalizados” e a pessoa volta à sociedade. Caso o tratamento não “surta efeito”, são realizados programas de reabilitação para a pessoa superar sua “condição imperfeita” e garantir a sua participação pelo menos parcial na sociedade. O modelo médico tende a destacar as limitações das pessoas com deficiência como patologias que precisam de cuidados. Nesse modelo, caso as pessoas não busquem o devido tratamento médico e sejam marginalizadas, elas são culpabilizadas pela sua própria situação.

Já o modelo social destaca a possibilidade de relação plena e autônoma da pessoa com deficiência com a sociedade. Na esfera educacional, a década de 1980 – especialmente no ano de 1981 –, é marcada com a promulgação, pela Organização das Nações Unidas (ONU), do Ano Internacional das Pessoas Portadoras de

Deficiência, que culminou na criação de setores específicos para tratar dessa questão nos ministérios públicos de vários países. A Convenção das Nações Unidas sobre os direitos das pessoas com deficiência (2006) foi desenvolvida para reconhecer que estas têm o direito de usufruir de serviços de todas as áreas da cidadania, incluindo recreação, lazer e esportes. Esse modelo também reconhece que a deficiência é resultado de processos sociais, da interação entre pessoas com deficiência e das barreiras ambientais e atitudinais que afetam a plena participação social em um eixo de igualdade com as outras pessoas (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2006). Nesse caso, é a sociedade, a forma com que ela se organiza e as barreiras que cria, que agravam a marginalização das pessoas com deficiências.

Nessa perspectiva é o ambiente social que cria problemas à pessoa com deficiência. Nesse caso, cabe à sociedade eliminar barreiras físicas, programáticas e atitudinais para a inclusão destas pessoas, sendo [estas] dificuldades maiores do que a própria deficiência. (MARQUES, GUTIERREZ, 2014, p. 91).

Embora o modelo social tenha contribuído para que a deficiência seja vista e entendida como um problema social, isso não significa que as pessoas com deficiência possam deixar de lançar mão dos cuidados e recursos médicos necessários para amenizar as consequências da deficiência (COAKLEY, 2014; MARQUES; GUTIERREZ, 2010). Como o esporte paralímpico teve origem dentro de um hospital, como recurso de reabilitação de ex-combatentes de guerra que se tornaram paraplégicos nos combates, até hoje esse esporte carrega heranças do que se entende por “modelo médico” da deficiência (COAKLEY, 2014; MARQUES; GUTIERREZ, 2014).

No Brasil, segundo dados da Pesquisa Nacional de Saúde, realizada pelo IBGE em 2013⁸, a população brasileira estimada naquele ano era de 200,6 milhões de pessoas, sendo que aproximadamente 6,2% possuía alguma das quatro deficiências apresentadas a seguir. Com base nesses índices, a pesquisa divulgou os seguintes dados. A deficiência visual foi a mais representativa na população, com proporção de 3,6% da população, sendo que as pessoas de 60 anos ou mais de idade apresentaram

⁸ Disponível na íntegra em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv94522.pdf>>. Acesso em: 30 jun. 2018.

proporção superior (11,5%) à observada nos demais grupos de idade. Aproximadamente 1,3% da população declarou ter deficiência física, sendo que pessoas sem instrução ou com o ensino fundamental incompleto apresentaram percentual superior (1,9%) ao verificado nos demais níveis de instrução. Além destes, 1,1% da população declarou ter deficiência auditiva, que foi mais frequente para as pessoas sem instrução ou com o ensino fundamental incompleto (1,8%) e no grupo de 60 anos ou mais de idade (5,2%). Por fim, 0,8% da população declarou ter deficiência intelectual.

Já em 2014, o Ministério da Saúde apresentou dados mais recentes. Naquele ano, o país possuía cerca de 25 milhões de pessoas com alguma deficiência, aproximadamente 13% em comparação com a população total do país, que era de quase 207 milhões de pessoas. Em relação ao estado do Paraná, os dados do Censo de 2010 indicavam que cerca de 20% da população possuía algum tipo de deficiência⁹.

Em 1991, um importante passo foi dado em relação aos direitos das pessoas com deficiência no Brasil, pois foi criada a Lei de Cotas (n.º 8.213/1991) para garantir espaço no mercado de trabalho a essas pessoas. Se as empresas seguissem a Lei, pelo menos 827 mil postos de trabalho estariam disponíveis (dados do Ministério do Trabalho e Previdência Social – MTPS¹⁰). No entanto, apenas 381.322 vagas foram criadas, o que demonstra certa fragilidade na continuidade das políticas criadas, principalmente por falta de fiscalização.

A seguir, vamos introduzir o conceito de estigma baseado em Goffman (1988), uma vez que é fundamental para este estudo. O estigma constitui uma marca negativa atribuída a algumas pessoas, por exemplo, pessoas que têm deficiência, alcoólatras, viciados em drogas, ex-detentos. É gerado pelas relações interpessoais e pode, conseqüentemente, ser reproduzida pela mídia.

Segundo Goffman (1988), *estigma* foi um termo criado pelos gregos para se referir a sinais, marcas corporais com os quais se procurava identificar alguma coisa extraordinária ou má sobre o *status* moral de quem apresentava esses sinais. As

⁹ Da população total de 11,32 milhões de habitantes, aproximadamente 2,28 milhões possuíam alguma deficiência.

¹⁰ Disponível na íntegra em: <<http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2016/07/lei-de-cotas-para-pessoas-com-deficiencia-completa-25-anos>>. Acesso em: 30 jun. 2018.

marcas eram feitas no corpo do indivíduo com cortes ou fogo e avisavam que o portador delas era um escravo, um criminoso ou um traidor, ou seja, uma pessoa que deveria ser evitada, especialmente em lugares públicos. O termo hoje é usado semelhantemente ao sentido original, “porém é mais aplicado à própria desgraça do que à sua evidência corporal” (GOFFMAN, 1988, p. 11). Ele é aplicado, por exemplo, à “desgraça” de se ter uma deficiência e de ser diferente da maioria das pessoas. Assim, o estigma se estabelece nas relações sociais e pode impedir a plena aceitação dos indivíduos.

O autor explica que a sociedade estabelece meios de categorizar as pessoas, de modo que as qualidades ou os “defeitos” a elas atribuídos são considerados “comuns” ou “naturais” para si próprias. Ao se deparar com alguém que contém um atributo que o torna diferente dos outros, deixa-se de considerá-la uma criatura comum e reduz-se essa característica diferente a um estigma, que pode ser considerado como um defeito, fraqueza ou desvantagem. Normalmente, essa característica desfavorável impede que as pessoas que não a conhecem consigam focar em outra característica positiva que essa pessoa tenha, por exemplo, habilidades artísticas ou esportivas. Portanto, “o normal e o estigmatizado não são pessoas, e sim, perspectivas que são geradas em situações sociais durante os contatos mistos, em virtude de normas não cumpridas que provavelmente atuam sobre o encontro” (GOFFMAN, 1988, p. 149). O autor explica que as pessoas ditas “normais” criam expectativas normativas de acordo com suas preconceções e, ao se depararem com um indivíduo com deficiência ou com um ex-detento, por exemplo, elas podem deixar de considerá-los como um ser completo, reduzindo-o ao seu suposto “problema”.

De acordo com Goffman (1988), existem três tipos de estigmas que podem colocar um indivíduo em uma situação de inaptidão para a aceitação plena por parte das pessoas “normais”: as culpas de caráter individual (inferidas com base em relatos de prisão, vícios, homossexualismo); tribais de raça, nação ou religião (que podem ser transmitidas por linhagens); e relacionado às “deformidades físicas”. Ao se referir a pessoas que possuem marcas e sinais no corpo, o autor cita como exemplo relatos de cegos e de indivíduos com deficiências físicas e suas experiências, ao se sentirem diferentes da maioria das pessoas, e quais as estratégias que utilizam para tentar disfarçar suas deficiências.

As pessoas com deficiência tendem a ser estigmatizadas, uma vez que apresentam atributos que as diferem das demais, como uma má-formação congênita, a amputação de um membro ou o uso da cadeira de rodas. O autor explica que, nesses casos, normalmente o foco é no estigma, ou seja, na característica negativa, o que impede que as outras características sejam reconhecidas:

Um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social cotidiana possui um traço que se pode impor à atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus. Ele possui um estigma, uma característica diferente de que havíamos previsto. Nós e os que se afastam negativamente das expectativas particulares em questão serão por mim chamados de *normais*. (GOFFMAN, 1988, p. 14).

Apresentaremos a seguir os conceitos de identidade social, que, de acordo com Goffman (1988), podem ser “reais” ou “virtuais”. A identidade social real se refere aos atributos do “outro”. A identidade social virtual são as expectativas normativas e as exigências que carregamos a partir de nossas concepções e que acabamos atribuindo ao outro. Para exemplificar, o autor ilustra que, enquanto um estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de nós, e que, por isso, ele pode ganhar um efeito de descrédito. No caso de atletas paralímpicos, estes podem ser retratados como coitadinhos, vítimas, passivos, dependentes, incapazes e sofredores por terem alguma deficiência. A marca da deficiência não permite que as pessoas sejam vistas em sua plenitude, colocando-as à margem de possíveis participações sociais.

O emprego da palavra “normal” por Goffman (1988) também é usado por Coakley (2014) ao denominar e caracterizar o que ele chamou de “*empire of the normal*”, que poderia ser traduzido como “império da normalidade”. De acordo com o autor, existe uma espécie de ilusão de que a maioria das pessoas não possuem deficiências. O autor explica que todas as pessoas podem ter algum tipo de “deficiência” ao longo da vida (por exemplo, o uso de óculos de grau). O que varia, no entanto, é o grau do comprometimento. Aqueles que possuem deficiências mais visíveis e/ou não conseguem escondê-las, acabam sendo marginalizados.

De acordo com Goffman (1988), o estigmatizado se utiliza de diferentes subterfúgios para lidar com a sua deficiência. Um deles é perceber sua deficiência e a situação decorrente desta como uma dádiva ou “bênção secreta”, ou seja, como algo que lhes ocorre para agregar valor à sua existência. Esse tipo de subterfúgio pode ser verificado na fala de alguns atletas com deficiência. Para ilustrar, citamos um

exemplo conhecido no contexto do esporte paralímpico, da atleta Roseane dos Santos, medalhista de ouro nos Jogos Paralímpicos de Sidney (2000) nas modalidades arremesso de peso e lançamento de dardo. Ao conceder uma entrevista ao jornal Folha de São Paulo¹¹ referente à sua participação nos Jogos Paralímpicos de Sidney (2000), a atleta explicou como o esporte modificou sua vida: “Foi a melhor coisa da minha vida. Se eu não tivesse amputado a perna, eu não estaria aqui em Sydney”.

Gonçalves, Albino e Vaz (2007), que analisaram como se constitui na mídia impressa brasileira o discurso e a construção cultural dos atletas com deficiência e se há estigmatização destes, encontraram relatos similares ao de Roseane em seu estudo. Exemplo disso é uma passagem em que o atleta Renato dos Santos atribui sua ascensão pessoal a um acidente motociclístico:

Se não fosse aquela batida, poderia ser um *motoboy* até hoje, já que é difícil crescer no futebol sem um grande empresário. Graças ao vôlei sentado, consegui bolsa integral para cursar faculdade de Educação Física e sou formado. Além disso, estou com bolsa na pós-graduação e já viajei para vários países, como Argentina, Eslovênia e Holanda.

De acordo com os autores supracitados, o envolvimento de pessoas com deficiência com o esporte as ajuda a amenizar o “peso” da deficiência, bem como as livra de uma imagem da invalidez e de passividade.

Cidade (2004) realizou uma pesquisa com o intuito de analisar as conformações de atletas paralímpicas com base na teoria sociológica de Norbert Elias. Para isso, a autora entrevistou dez atletas que participaram dos Jogos Paralímpicos de Sidney (2000) e investigou as relações e interdependências entre os diferentes papéis sociais que elas exercem enquanto atletas paralímpicas. O dado a ser destacado aqui se refere ao papel do esporte na vida dessas atletas, que é reforçado pela fala de uma delas, ao fazer a seguinte declaração: “[...] porque se a gente não fosse atleta, era apenas um coitadinho” (CIDADE, 2004, p. 150). Essa fala corrobora com os achados da pesquisa de Gonçalves, Albino e Vaz (2007), destacando a importância do papel do esporte na vida desses atletas.

¹¹ FSP, Caderno de Esporte – 17/10/2000. Disponível na íntegra em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk1710200025.htm>. Acesso em: 30 jun. 2018.

Marques et al. (2014), que entrevistaram 23 atletas paralímpicos e investigaram o ponto de vista destes sobre conteúdos veiculados pela mídia, por quais meios de comunicação e sua abrangência, afirmam que um resultado importante do esporte para seus praticantes é a construção da percepção da identidade de atleta, em vez de pessoas com deficiência. Nesse sentido, conforme apontam Pappous e Souza (2016), entre outros, deve-se evitar focar a deficiência do atleta. O foco deve ser em seus atributos esportivos. Ainda, outros autores, tais como Marques e Gutierrez (2014), Cidade e Freitas (2009) e Amaral (1995), enfatizam a importância da linguagem adequada para se referir a pessoas com deficiência, para se evitar situações constrangedoras ligadas à segregação, ao preconceito e à estigmatização.

Para finalizar este tópico, reforçamos a importância da abordagem da cobertura midiática no sentido de dar visibilidade ao esporte paralímpico. Isso, no entanto, deve ser feito com cuidado, pois, dependendo da forma com que a cobertura for feita e como os atletas forem retratados, pode-se reforçar estereótipos e estigmas. Conforme apontam Cidade e Freitas (2009, p. 31), “estereótipo e estigma são ferramentas do preconceito e da segregação, numa dinâmica do desconhecimento que leva a um círculo vicioso nas relações sociais”.

1.2 O DESENVOLVIMENTO DO ESPORTE PARALÍMPICO

Uma importante diferenciação entre esporte adaptado e esporte paralímpico deve ser feita, pois cada um tem elementos próprios e característicos. O esporte adaptado se refere a todas as modalidades praticadas por diferentes grupos, como pessoas com deficiência, cardiopatas, obesos, idosos, entre outros. O esporte paralímpico, por sua vez, diz respeito apenas às modalidades que compõem o programa dos Jogos Paralímpicos.

Coakley (2014) aponta que o esporte adaptado é atualmente visto como uma ação pela inclusão de pessoas com deficiência, pois a participação esportiva normalmente inicia como parte do tratamento de reabilitação dos pacientes e passa a ser vista como uma forma de ganhar aceitação social e de se autoafirmar na sociedade. O esporte adaptado também constitui um importante elemento para o desenvolvimento pessoal e físico dos atletas e para promover a sociabilidade entre eles. É por meio do esporte adaptado que pessoas com deficiência podem tomar conhecimento e almejar o nível de alto rendimento.

O esporte adaptado praticado por pessoas com deficiência teve início no final do século XIX e começo do século XX. Um dos primeiros registros é de 1924, com a criação do Comitê Internacional de Esportes para Surdos e dos Jogos do Silêncio, dedicados à prática de esportes adaptados para pessoas com deficiência auditiva. Já o surgimento do movimento paralímpico foi apoiado em um modelo de práticas de reabilitação e lazer (PARSONS; WINCKLER, 2012). A iniciativa foi tomada pelo médico neurologista e neurocirurgião alemão Ludwig Guttmann, que, ao assumir a direção do hospital de Stoke Mandevile, começou um trabalho de reabilitação com pacientes que tinham lesão medular, na década de 1940. A filosofia do médico se baseava no uso do esporte como um programa de tratamento e reabilitação dos pacientes, e foi se consolidando ao longo dos anos. A implantação desse programa deu origem aos primeiros Jogos de Stoke Mandevile, que ocorreram em julho de 1948 na própria estrutura física do hospital (CIDADE; FREITAS, 2009).

Segundo Cidade e Freitas (2009), participaram duas equipes de atletas em cadeiras de rodas, competindo nas modalidades de arco e flecha. À medida que houve um aumento do interesse por parte da equipe de profissionais ligados ao hospital, bem como dos pacientes, novas modalidades foram sendo assimiladas, como: atletismo, sinuca, esgrima em CR, tênis de mesa e basquetebol em CR. Após a construção da piscina nas dependências do hospital, a natação também foi incluída. No ano de 1952, os jogos ganharam cunho internacional, com a participação de atletas da Holanda. O evento ganhou proporções maiores ao longo dos anos e, com o intuito de ser difundido entre outros países que não conheciam a prática esportiva entre pessoas com lesão medular, foi proposto que os Jogos se realizassem em Roma, cidade-sede dos Jogos Olímpicos de 1960. Essa competição em Roma contou com a participação de atletas de vários países disputando diferentes modalidades. Posteriormente, esse evento foi reconhecido como os primeiros Jogos Paralímpicos (JP) da história (CIDADE; FREITAS, 2009).

Também existe um registro, datado de 1946, o qual demonstra que nesta época começaram os primeiros movimentos e competições do basquetebol em CR nos Estados Unidos. Algumas associações de veteranos de guerra e hospitais estavam promovendo as primeiras disputas entre pessoas com deficiência física (PARSONS; WINCKLER, 2012). Este registro histórico demonstra que as associações possuíam um forte caráter competitivo, diferente do caráter de reabilitação presente no surgimento do esporte adaptado dentro do hospital de Stoke Mandeville.

Atualmente, os Jogos Paralímpicos de verão e inverno¹² são organizados pelo Comitê Paralímpico Internacional, criado em 1989, que apresenta como missão promover o crescimento do Movimento Paralímpico no mundo por meio do desenvolvimento dos Comitês Paralímpicos Nacionais em vários países, bem como promover competições com base na iniciação esportiva de elite e buscar a promoção contínua da cobertura midiática sobre o movimento paralímpico (IPC, 2013).

A missão do IPC mostra que a relação do esporte paralímpico com a mídia é fundamental para que este seja conhecido e reconhecido pela sociedade. Os JP são o segundo maior evento mundial em número de atletas (última edição de Londres (2012) contou com 4.237 atletas de 164 países). Em 2016, o Brasil foi sede desse grande evento, que contou com a participação de 176 países e 4.328 atletas.

Segundo Marques e Gutierrez (2014), foi a partir da criação do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), em 1995, que o esporte paralímpico passou a ser desenvolvido no país com *status* de esporte de alto rendimento. Desse ponto em diante, passou-se a ter uma preocupação com a formação de atletas em diferentes modalidades esportivas e com a participação em eventos nacionais e internacionais. O CPB busca atender às normativas e solicitações do IPC e é um elo entre associações, governo, instituições internacionais e iniciativa privada, que investem e estão dispostos a investir no esporte para pessoas com deficiência. O CPB apresenta como missão representar e liderar o movimento paralímpico brasileiro, buscando a promoção e o desenvolvimento do esporte de alto rendimento para pessoas com deficiência (CPB, 2016). De acordo com a entidade, para isso, faz-se necessário que o esporte paralímpico desperte interesse da mídia, para que possa ser veiculado e difundido cada vez mais. A seguir, apresentaremos um tópico que enfoca a relação entre o esporte paralímpico e a mídia e a produção científica sobre o tema.

¹² Os Jogos Paralímpicos de verão são compostos por 23 modalidades, sendo estas: atletismo, basquete em cadeira de rodas, bocha, canoagem, ciclismo de estrada, ciclismo de pista, esgrima em cadeira de rodas, futebol de cinco, futebol de sete, *goalball*, alterofilismo, hipismo, judô, natação, remo, rúgbi em cadeira de rodas, tênis de mesa, tênis em cadeira de rodas, tiro com arco, tiro esportivo, triatlo, vela e vôlei sentado. Já os Jogos Paralímpicos de inverno contam com 4 modalidades: hóquei no gelo, *curling* em cadeira de rodas, esqui alpino e esqui nórdico (COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO, 2016).

1.3 ESPORTE PARALÍMPICO E A MÍDIA

Para compreender o esporte paralímpico e a sua relação com os meios de comunicação de massa, faz-se necessário retomar brevemente o conceito de esporte contemporâneo. Para Mauro Betti (1998), o esporte contemporâneo é caracterizado por seu caráter “polissêmico”, ou seja, pela multiplicidade de sentidos e significados que este representa para a sociedade. O autor escreve sobre o “esporte na mídia” e o “esporte da mídia” (BETTI, 2002, p. 1), e afirma que não existe o esporte na mídia, pois este está sempre sendo mediado pelos interesses de diversos meios. Isso ocorre principalmente em relação à televisão. O autor explica quais são as características das expressões cunhadas por ele, sendo o esporte da mídia aquele centrado na falação esportiva¹³, na monocultura esportiva (relacionada ao futebol), na sobrevalorização da forma em relação ao conteúdo (privilegiando a linguagem audiovisual), na superficialidade e na prevalência dos interesses econômicos (influenciados pelos índices de audiência).

Betti (2002) também explica o que poderíamos ler, ouvir e olhar se houvesse o esporte na mídia: a cobertura de várias modalidades (inclusive amadoras); as vozes dos atletas; análises aprofundadas a respeito de fatos e acontecimentos nas várias dimensões do esporte (nos contextos econômico, político, administrativo, tático e técnico) e uma maior interação com os expectadores.

A relação entre mídia e esporte é atrelada a interesses e interdependências de ambos, pois o esporte se transforma facilmente em produto consumido em grande escala, uma vez que suas regras e lógica competitivas são universais. Entretanto, o esporte depende da divulgação e da visibilidade da mídia para fidelizar seus consumidores e aumentar seus recursos financeiros por meio das cotas publicitárias (PIRES, 2002).

¹³ Falação esportiva, para Eco (1984), é quando o esporte passa a ser um discurso pautado na e sobre a imprensa esportiva. Por exemplo, Betti (2002) exemplifica o conceito explicando que a falação esportiva informa e atualiza informações sobre o esporte (quem ganhou, quem foi contratado, quem se contundiu), cria expectativas, faz previsões e promete (emoções, gols, vitórias), critica (árbitros, corrupção no esporte) e elege ídolos.

Marques, Gutierrez e Montagner (2009) apresentam historicamente algumas características da transformação do esporte moderno para o esporte contemporâneo. Os autores explicam que:

A espetacularização do esporte já ocorria em sua era moderna pelo seu uso político ideológico com bastante intensidade e abrangência, porém o que se pode notar no fenômeno contemporâneo é a transição de sentido e objetivos. Durante o período do esporte moderno tem-se o esporte-espetáculo desenvolvido principalmente para fins de propaganda política, enquanto no fenômeno contemporâneo objetiva-se principalmente a mercantilização e ganho de capital. enfocam as novas configurações socioeconômicas do esporte contemporâneo e apontam (p. 643).

Dentre as diferentes formas de apropriação do esporte pela sociedade, Pires (1998) aponta a mercadorização e a espetacularização. Mercadorização, segundo o autor, é a:

busca de estratégias mais eficientes de divulgação dos produtos ligados ao esporte espetáculo, resultando na massificação desta manifestação nos meios de comunicação e gerando uma cultura esportiva hegemônica, baseada na sua capacidade de venda. (PIRES, 1998, p. 31).

O autor entende a espetacularização como uma consequência de uma relação de interdependência mercadológica entre a mídia e o esporte, em que este teve que se adaptar à linguagem midiática, alterando regras e normas, para se tornar aceito pela mídia e continuar sendo rentável para as marcas associadas a ele.

O estudo desenvolvido por Marques et al. (2013) pode nos ajudar a pensar na lógica do esporte e do movimento paralímpico no Brasil e sua relação com a mídia com base em entrevistas com dirigentes do CPB. Os autores afirmam que o esporte paralímpico ainda não possui um capital simbólico que o legitime comercialmente, tal como o esporte convencional/olímpico que já é estabelecido. Mesmo assim, o esporte paralímpico vem recebendo destaque da mídia nos últimos anos e demonstrando uma evolução em relação à cobertura da mídia. Ou seja, está em um processo de transformação de algumas de suas práticas, sinalizando uma tentativa de se tornar mais adequado ao mercado esportivo. De acordo com os autores, até 2004, apenas a mídia impressa se interessava em cobrir os Jogos Paralímpicos. Foi somente a partir de então que a mídia televisiva também passou a cobri-los. Eles concluíram que os

JP de Atenas (2004) e Pequim (2008) foram marcos para o esporte paralímpico no Brasil, pois a Globo transmitiu partes da competição pelo canal fechado SporTV.

Para os dirigentes entrevistados pelos autores supracitados, algumas questões são fundamentais para que o esporte paralímpico possa alcançar maior relevância comercial. Entre elas, estão a continuação do seu processo de profissionalização e a adequação de direções propostas pela mídia, por exemplo, a diminuição do número de classes utilizadas para a classificação de atletas nas diferentes modalidades esportivas. Eles acreditam que o alto número de medalhas para atender a atletas das diferentes classes tende a banalizar a conquista de resultados. Conforme apontam Howe e Jones (2006) e Coakley (2014), o IPC tem dado indícios de que pretende promover a redução das classes em disputa para se adequar à lógica do esporte espetáculo. Se, por um lado, isso pode tornar o esporte mais interessante e nos moldes midiáticos, por outro, vai também limitar a representatividade dos JP em termos de tipos e graus de deficiência contemplados.

Outra sugestão dos entrevistados de Marques et al. (2013), bem como da literatura citada por esses autores para que o esporte alcance maior valor comercial, é que se deve valorizar mais os feitos esportivos dos atletas ao invés de se focar em sensacionalismos relacionados com a deficiência deles. Essas medidas podem melhorar a exposição do esporte de alto rendimento e atrair mais interesse de expectadores.

1.3.1 A produção científica relacionada com a mídia e o esporte paralímpico.

A partir da criação do IPC, em 1989, houve um aumento da visibilidade dos Jogos Paralímpicos mundialmente, o que se refletiu no crescimento das produções acadêmico-científicas sobre o megaevento e sobre o esporte paralímpico. Algumas dessas pesquisas analisaram o espaço midiático que o esporte vem adquirindo e/ou produtos: da mídia impressa (HILGEMBERG, 2014; GONÇALVES; ALBINO; VAZ, 2009; THOMAS, SMITH, 2003), da mídia digital, como portais de notícias (FIGUEIREDO, 2014; NOVAIS; FIGUEIREDO, 2010) e fotografias (BRUCE, 2014; PAPPOUS; FIGUEIREDO, 2014; PAPPOUS; MARCELLINI; DE LÉSÉLEUC, 2011). São poucos os exemplos de trabalhos (MARQUES et al., 2014; HARDIN; HARDIN,

2004; PURDUE; HOWE, 2012; BRAYE; DIXON; GIBBONS, 2013) que investigaram como as pessoas percebem o discurso midiático do esporte e de atletas paralímpicos.

Grande parte das pesquisas citadas anteriormente (BRUCE, 2014; HILGEMBERG, 2014; GONÇALVES; ALBINO; VAZ, 2009; NOVAIS; FIGUEIREDO, 2010; PAPPOUS; MARCELLINI; DE LÉSÉLEUC, 2011; THOMAS; SMITH, 2003) se dedicou ao estudo de possíveis informações e conteúdos que estigmatizam pessoas e atletas com deficiência, os quais podem ser reconhecidos com base no tipo de abordagem, no tipo de linguagem e em imagens veiculadas pelos meios de comunicação de massa.

Alguns autores (AMARAL, 1994; MARQUES et al., 2014; MIRANDA, 2011; PEREIRA; MONTEIRO; PEREIRA, 2011) já apontaram para a influência direta da mídia na percepção da sociedade em relação às pessoas com deficiência e na promoção da inclusão social. De acordo com alguns autores, embora o esporte paralímpico tenha ganhado mais espaço na mídia, este tem direta, ou indiretamente, contribuído para com o reforço de estigmas imputados às pessoas com deficiência (BRUCE, 2014; HILGEMBERG, 2014b; DE LÉSÉLEUC, PAPPOUS, MARCELLINI, 2009). Isso tem motivado estudos sobre essa realidade, como veremos a seguir.

A pesquisa de Pappous, Marcellini e De Léséleuc (2011), por exemplo, examinou os dados relativos à evolução da cobertura fotográfica de cinco países europeus – França, Espanha, Alemanha, Reino Unido e Grécia – nos JP de Sidney (2000) e Pequim (2008) em dez jornais. Os dados mostraram que, ao longo desse período, houve aumento no número de imagens publicadas. Em Sidney, foram encontradas 56 imagens; já na edição dos JP de Pequim, foram encontradas 95 imagens, ou seja, aproximadamente o dobro de fotografias. Dentre os cinco países, a França foi o que publicou mais fotografias, sendo 26 nos Jogos de Sidney e 42 nos Jogos de Pequim. Os autores analisaram as fotografias com base em quatro categorias: “visibilidade/invisibilidade da deficiência”, “atletas passivos/em ação”, “atletas sorrindo” e “atletas com a presença da bandeira do seu país”. Eles concluíram que a maioria das imagens publicadas retratou os atletas em posturas passivas (em 2000, foram 60%, e, em 2008, foram 38% das imagens). Eles também verificaram que, em 18% dos casos de 2000 e 58% de 2008, as deficiências dos atletas ficaram “invisíveis”. Ou seja, as fotografias não enquadravam totalmente os seus corpos. Assim, as publicações não favoreceram uma imagem positiva do esporte nem dos

atletas paralímpicos. Não houve um enfoque na competitividade e na habilidade dos atletas, assim como não se mostrou as deficiências deles de forma natural.

Bruce (2014) também investigou a cobertura fotográfica de quatro jornais impressos da Nova Zelândia durante a realização dos JP de Pequim (2008) e dos JP de Londres (2012) (na edição de 2012, a autora também incluiu um portal de notícias na pesquisa). As imagens foram analisadas sob três categorias criadas por DePaw (1997), apresentadas no final deste tópico, a saber: *The invisibility of disability* (“a invisibilidade da deficiência”), *The visibility of disability* (“a visibilidade da deficiência”), e *(In)visibility of disability* (“a (in)visibilidade da deficiência”). A autora constatou que, na maioria das vezes, as deficiências dos atletas neozelandeses foram ocultadas, enquanto as deficiências dos atletas internacionais ficaram explícitas nas imagens. Para a autora, o ocultamento das deficiências dos atletas nacionais foi uma forma de “esconder” as possíveis limitações e comprometimentos físicos dos atletas, como também uma tentativa de destacar a esportividade dos atletas do país. No entanto, ainda de acordo com a autora, esse tipo de abordagem não colabora com o processo de “normalização” das deficiências. Ou seja, na medida em que as deficiências não são mostradas, as pessoas não têm a oportunidade de reconhecê-las como uma parte natural da vida, bem como não se conscientizam de que pessoas com deficiência também são capazes de realizar grandes feitos esportivos.

A pesquisa de De Leséléuc, Pappous e Marcellini (2009) analisou a cobertura midiática de quatro países europeus – Alemanha, Espanha, Inglaterra e França – nos JP de Sidney (2000) com o objetivo de investigar se havia conteúdos que possivelmente contribuíssem para a criação/reprodução de estigmas relacionados com desportistas mulheres. Foram selecionadas 108 matérias, incluindo 58 fotografias. A análise quantitativa foi pautada no mapeamento e na comparação do número de homens e mulheres nas fotografias e nas matérias, porcentagem de participação e conquista de medalhas. Os autores trabalharam com a hipótese de que as mulheres seriam retratadas nas fotografias com apelo para a sexualização, como também os conteúdos das matérias teriam elementos de trivialização, ou seja, estariam focados em informações a respeito de relacionamentos afetivos e histórias de vida. Outra hipótese é que elas seriam tratadas como se fossem crianças, com um foco em suas fragilidades e sensibilidades. Os autores concluíram que, quantitativamente, as mulheres não foram menos representadas do que os homens, contrariando conclusões de outros estudos. No entanto, eles confirmaram a hipótese

de que haveria um elemento de sexualização nas fotografias das mulheres, bem como uma relativa infantilização delas e trivialização das informações publicadas.

Na pesquisa de Figueiredo (2014), foram analisadas fotografias e legendas do portal de notícias “Globoesporte.com” durante a realização dos Jogos Paralímpicos de Londres (2012). Na construção do texto, a autora considerou uma perspectiva histórica da participação feminina no esporte e de indícios de que a cobertura esportiva normalmente focaliza as mulheres em seus papéis de mãe, esposa e/ou como modelo de feminilidade, acabando por colocar seus feitos esportivos em segundo plano. Nesse sentido, Figueiredo buscou analisar a representação social da mulher atleta com deficiência e se há um paralelo com a cobertura de atletas sem deficiência. Para isso, foi considerado um estereótipo triplo associado às atletas, sendo: mulheres, com deficiência e “assexuadas”.

A análise se pautou em seis categorias, sendo elas: ângulo da fotografia (plano geral ou com recortes); composição da fotografia (com ou sem traje esportivo, em ação ou passivo); tipo de esporte; visibilidade ou invisibilidade da deficiência; tipo de deficiência e “tema”. Esta última categoria estava voltada à análise das legendas, no que diz respeito à competição, a treinamentos, a expectativas, a histórias de vida e a conquistas. Em 50% das fotografias, as atletas foram retratadas da cintura para cima, e em mais da metade (58%), a deficiência estava invisível. As atletas que usam cadeira de rodas apareceram em 38,9% das fotografias, a mesma porcentagem atribuída às fotografias de atletas com deficiência visual. A autora afirma que os dados da pesquisa vão de encontro com outros estudos, como o de Buysse e Borcheding (2010). Essa pesquisa também constatou uma maior presença de atletas usuárias de cadeira de rodas e da invisibilidade da deficiência nas fotografias publicadas por 12 jornais de cinco países a respeito dos Jogos Paralímpicos. As atletas também foram retratadas em 64% das fotografias em momentos de competição, o que indica avanço da cobertura, principalmente, quando comparado com dados de países estrangeiros. Por fim, a autora afirma que, apesar das atletas estarem mais inseridas no espaço competitivo, ainda ocupam um lugar diferente das atletas sem deficiência.

Thomas e Smith (2003) analisaram a cobertura de quatro jornais britânicos impressos nos JP de Sidney (2000): *The Sun*, *The Daily Mail*, *The Times* e *The Guardian*. Eles focaram particularmente nas terminologias usadas para se referir aos atletas, na linguagem e nas imagens veiculadas. Os autores apontam que a mídia tende a descrever os atletas de acordo com uma visão “medicalizada”, ou seja, dentro

de uma visão de que a deficiência é um problema e existe uma suposição de que as pessoas com deficiência desejam ser “normais”. Em um quarto da cobertura dos jornais analisados, o discurso foi construído com base na premissa de que “apesar” de suas deficiências e de obstáculos, os atletas conquistaram medalhas e superaram suas deficiências.

Algumas pesquisas (HILGEMBERG, 2014; SILVA; HOWE, 2012; HARDIN; HARDIN, 2004), têm investigado a abordagem de atletas com deficiência como “*supercrips*”, ou seja, como “superdeficientes” ou “super-heróis” (tradução nossa). Nesses casos, as narrativas tendem a enfatizar feitos percebidos como impressionantes por parte dos atletas, em situações que estes se destacam “apesar” de suas deficiências. Esse tipo de abordagem tem sido criticada, uma vez que pode remeter à ideia de que todos podem alcançar grandes feitos esportivos, independentemente de sua condição física, psicológica ou socioeconômica. Conforme apontam Silva e Howe (2012), essa perspectiva pode levar pessoas que não têm condições mínimas de suporte e apoio a serem vistas como preguiçosas, acomodadas ou incapazes. Isso seria injusto, uma vez que, por exemplo, adquirir uma prótese (para substituir um membro amputado) ou uma cadeira de rodas (para se locomover) são condições fundamentais para a participação de pessoas com deficiências em atividades esportivas. Tanto quanto o apoio familiar, a existência de rampas de acesso nas vias e no espaço público, bem como o acesso à infraestrutura esportiva em espaços públicos, são condições básicas para que as pessoas com deficiência possam adquirir independência e uma condição mínima para se dedicar ao esporte.

A abordagem do *supercrip* foi também investigada por Hilgemberg (2014) no Brasil e em Portugal. A autora analisou quatro jornais impressos – “O Globo” e “O Estado de São Paulo”, no Brasil, e “Jornal de Notícias” e “Público”, em Portugal – e duas revistas semanais em ambos os países – “Veja” e “Visão” – durante a cobertura dos Jogos Paralímpicos de Atlanta (1996), Sidney (2000), Atenas (2004) e Pequim (2008). Ela concluiu que os jornais analisados focaram primeiramente nas deficiências dos atletas, em detrimento de suas realizações esportivas. A autora também concluiu que, em sua maioria, os atletas foram mais representados como super-heróis, em ambos os países. Houve uma tendência de se focalizar histórias de superação, de obstáculos e deficiências e de sua capacidade de “conquistas heroicas”. No caso brasileiro, houve também casos em que os atletas foram representados como “coitadinhos” nas notícias, ou seja, houve um percentual de matérias (entre 33% e

53%) que se referiam a eles como vítimas, incapazes, “fardos”, “anormais” e tristes. Considerando que a mídia é produtora de sentidos e que pode influenciar diretamente a percepção das pessoas em relação aos atletas com deficiência, esses dados indicam que os estereótipos do “coitadinho” e do super-herói continuam a ser veiculados. Isso pode reforçar a ideia de que pessoas com deficiência têm uma vida vazia ou que devem se tornar modelos de referência por terem alcançado conquistas, antes consideradas inalcançáveis.

Gonçalves, Albino e Vaz (2009) buscaram investigar como se constitui na mídia impressa brasileira o discurso e a construção cultural dos atletas com deficiência, bem como se há estigmatização deles. Os autores analisaram três mídias impressas – revista “A+”, jornais “Lance” e “Folha de São Paulo” – antes, durante e após a realização dos Jogos Para Pan-Americanos Rio (2007). As matérias analisadas mostraram a intensa relação criada entre o esporte adaptado e o convencional, na tentativa, por exemplo, de se comparar feitos esportivos de atletas com deficiência com feitos de atletas das mesmas modalidades do esporte convencional. Os autores mostram que a narrativa do esporte adaptado, no caso específico dos atletas dos Jogos Para Pan, é construída, na maioria das vezes, pelo seguinte roteiro: com a descrição detalhada da deficiência (adquirida ou congênita), as dificuldades enfrentadas para se chegar à posição de prestígio que hoje possuem (referente à conquista de medalhas) e a apresentação dos atletas com heróis e/ou como exemplos de superação para a sociedade. Os autores ressaltam que o mesmo ocorre no esporte convencional, em que a narrativa se constrói no mesmo padrão, contando, por exemplo, a história do menino pobre de periferia que, com muito esforço, tornou-se jogador de futebol e vitorioso.

Nesses tipos de construção de narrativa, é essencial que se conte sua história trágica, bem como se enfatize uma característica atribuída aos atletas do esporte convencional: a de que eles são moralmente corretos. Para Gonçalves, Albino e Vaz (2009), no caso de atletas que tenham se envolvido em algum acidente e tenham adquirido uma deficiência, normalmente se veicula a imagem de que estes não cometeram nenhum ato ilícito (por exemplo, a realização de uma ultrapassagem proibida ou deslocamento acima da velocidade permitida) e/ou de que perdoaram um possível responsável ou causador do acidente. Essas narrativas do “bom moço” e do relato da história trágica com um final vencedor tendem a retratar os atletas como vítimas ou como super-heróis. Considerando esse tipo de realidade, Coakley (2014)

faz uma crítica à suposta “pureza e bondade do esporte”. O autor explica que essas características são reforçadas pela mídia, uma vez que tornam o que é transmitido em um produto vendável a “marcas” e “produtos” que queiram atrelar seus nomes ao campo esportivo e atingir lucros com isso.

A pesquisa de Zoboli, Quaranta e Mezzaroba (2013) analisou, sob a ótica da inclusão e da segregação, a participação do atleta sul-africano Oscar Pistorius durante uma polêmica em que se envolveu no Mundial de Atletismo de 2011, no portal de notícias “Globo.com”. Oscar, que é biamputado das pernas, foi o primeiro atleta a ter conquistado o direito de disputar as Olimpíadas (Londres, 2012), as Paralimpíadas e os campeonatos mundiais em situação de igualdade com outros atletas sem deficiência. Isso foi possível, pois, apesar de haver suspeitas de que as próteses poderiam proporcionar vantagens ao atleta, a Internacional Association of Athletics Federations (IAAF) não conseguiu comprovar tal suspeita. Em relação aos dados, o atleta foi mencionado 24 vezes nas notícias do portal, o que chama atenção por se tratar de um estrangeiro que recebeu certo destaque da mídia brasileira. De modo geral, as matérias “apresentaram” o atleta aos leitores mencionando o seu “feito histórico” no atletismo, e o retrataram pelo discurso da superação daquele que chegou a uma posição de destaque após superar sua condição de ter uma deficiência desde os onze meses de idade. A mídia também pautou a possível “vantagem” em várias matérias. Pistorius quebrou o tabu da segregação de eventos esportivos entre pessoas com deficiência e sem deficiência, fato que se tornou um marco no cenário esportivo e foi inaugurado por ele.

Em uma comparação entre o esporte olímpico e paralímpico, a pesquisa de Novais e Figueiredo (2010) buscou dados na cobertura de dois principais “momentos de glória” (conquistas de medalhas) olímpicos e paralímpicos nos portais de notícias “Globo.com” e “Universo *On-line*” (Brasil) e no Diário Digital e Expresso *On-line* (Portugal). Os “momentos de glória” escolhidos pelos pesquisadores foram as medalhas de ouro de Maureen Maggi (salto em distância) e de Daniel Dias (natação). O total de matérias publicadas pelos quatro *sites* foi 113, sendo, destas, 73% sobre os atletas olímpicos e 27% sobre os paralímpicos. Ao analisar separadamente a relação das conquistas de medalhas dos dois atletas brasileiros citados, 71% das matérias referiam-se a Maureen Maggi, enquanto 29% referiam-se a Daniel Dias. Em relação aos atletas portugueses, os dados encontrados foram similares, sendo que 74% das notícias eram relacionadas ao atleta olímpico Nelson Évora (salto triplo) e

26% ao paralímpico João Miguel Fernandes (bocha). Com base nessas constatações, os autores afirmam que a diferença de espaço entre olímpicos e paralímpicos é visível e lembram que a atleta brasileira ganhou uma medalha, enquanto Daniel ganhou oito medalhas.

Considerando os problemas identificados na literatura e por algumas pessoas envolvidas com o esporte adaptado/paralímpico quanto à forma com que a mídia vem retratando o esporte e os atletas paralímpicos, foram desenvolvidas algumas iniciativas no sentido de qualificá-la. Para isso, algumas entidades relacionadas com a defesa de pessoas com deficiência têm produzido guias com o intuito de orientar jornalistas sobre como se referir a essas pessoas. Exemplo disso é o guia criado pelo Estado de Virginia (EUA) – “*A Reporter’s Guide: Reporting About People with Disabilities*” (“Guia de um repórter: Relatórios sobre pessoas com deficiência”, tradução nossa) – como parte de uma campanha de inclusão de pessoas com deficiência. O material produzido destaca a importância da linguagem, das imagens e da abordagem da mídia ante as pessoas com deficiência.

Instituições que buscam promover o desenvolvimento do esporte paralímpico internacional, como a British Paralympic Association (BPA) e o Internacional Paralympic Committee (IPC), também produziram guias de orientação voltados para a mídia sobre como se reportar ao esporte paralímpico. Nos Jogos Paralímpicos de Londres (2012), a BPA produziu o guia “*Guide to Reporting on Paralympic Sport*” (“Guia para se reportar ao esporte paralímpico”, tradução nossa) com o intuito de orientar a mídia local em relação à linguagem que deveria ser utilizada para retratar os atletas paralímpicos e como se comportar ao entrevistá-los ou ao estar em sua presença. O guia recomendou que o jornalismo privilegiasse a valorização do perfil dos competidores como atletas de alto rendimento e que se evitasse um enfoque em suas deficiências.

Em 2014, o IPC produziu um guia intitulado “*Guide to reporting on persons with an impairment*” (“Guia para se reportar às pessoas com comprometimento”, tradução nossa) e apresentou orientações de como se reportar a pessoas ou atletas com deficiência, bem como se relacionar com elas. O guia destacou algumas questões já levantadas pelos outros guias, como palavras e expressões a serem evitadas (por exemplo, “vítima” ou “trágico”), evitar abordagens que possam provocar sensação de pena ou caridade, conversar diretamente com a pessoa com deficiência (não com seu acompanhante), e normalmente, sem alterar o tom de voz. O guia também sugere que

se evite retratar pessoas e atletas com deficiência como se fossem “superdeficientes” ou como se tivessem realizado feitos incríveis, uma vez que esse tipo de abordagem pode sugerir que se tinha baixas expectativas a respeito de seus resultados, por conta de sua condição física.

Ambos os guias elaborados pela BPA e pelo IPC foram resultado de esforços de instituições que desenvolvem o esporte paralímpico internacional, com o intuito de auxiliar na melhoria da cobertura midiática de modalidades paralímpicas.

Em 2016, o “Guia para a mídia: como cobrir os Jogos Paralímpicos Rio 2016” foi produzido pelos professores Athanasios Sakis Pappous, da Universidade de Kent (Inglaterra), e Doralice Lange de Souza, da Universidade Federal do Paraná, em uma parceria firmada por edital, aprovado pelo *Newton Fund*, por meio da Fundação Araucária/PR. O guia teve o objetivo de fornecer aos jornalistas que cobriram os JP do Rio (2016) um material que pudesse auxiliá-los na abordagem do tema, instruí-los a como se reportar aos atletas com deficiência e orientá-los para que pudessem “fornecer um retrato mais inclusivo das pessoas com deficiência durante os JP do Rio (2016)” (PAPPOUS; SOUZA, 2016, p. 2). Os autores chamaram a atenção para o fato de que os Jogos Paralímpicos constituem uma oportunidade única para se educar as pessoas sobre os diferentes tipos de deficiência e para se combater estereótipos ligados a questões da deficiência.

O guia citado anteriormente indica algumas formas de retratar o esporte paralímpico, em termos de conteúdo textual e registros fotográficos. Os autores sugerem colocar em primeiro lugar os atletas e não sua deficiência, e esclarecem que a deficiência não necessariamente gera sofrimento e vitimização. Os autores também sugerem a priorização dos feitos esportivos dos atletas ao invés do enfoque em suas deficiências e indicam terminologias politicamente corretas a serem utilizadas quando se referem às pessoas com deficiência. Em relação aos registros fotográficos, os pesquisadores mostram exemplos que devem ser evitados, como fotografar os atletas em poses passivas, que enfatizam a deficiência, e/ou falhas (como quedas, como se estivessem em isolamento e de costas/sem mostrar o rosto). Eles também orientam que as fotos não sejam cortadas, para que a deficiência não seja escondida, e que esta não seja enfocada. O guia também aponta algumas sugestões para se conversar com os atletas, por exemplo, dirigir-se a eles e não aos seus acompanhantes ou técnicos, bem como não alterar o tom de voz e/ou falar mais devagar para conversar com atletas com deficiência física.

O discurso criado e veiculado pela mídia em relação ao esporte paralímpico pode exercer um papel fundamental no processo de estigmatização ou desestigmatização dos atletas paralímpicos e, conseqüentemente, das pessoas com deficiência. Amaral (1995) explica a importância dos meios de comunicação de massa na disseminação e no conhecimento das deficiências:

Eu diria que os meios de comunicação têm o poder de acelerar e facilitar o processo de aceitação e adaptação [das deficiências]; utilizando esse poder incomparável para tornar familiar o desconhecido, a diferença pode chegar a ser desmistificada pelo público. (AMARAL, 1995, p. 138).

A autora afirma que um elemento fundamental na discussão de estigma é o desconhecimento, pois pode se configurar como matéria-prima para a perpetuação de atitudes preconceituosas e estereotipadas da deficiência. Ao mesmo tempo, ela reconhece que a informação e o conhecimento não dão conta de reverter um quadro histórico de segregação e marginalização das pessoas com deficiência. Eles podem, no entanto, contribuir para a ampliação de uma reflexão crítica a respeito do tema e para avançar no processo de normalização da presença destes na sociedade.

Amaral (1994) relata sua experiência pessoal como uma pessoa com deficiência física e usuária de cadeira de rodas¹⁴. Ela conta que, quando fotografada, percebia que as poses e os ângulos eram estudados pelos “fotógrafos” de forma que suas pernas ficassem fora do ângulo de destaque. A autora também relata a história do Deus Hefestos da mitologia grega, o qual apresentava deficiência física, cuja mutilação ficou registrada em detalhes por meio de documentos literários. Hefestos, no entanto, jamais teve sua deficiência retratada visualmente em obras de arte. Suas pernas sempre foram apresentadas de forma perfeita, escondidas pela posição escolhida ou cobertas por panos. A questão da invisibilidade da deficiência, levantada por Amaral (1994), faz-nos refletir sobre a importância da cobertura midiática no que diz respeito aos registros de vídeos e fotografias, pois, para colaborar com o

¹⁴ Lígia adquiriu a deficiência física aos quinze meses de vida, como seqüela de poliomielite. Por isso, ela usava cadeira de rodas. Possuía graduação em Psicologia (1980), mestrado em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1987) e doutorado em Psicologia Social pela Universidade de São Miguel (1992). Foi docente da Universidade de São Paulo e faleceu em 2002 em um acidente automobilístico.

conhecimento e com a visibilidade da deficiência dos atletas paralímpicos, a deficiência não deve ficar cortada, ocultada ou invisível. Pelo contrário, ela deve presente e ser mostrada para continuar adquirindo o caráter de capacidade e normalidade.

Diante da breve apresentação anterior sobre alguns estudos que analisaram produtos da mídia, como mídia impressa, portais de notícias digitais e revistas comerciais, ante as pesquisas que entrevistaram pessoas envolvidas com o esporte adaptado/paralímpico, como atletas, com o propósito de compreender a percepção deles sobre a cobertura da mídia, e de dirigentes do CBP e sua percepção no que diz respeito às ações de *marketing* para a valorização do movimento paralímpico, destacamos a importância de se desenvolver um estudo que averigue a perspectiva de pessoas com deficiência sobre a mídia. Esse público pode ajudar a complementar a análise das mídias enquanto integrantes desse grupo social.

Abaixo apresentamos a compreensão que temos neste estudo sobre algumas características da cobertura midiática do esporte paralímpico que foram sistematizadas e pesquisadas por outros autores. Alguns elementos dessas características, que foram discutidos no decorrer deste capítulo, foram-nos úteis na seleção das imagens para projeção, produção dos vídeos, condução e análise das entrevistas e dos questionários. Alguns dizem respeito aos conteúdos veiculados, e outros, às imagens. Apresentamos as principais temáticas que surgiram destes estudos, que, por sua vez, embasaram a forma com que levantamos e analisamos os nossos dados empíricos.

Algumas dessas características são relacionadas aos conteúdos midiáticos, conforme explicitado abaixo:

- a) conteúdos que vitimizam os atletas: quando os atletas são retratados como “vítimas” das suas deficiências, o que reforça o paradigma do “coitadinho”, centralizando a atenção na tragédia pessoal deles e retratando-os pela personificação da sua deficiência. Evoca elementos de caridade e compaixão (HILGEMBERG, 2014).

- b) conteúdos que tratam dos atletas como “*supercrips*”, “*superdeficientes*” ou super-heróis: essa categoria caracteriza-se pela ênfase na superação das deficiências, como se a deficiência fosse uma barreira impossível para se alcançar feitos esportivos. Ou seja, quando o foco das notícias é a emoção da história de vida “trágica”, em que os atletas são noticiados como heróis que, mesmo tendo desvantagens devido às suas deficiências, conseguem superá-las e realizam feitos extraordinários (HARDIN; HARDIN, 2004; SILVA; HOWE, 2012). No caso desta pesquisa, teremos o entendimento de que *supercrip* é quando o enfoque da mídia está mais na superação da deficiência do que no feito esportivo.
- c) conteúdos que trivializam as conquistas dos atletas: quando as notícias não retratam os feitos atléticos dos desportistas (DE LÉSÉLEUC, 2012; DUNCAN, 2006) e focam em outras questões, tais como a vida cotidiana deles, relacionamentos amorosos, questões familiares e/ou hábitos alimentares (DE LÉSÉLEUC; PAPPOUS; MARCELLINI, 2009). Outros exemplos de “trivialização” podem também ser observados em casos em que se enfatiza a estética, a beleza, roupas, maquiagem e/ou atributos sexuais de atletas (DUNCAN, 2006).

Características relacionadas às imagens e vídeos:

- a) imagens que mostram os atletas em atividade esportiva: estas retratam os atletas em ação e no contexto da competição. Conforme apontam Pappous e Souza (2016), as imagens devem seguir o lema dos Jogos Paralímpicos: “*spirit in motion*” (“espírito em movimento”, tradução nossa). Os registros devem promover as capacidades físicas dos atletas, contribuindo para a promoção de imagens positivas deles;
- b) imagens que retratam passividade: deve-se evitar fotos que mostrem os atletas em situações passivas e fora do contexto de competição, pois estas não fortalecem a identidade e a imagem atlética deles (PAPPOUS, SOUZA, 2016; PAPPOUS; MARCELLINI; DE LÉSÉLEUC, 2011).

Alguns estudos também apontaram para a questão da visibilidade e da invisibilidade da deficiência (BRUCE, 2014; DEPAW, 1997). As três categorias apresentadas a seguir foram criadas por Depaw (1997):

- a) *The invisibility of disability*: “a invisibilidade da deficiência”, em que a deficiência é invisível ou excluída do desporto;
- b) *The visibility of disability*: “a visibilidade da deficiência”, em que são vistos como atletas com deficiência e representados como inferiores aos atletas sem deficiência;
- c) *(In)visibility of disability*: “a (in)visibilidade da deficiência”, em que são vistos principalmente como atletas, sendo a deficiência minimizada ou visível discretamente (tradução e grifos nossos) (DEPAW, 1997).

Na sequência deste capítulo apresentamos o referencial teórico-metodológico adotado para embasar esta pesquisa.

1.4 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO: APROXIMAÇÕES COM OS ESTUDOS DE RECEPÇÃO E COM A TEORIA DAS MEDIAÇÕES.

Conforme apontamos anteriormente, utilizamos nesta pesquisa alguns elementos propostos pelos estudos de recepção. Estes têm origem nos estudos desenvolvidos pela corrente latino-americana dos Estudos Culturais, liderados por Martín-Barbero (1997) e por outros pesquisadores que também contribuíram para o campo da comunicação, como Orozco (1993) e Canclini.

Martín-Barbero (1997) trabalha no campo da comunicação a partir do que denomina de “mediação cultural”. De acordo com o autor, o indivíduo filtra as informações midiáticas a partir de diferentes tipos de influências (mediações) a que está submetido. O autor propõe investigações que levem em consideração três lugares de mediação cultural nos estudos de recepção focados na televisão: a cotidianidade familiar (interações entre as pessoas e acesso aos meios de comunicação), a temporalidade social (situações políticas, econômicas e sociais da época em estudo) e a competência cultural (formação e conhecimentos prévios). Essas são as principais mediações propostas pelo autor para se identificar as

referências culturais dos indivíduos de acordo com os “locais” em que elas se concretizam.

Orozco (1993) complementa a teoria de Martín-Barbero criando o que veio a chamar de “dialética das múltiplas mediações”. De acordo com este autor, existem quatro tipos de mediações: individual, situacional, institucional e tecnológica.

- Mediação individual é caracterizada pelas condições próprias dos indivíduos, como idade, sexo, etnia, gostos, estilos e percepção.

- Mediação situacional é relacionada à maneira como acontece o contato do receptor com o meio e com o discurso midiático. Ou seja, a ideia é de se investigar em quais ambientes os indivíduos acompanham os meios de comunicação, se acompanham as notícias sozinhos ou com outras pessoas, se assistem as notícias com atenção ou realizando outras atividades e se conversam com familiares, amigos e parentes sobre o que assistiram.

- Mediação Institucional: diz respeito às organizações sociais das quais o receptor faz parte, como família, escola, Estado (leis), associação, grupos de amigos, doutrinas religiosas ou ideológicas.

- Mediação Tecnológica: se relaciona aos veículos midiáticos e em especial à televisão, que através de suas linguagens e características específicas podem reproduzir a realidade e criá-la à sua forma.

Esclarecemos que um estudo clássico de recepção é feito através de uma etnografia, para reconhecer e compreender os detalhes da influência das mediações no processo de recepção das notícias. Exemplo disto foi o estudo de Orofino (2005) em uma escola pública situada na periferia de Florianópolis, com uma turma de alunos de oitava série. Nesta pesquisa, a autora conviveu com os alunos por seis meses e propôs como tema gerador o problema das DSTs (Doenças sexualmente transmitidas) no mundo contemporâneo e os riscos de contaminação da doença.

Dentre vários estudos de recepção clássicos no campo da comunicação social no Brasil, damos destaque à obra de Jacks (1999). A autora investigou a recepção da telenovela “Pedra sobre Pedra” exibida em 1992 pela Rede Globo, explicitando os múltiplos fatores ou mediações que podem condicionar a relação entre o texto e o receptor, através de uma etnografia do espaço doméstico. A análise da recepção da novela consistiu em captar a mediação da identidade regional, por meio de três elementos básicos que o grupo de entrevistados usou para caracterizá-la, a saber: tradição, distinção e território. Assim, ela evidenciou o sentido que os

receptores construíram a partir destes referenciais e, além disso, estabeleceu uma conexão entre as falas dos entrevistados e o universo cultural regional. Para a autora, o processo de recepção é visto como algo que não se dá somente no momento de interação com os meios de comunicação, mas começa bem antes e termina bem depois, pois a ação dos indivíduos pode ganhar sentido ou não através dos significados propostos pela escola, religião, partido político e família, ou seja, onde acontecem as relações (JACKS, 1999).

Jacks (2006) apresenta a pluralidade de olhares de alguns pesquisadores no que tange a aspectos teóricos-metodológicos sobre as pesquisas de recepção. Este livro apresenta análises de diferentes objetos de estudo nesta perspectiva dos estudos culturais e de recepção, bem como mostra as possibilidades de investigação em diferentes grupos de telespectadores. Um dos capítulos iniciais retrata o processo de produção de bens culturais e elabora uma reflexão sobre a relação entre a produção e a recepção do processo comunicativo estabelecido. Já os outros capítulos mostram a relação de diferentes grupos com diferentes objetos de estudo, como jovens universitários com o Jornal Nacional, empregadas domésticas com telenovelas, recepção coletiva em locais públicos sobre jogos de futebol transmitidos ao vivo, entre outros.

A obra de Silva (1985) apresenta uma pesquisa-ação que discutiu o impacto dos meios de comunicação de massa, principalmente do Jornal Nacional da Rede Globo, na realidade de dois grupos de trabalhadores diferentes, sendo o primeiro localizado no bairro operário de Lagoa Seca, em Natal e o segundo localizado no bairro operário Paicará, no município de Guarujá. Nesta obra o autor mostra o quanto a televisão e especialmente o Jornal Nacional são fortes influências na vida destes trabalhadores, bem como também mostra as outras mediações presentes na vida dos participantes da pesquisa, como o meio social em que convivem e conversam com os amigos, o ambiente da igreja, os movimentos sindicais dos quais participam, de partidos políticos, outros meios de comunicação e dos movimentos feministas.

No campo da Educação Física, citamos dois estudos que se utilizaram de elementos dos estudos de recepção. Ambos aplicaram um questionário para fazer a caracterização dos interlocutores. Um deles foi a pesquisa de Mezzaroba (2008), que

analisou a recepção ao agendamento¹⁵ de escolares sobre os Jogos Pan-Americanos do Rio/2007. Os interlocutores da pesquisa foram alunos de uma escola da rede particular de Florianópolis, com idade entre doze e quatorze anos. Este estudo teve como objetivo analisar como estes jovens perceberam, compreenderam e analisaram o agendamento midiático dos Jogos. O autor também considerou as aulas de Educação Física como uma instituição mediadora do processo da informação. O segundo estudo foi o de Antunes (2007), que também analisou a recepção de escolares da Copa do Mundo de 2006, na Alemanha. Os participantes da pesquisa foram vinte alunos do segundo ano do Ensino Médio do Colégio de Aplicação (UFSC), que cursavam a disciplina Educação Física escolar: Futebol II. A autora constatou que na visão dos participantes, a família, a escola, a educação física e os grupos de amigos foram as suas principais mediações institucionais, bem como a mídia também foi compreendida como uma mediação tecnológica de representatividade para eles.

Na presente pesquisa utilizamos alguns dos elementos dos estudos de recepção. Mais especificamente, buscamos usar o que Orozco (1993) chamou de mediações individual, tecnológica e institucional. No caso da mediação individual e tecnológica, buscamos entender as características principais de cada um dos participantes a partir dos questionários. Levantamos, através dos mesmos, dados tais como: quais canais costumam assistir, por quanto tempo costumam assistir estes canais (diariamente, semanalmente), se possuem televisão por assinatura, quais programas costumam assistir, hábitos sobre o uso do celular, acesso à internet, entre outros. Algumas características sobre estas mediações também ficaram evidentes nas entrevistas coletivas. No caso da mediação institucional, entendemos a filiação à ADFP e à APAP, mais especificamente às equipes de esgrima e basquetebol em CR, como um importante espaço de produção de sentido e significado para a percepção dos indivíduos em relação ao discurso midiático.

¹⁵ O autor se utilizou de algumas características dos estudos de recepção, pois entendeu o conjunto da mídia como todas as formas de intervenção tecnológica (televisão, jornais, revistas, portais de notícias).

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa¹⁶ é de natureza qualitativa, descritiva e exploratória, com inspiração nos estudos de recepção, conforme proposto por Martín-Barbero (1997), autor de referência na área dos estudos culturais latino-americanos. Não nos propomos, no entanto, realizar uma etnografia, abordagem clássica nos estudos de recepção, pois isto não atenderia os objetivos deste estudo. A nossa proposta foi a de entender como pessoas com deficiência, atletas e não atletas, percebem o discurso da mídia. Este estudo, tal como os estudos de recepção, parte do pressuposto de que os receptores são sujeitos ativos do processo de recepção no meio social em que estão inseridos, ou seja, sujeitos que interagem, interpretam e reelaboram informações e imagens.

Fizeram parte do estudo homens e mulheres¹⁷ maiores de idade, com deficiência física e sequelas físicas¹⁸, sem comprometimento intelectual, que usam cadeira de rodas, próteses e/ou muletas, praticantes e não praticantes de uma modalidade esportiva. Escolhemos uma modalidade individual: esgrima em cadeira de rodas (CR) e uma modalidade coletiva: basquetebol em cadeira de rodas (CR) porque estas modalidades possuem dinâmicas diferenciadas tanto no funcionamento do esporte, quanto na relação estabelecida entre os membros das equipes.

A escolha da esgrima em CR¹⁹ e do basquetebol em CR²⁰ em específico, se deu devido ao fato de estas modalidades possuírem uma tradição no contexto do esporte paralímpico, por estarem entre as cinco que foram disputadas por quarenta

¹⁶ Este projeto foi aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/SD) da Universidade Federal do Paraná, sob o registro do Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE): 55300216.5.0000.0102

¹⁷ Os nomes verdadeiros dos interlocutores foram preservados, conforme previsto no TCLE. Todos os nomes apresentados na tese são fictícios.

¹⁸ Advindas de deficiência física, esclerose múltipla e ataxia cerebelar.

¹⁹ Os treinos acontecem de segunda à sexta-feira das 14 às 18:30 horas.

²⁰ Os treinos acontecem de segunda à sexta-feira das 19 às 22 horas

anos de Paralimpíadas sem interrupções²¹ (CIDADE; FREITAS, 2009) e por serem ofertadas pela Associação dos Deficientes Físicos do Paraná (ADFP). A associação possui uma parceria com a Academia Mestre Kato (no caso da esgrima) e com a Universidade Federal do Paraná (no caso do basquetebol em CR)²², ambas em Curitiba/PR, o que facilitou o nosso acesso aos interlocutores. A título de informação, vale lembrar que a ADFP foi fundada em 1979 e tem como objetivo oferecer serviços de assistência e reabilitação a pessoas com deficiência física, proporcionando serviço social e auxílio em relação ao mercado de trabalho. Ela também oferece a prática de seis modalidades esportivas, a saber: bocha, tênis de mesa, atletismo, tiro esportivo, esgrima e basquetebol em CR.

A escolha do terceiro grupo de interlocutores foi feita a partir do contato com a Associação Paranaense de Assistência ao Paraplégico (APAP), que é uma associação que oferece assistência de fisioterapia para pessoas com deficiência ou com sequelas físicas, como no caso de doenças degenerativas ou de acidentes traumáticos. Escolhemos a APAP porque ela não tem um viés esportivo, tal como a ADFP. Queríamos investigar a percepção de pessoas com deficiência não envolvidas com o esporte.

Os três grupos apresentados acima foram contatados a partir de uma aproximação com as duas associações: ADFP e APAP. Apresentamos a nossa intenção de pesquisa para os presidentes das duas instituições, pedimos autorização para acessar os treinos das equipes esportivas e os técnicos responsáveis pelas equipes da ADFP e a fisioterapeuta responsável pelos atendimentos na APAP. Ao conversar com os responsáveis, recebemos autorização para apresentar a pesquisa e convidar os possíveis interessados para participar.

2.1 PRODUÇÃO DE DADOS

A produção dos dados foi dividida em dois momentos: a primeira aconteceu nas semanas que antecederam os Jogos Paralímpicos e a segunda aconteceu

²¹ No esporte paralímpico é comum algumas modalidades serem excluídas e inseridas no programa paralímpico.

²² Esta etapa da pesquisa foi realizada no ano de 2016. Atualmente, a equipe de basquete em CR está desvinculada à UFPR.

durante a realização dos Jogos.

A produção dos dados antes dos Jogos Paralímpicos

Esta etapa da pesquisa aconteceu entre os dias 31 de agosto a 5 de setembro²³). No caso das pessoas não atletas ligadas à APAP, apresentamos a nossa intenção de pesquisa em uma reunião previamente agendada. Ao término da apresentação, passamos uma lista solicitando o contato daqueles que desejavam participar. No caso dos atletas, explicamos a ideia da pesquisa para as equipes em um horário acordado com os técnicos logo na sequência dos treinos. Ao término da apresentação, pedimos que colocassem seus nomes em uma lista caso desejassem participar.

Na semana seguinte, os interlocutores interessados foram convidados a ler e a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE 1). Também aplicamos o questionário que continha perguntas abertas e fechadas (APÊNDICE 2) que visou levantar informações em relação ao contexto, mediações e informações gerais dos interlocutores.

No mesmo encontro da assinatura do TCLE e da aplicação do questionário, entregamos aos interlocutores o questionário-recordatório (APÊNDICE 3), que teve como finalidade o registro das notícias que eles assistiram durante a realização dos JP e as fontes das mesmas. Explicamos que a periodicidade do seu preenchimento deveria ser diária e que deveria conter informações a respeito dos conteúdos midiáticos que chamaram a sua atenção no decorrer dos JP Rio (2016). Solicitamos também que os interlocutores registrassem as fontes das informações de onde retiraram estes conteúdos (ex. emissora, programa televisivo, *site*, *blog*, *twitter*, jornal ou revista).

A produção dos dados durante os Jogos Paralímpicos

Esta etapa da pesquisa empírica aconteceu durante a realização dos Jogos

²³ Grupo da Apap: 31/08, Equipe de esgrima em CR: 02/09 e equipe de basquetebol em CR: 05/09.

Paralímpicos do Rio, de 7 a 18 de setembro de 2016. Acompanhamos notícias em programas da televisão (Esporte espetacular, Globo Esporte-Paraná, Fantástico, Jornal Nacional e Paraná TV 1.ª edição), três portais de notícias (“Globoesporte.com”, “Uol.com.br”, “Esportes.r7.com”) e dois jornais impressos que possuem circulação *online* (Folha de São Paulo e Gazeta do Povo). Compilamos notícias relacionadas com os Jogos Paralímpicos nos portais e jornais e capturamos algumas notícias televisivas²⁴. Na sequência, selecionamos trechos com diferentes abordagens²⁵ em relação às formas com que a mídia tratou os atletas paralímpicos. Os trechos televisivos escolhidos foram compilados em dois cliques (de cinco a seis minutos²⁶). Já as imagens e partes de notícias de portais e jornais selecionados foram preparados²⁷ para projeção durante as entrevistas. Ambos materiais foram utilizados para suscitar as discussões sobre a opinião dos interlocutores no que diz respeito às notícias veiculadas no período dos Jogos.

De forma concomitante ao recolhimento dos materiais midiáticos citados acima, fomos a campo e desenvolvemos as entrevistas coletivas com os interlocutores contatados anteriormente²⁸. Estes encontros foram filmados com uma câmera estática sobre um tripé. Eles foram também registrados com um gravador de voz. Os responsáveis pelas entrevistas foram a pesquisadora principal desta tese e a sua orientadora. Colegas do LEPSCEA auxiliaram anotando os nomes de quem falava, na sequência correta, uma vez que isto auxiliaria na identificação dos interlocutores durante os encontros com os grupos.

A primeira dinâmica das entrevistas foi realizada entre 14 a 19 de setembro²⁹. Ao término de cada sessão de discussão com os diferentes grupos, recolhemos o primeiro questionário-recordatório preenchido e entregamos o segundo para ser respondido durante os dias subsequentes. Nesta semana da pesquisa, recebemos

²⁴ Os programas foram acessados *online* e foram gravados com o *software Free Screen Video Capture*.

²⁵ Exemplos de possíveis abordagens: atletas como vítimas ou heróis, ênfase ou ocultação de deficiências; vitimização dos desportistas, entre outros.

²⁶ Disponíveis no youtube. Clipe 1: <https://goo.gl/RpA8UG>. Clipe 2: <https://goo.gl/Qqio8Y>

²⁷ Vide no apêndice 3.

²⁸ Roteiro consta no Apêndice 4.

²⁹ Grupo do basquetebol em CR: 14/09, grupo da esgrima em CR: 16/09 e grupo da Apap: 19/09.

apenas três questionários-recordatários, sendo um de cada grupo³⁰. A segunda dinâmica das entrevistas coletivas foi realizada entre os dias 21 a 23 de setembro³¹. Recebemos apenas dois questionário-recordatários³².

2.2 ANÁLISE DE DADOS

Em um primeiro momento sistematizamos as informações individuais relativas a cada um dos interlocutores, que foram coletadas através dos *questionários* aplicados durante a primeira etapa da pesquisa. Estas informações permitiram que identificássemos dados pessoais, como idade, nível de escolaridade, profissão, tipo e causa da deficiência, meios de comunicação que eles têm mais contato, frequência com que acompanham notícias e por quais programas televisivos, informações a respeito do uso da internet, entre outros.

No caso dos interlocutores atletas, sistematizamos dados sobre a trajetória esportiva dos mesmos, classificação funcional, quais modalidades esportivas eles já praticaram e/ou praticam e se recebem ou não bolsa/incentivo material para treinar e competir.

Ao longo da pesquisa havíamos planejado analisar os questionários-recordatários visando levantar informações relativas às notícias que os interlocutores da pesquisa tiveram acesso durante a realização dos Jogos. Pensamos que a análise destes questionários poderia levantar informações a serem pautadas nas entrevistas e que também poderiam ajudar a identificar possíveis influências que as fontes e conteúdos a que foram expostos tiveram em sua percepção da cobertura midiática. No entanto, como o retorno dos questionários-recordatários foi abaixo do esperado (eram previstos 28, recebemos apenas: 5) e os registros realizados foram apenas sobre resultados de algumas modalidades, resolvemos não utilizá-los conforme planejado inicialmente. Desta forma, resgatamos apenas as informações a respeito

³⁰ Frederico (basquetebol em CR), Laura (esgrima em CR) e Sara (Apap).

³¹ Grupo do basquetebol em CR: 21/09, grupo da Apap: 21/09 e grupo da esgrima em CR: 23/09.

³² Helena (esgrima em CR) e do Miguel (basquetebol em CR).

das emissoras e sites assistidos/visitados pelos interlocutores para complementar o perfil dos mesmos.

Cada uma das dinâmicas de entrevista coletiva durou em média 90 minutos. Após a realização das mesmas, transcrevemos as falas dos interlocutores na íntegra e realizamos a análise sem o auxílio de softwares³³. Estas, por sua vez, tomaram como base os pressupostos da análise de conteúdo tal como proposta por Bardin (2009). Realizamos, desta forma, os seguintes procedimentos:

- 1) Exploramos os matérias e os organizamos de acordo com os grupos.
- 2) Fizemos a codificação das unidades de registro e de contexto. Estas foram definidas a partir de dois temas escolhidos *a priori*, sendo eles: características da cobertura midiática; e estigmas e preconceitos relacionados aos atletas paralímpicos. Um terceiro tema emergiu dos dados: considerações sobre a beleza e a estética dos corpos dos atletas. Nesta etapa, os dados foram marcados com cores diferentes no arquivo .doc para que pudéssemos identificar o volume de informações existentes e as relações que poderiam ser estabelecidas entre os discursos dos diferentes grupos de interlocutores.
- 3) Separamos os dados em categorias e subcategorias que iriam guiar a discussão. Esta etapa deu origem aos quatro capítulos de apresentação dos dados da tese.
- 4) Por último, fizemos a inferência dos dados. Buscamos dar sentido e estabelecer relações entre os dados empíricos e a produção científica que poderia nos ajudar a explicá-los. De acordo com Bardin (2009), esta última etapa é o momento mais crítico da pesquisa, em que o pesquisador tem que ter a capacidade de fazer as relações obtidas a partir dos dados empíricos, encontrando os indícios nas entrelinhas e indo além do conteúdo explícito nas falas dos interlocutores.

³³ Nós enviamos os arquivos da transcrição de cada grupo para o e-mail dos interlocutores, para que lessem e fizessem ajustes de necessário, no entanto não recebemos retorno de nenhum deles.

3 DESCRIÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA E DOS INTERLOCUTORES

Neste capítulo apresentamos os locais da pesquisa e as modalidades esportivas praticadas pelos interlocutores do estudo. Ao descrevermos estas modalidades, explicamos também como funciona o sistema de classificação de cada uma delas.

A Academia mestre Kato e a esgrima em cadeira de rodas

A esgrima em CR está presente nos Jogos Paralímpicos desde a sua primeira edição, em 1960, e é ofertada pela ADFP em parceria com a academia Mestre Kato.

Em todas as modalidades paralímpicas, dois aspectos são fundamentais: a elegibilidade e a classificação funcional dos atletas para poderem competir em uma prova (MARQUES; ALVES, 2012). Os atletas elegíveis para a esgrima em CR são pessoas com deficiência motora de ambos os gêneros, normalmente causadas por amputações, má-formação congênita, acidentes vasculares, entre outros. A modalidade é constituída por três “armas”, que são: florete, sabre e espada. No florete e a espada, o ponto só é válido quando as armas tocam apenas com a ponta da lâmina; no florete o toque é limitado ao tronco (excluindo-se os braços e a cabeça); já na espada o toque é válido em qualquer parte acima do quadril (incluindo os braços). O sabre é a única arma que toca de lado e de ponta e, como a espada, também ataca acima do nível do quadril. Para certificar os toques ou “*matches*”, as armas têm um aparelho elétrico de sinalização. Além disto, existem também luzes que se acendem e sinais sonoros que demonstram se o toque foi realizado em local válido ou não (NAZARETH; DUARTE (2012).

Em relação a classificação da modalidade, os atletas são avaliados pela extensão da musculatura dorsal e equilíbrio lateral dos braços. Podem ser categorizados nas seguintes classes: 1A e 1B (Categoria C), 2 (Categoria B) e 3 e 4 (Categoria A). O grau de comprometimento funcional é maior no número 1 e diminui progressivamente até o grau 4.

Na classe 1A são incluídos os atletas tetraplégicos (C5 e C6³⁴), que não têm equilíbrio na cadeira de rodas e nem funcionalidade na mão dominante (por isto a arma é fixada na mão com ataduras e fitas colantes). Estes atletas também possuem o braço armado lesionado³⁵ e a extensão do cotovelo prejudicada. Na classe 1B, os atletas são tetraplégicos (C7, C8 ou lesões superiores incompletas) e as características são similares as de 1A, o que difere é que o atleta tem funcionalidade na extensão do cotovelo, mas não tem flexão dos dedos da mão dominante, por isso também a arma é amarrada com ataduras.

Na classe 2, os atletas apresentam equilíbrio na cadeira de rodas e braço armado normal, ou seja, podem ser paraplégicos (T1 a T9) ou tetraplégicos incompletos com controle do braço armado, com lesão mínima e apresentar equilíbrio na cadeira de rodas.

Na classe 3, os atletas podem ser paraplégicos (T10 a L2), ter amputação dupla acima do joelho ou lesão incompleta acima de T10. Eles apresentam grande equilíbrio na cadeira de rodas sem a ação das pernas e tem o braço armado normal.

Na classe 4, os atletas têm lesões abaixo da L4 ou deficiências equiparáveis. Eles possuem braços normais e apresentam grande equilíbrio na cadeira de rodas com possibilidade de apoio das pernas.

Nesta pesquisa entrevistamos apenas atletas que pertencem às categorias A e B, ou seja, que são paraplégicos (lesão medular total) e amputados de membros inferiores. No período de realização da parte empírica, aproximadamente 14 atletas da esgrima em CR participavam continuamente dos treinos na academia. Eles fazem parte da equipe liderada pela técnica Tabea Alves e frequentam a academia em média três tardes por semana. O espaço usado pelos treinamentos é uma sala de armas³⁶, da qual o mestre d'armas Kato é o proprietário.

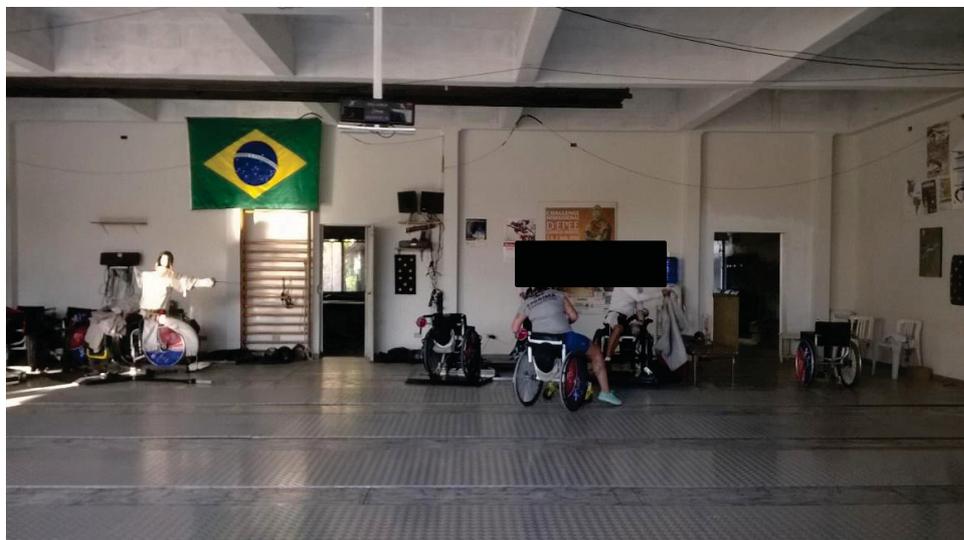
No período da pesquisa três atletas da equipe estavam na fase preparatória (para os Jogos Paralímpicos no Rio de Janeiro), pois faziam parte da equipe brasileira de esgrima em CR. Os demais estavam treinando normalmente e foram convidados para participar das entrevistas. Destes, cinco atletas aceitaram participar³⁷.

³⁴ A letra "C" neste caso se refere as vértebras cervicais da coluna vertebral.

³⁵ Braço dominante que usa a arma.

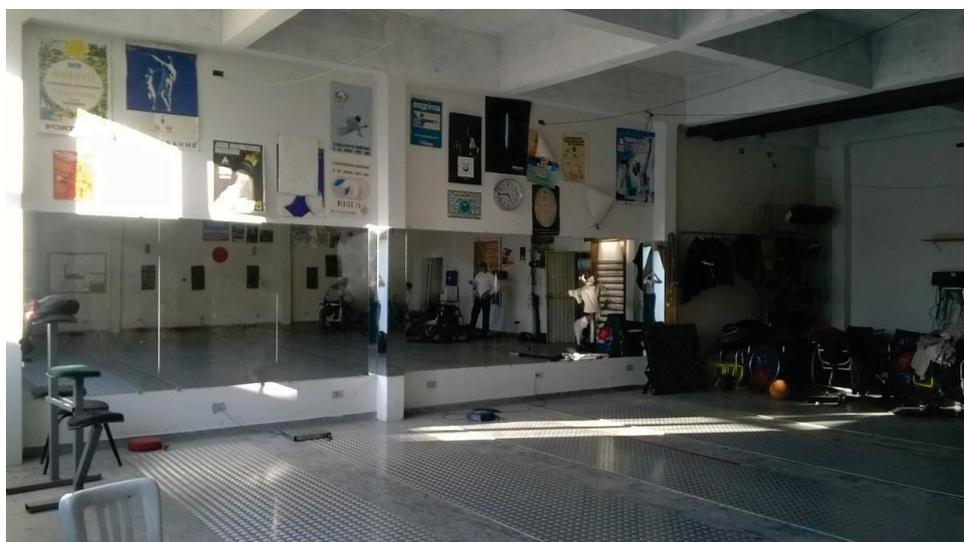
³⁶ Nesta academia treinam atletas da esgrima convencional e da esgrima adaptada.

FOTOGRAFIA 1 - ACADEMIA MESTRE KATO – TREINO DE ESGRIMA EM CR



FONTE: Autora (2016).

FOTOGRAFIA 2 - ACADEMIA MESTRE KATO – TREINO DE ESGRIMA EM CR



FONTE: Autora (2016).

FOTOGRAFIA 3 - ACADEMIA MESTRE KATO – TREINO DE ESGRIMA EM CR



FONTE: Autora (2016).

FOTOGRAFIA 4 - ACADEMIA MESTRE KATO – TREINO DE ESGRIMA EM CR



FONTE: Autora (2016).

FOTOGRAFIA 5 - EQUIPAMENTOS DA ESGRIMA (AS TRÊS ARMAS: ESPADA, SABRE, FLORETE, A MÁSCARA E A SAIA DE PROTEÇÃO³⁸



FONTE: Autora (2016).

É válido ressaltar que no período em que realizamos a pesquisa a academia encontrava-se com a pintura um pouco desgastada. No ano de 2017 sua estrutura foi pintada e abaixo segue registros fotográficos do antes e depois:

FOTOGRAFIA 6 - ACADEMIA MESTRE KATO



³⁸ Esta fotografia foi sugerida por uns dos atletas, para mostrar os equipamentos da esgrima em CR.

FONTE: Autora (2016).

FOTOGRAFIA 7 - ACADEMIA MESTRE KATO



FONTE: Autora (2016).

Esta reforma na pintura teve a colaboração de alunos do Mestre Kato e além de promover a maior divulgação da marca através da exposição do logo na entrada principal, também melhorou o aspecto estético da academia.

O Departamento de Educação Física (UFPR) e o basquetebol em cadeira de rodas

Durante o período de coleta de dados, a equipe masculina de basquetebol em CR vinculada à ADFP estava disputando o campeonato brasileiro na terceira divisão. Eles treinavam no ginásio do Departamento de Educação Física (DEF) da UFPR, com a regularidade de três vezes por semana à noite. No DEF existem duas quadras e um espaço para ginástica e lutas. Durante a noite o movimento de alunos é menor, pois os cursos de bacharelado e licenciatura em Educação Física são diurnos. Por este motivo, havia pouca movimentação de pessoas e atletas neste espaço dos treinamentos à noite. A equipe era formada por cerca de 12 atletas, dos quais 6 aceitaram participar da pesquisa.

No caso do basquetebol em CR, são elegíveis para participar das equipes pessoas com deficiência física de ambos os gêneros e com sequelas permanentes. Estas normalmente são causadas por: poliomielite, traumatismo medular, amputação, má-formação congênita, paralisia cerebral e outros. A classificação funcional é baseada na avaliação e análise do tronco e dos membros (principalmente superiores) e na capacidade de desenvolver os fundamentos do jogo (manuseio com a bola, drible, arremesso, rebote, entre outros). A Federação Internacional de basquetebol em CR propõe um conjunto de regras que objetiva o equilíbrio entre as equipes. Em quadra, a soma das classificações dos atletas da equipe não pode passar de 14 pontos, o que garante que os times terão atletas com diferentes níveis de comprometimento físico e funcional (MARQUES; ALVES, 2012). Vale ressaltar que os atletas recebem uma classificação funcional que varia de 1 a 4,5 pontos, de acordo com o seu comprometimento motor: quanto menor o comprometimento do atleta, maior será a pontuação. Durante o jogo, a soma total dos cinco jogadores não pode ultrapassar 14 pontos.

Os atletas incluídos nas classes 1.0, 1,5, 2.0 e 2.5 possuem lesão medular até o nível L2/L3³⁹ completas ou com lesões que impedem a estabilização pélvica e ou/mobilidade no plano frontal e sagital. Por isso, o assento da cadeira de rodas é mais inclinado para baixo e o encosto mais alto, para que os atletas tenham o tronco amarrado e adquiram a estabilização pélvica passiva. Pela diversidade das causas da deficiência, os atletas podem ter algum tipo de estabilização pélvica e possuir sequelas e comprometimento no movimento de membros superiores (MARQUES; ALVES, 2012).

Os atletas com pontuação entre 3.0 e 4.5 possuem características de estabilização da cintura pélvica, com lesão medular abaixo de L3 ou incompleta acima deste nível, amputados de membro inferior, má-formação congênita e sequelas de poliomielite. Quando apresentam controle de tronco nos planos transversal e sagital, fazem parte da classificação 3.0 e 3.5. Se realizarem também movimentos no plano frontal, serão classificados como 4.0 e 4.5, ou seja, estes são os atletas com menos comprometimento de movimentos (MARQUES; ALVES, 2012).

³⁹ A letra "L" neste caso indica as vértebras lombares da coluna vertebral.

Abaixo seguem registros fotográficos do local de treino e da equipe:

FOTOGRAFIA 8 - DEF/UFPR - TREINO DO BASQUETEBOL EM CADEIRA DE RODAS



FONTE: Autora (2016).

FOTOGRAFIA 9 - DEF/UFPR - TREINO DO BASQUETEBOL EM CADEIRA DE RODAS



FONTE: Autora (2016).

FOTOGRAFIA 10 - DEF/UFPR - TREINO DO BASQUETEBOL EM CADEIRA DE RODAS



FONTE: Autora (2016).

FOTOGRAFIA 11 - DEF/UFPR – APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO



FONTE: Autora (2016).

A Associação Paranaense de Assistência ao Paraplégico – APAP

A Associação Paranaense de Assistência ao Paraplégico está localizada no bairro Hugo Lange, em Curitiba. Ela existe desde outubro de 1972. Trata-se de uma entidade filantrópica, sem fins lucrativos, que presta assistência a pessoas com

deficiência através da reabilitação física. Ela visa proporcionar uma melhoria na qualidade de vida e um aumento de autonomia por parte das pessoas que são atendidas. Este atendimento é possível através de uma parceria estabelecida com a Faculdade Dom Bosco, que disponibiliza alunos de graduação, sob a supervisão de uma professora da instituição de ensino, para realizarem sessões de fisioterapia de duas a três vezes por semana junto aos interessados.

A associação funciona em uma casa que possui diferentes espaços. O atendimento de fisioterapia é realizado em uma sala ampla que abriga várias macas e aparelhos de fisioterapia. A casa possui outras salas menores que abrigam a equipe administrativa e também possui uma sala ampla que oferece serviço de xerox, impressão e encadernação. Estes serviços que são oferecidos é uma das fontes de renda da associação e ajuda a proporcionar o acesso e a manutenção de fisioterapia gratuita à comunidade por mais de 45 anos. Vale ressaltar que a APAP possui um site para a divulgação dos serviços prestados e que também dispõe de maiores informações sobre os serviços oferecidos⁴⁰.

Dentre as pessoas que são atendidas na associação, conversamos com algumas no horário de atendimento matutino e apresentamos a pesquisa, bem como os dias e os horários que pretendíamos desenvolver a etapa empírica. Das dez pessoas que foram convidadas, três se comprometeram a participar dos encontros propostos.

⁴⁰ Maiores informações disponíveis em: <https://goo.gl/oW7fzt>.

FOTOGRAFIA 12 - APAP – LOCAL DE ACESSO LATERAL À ASSOCIAÇÃO



FONTE: Autora (2016).

FOTOGRAFIA 13 - APAP – LOCAL DE ACESSO À SALA DE FISIOTERAPIA



FONTE: Autora (2016).

FOTOGRAFIA 14 - APAP – PARTE FRONTAL DA ASSOCIAÇÃO



FONTE: Autora (2016).

3.1 CARACTERIZAÇÃO DOS INTERLOCUTORES DA PESQUISA

Ao convidar as pessoas vinculadas aos grupos citados acima para participarem desta pesquisa, 16 demonstraram interesse e preencheram o questionário. Porém, destas, apenas 14 participaram efetivamente de todas as entrevistas e de todo o processo da pesquisa. Isto ocorreu, pois dois deles não se fizeram presentes em nenhum dos dois encontros designados para as entrevistas coletivas, o que resultou na exclusão de ambos. Todos os 14 interlocutores selecionados participaram dos três encontros propostos (o primeiro para aplicação do questionário e o segundo e o terceiro, para a realização das entrevistas. Com idade entre 26 a 55 anos, todos têm uma deficiência física adquirida ou sequelas motoras, dentre elas: amputação de membros inferiores, paraplegia, traumatismo craniano encefálico, esclerose múltipla e ataxia cerebelar. Destes, foram quatro mulheres e dez homens. Dentre os interlocutores, seis fazem uso da cadeira de rodas no cotidiano e os outros oito usam próteses ou bengalas.

As entrevistas coletivas se configuraram da seguinte forma⁴¹:

🏆 **Esgrima em cadeira de rodas** – 5 interlocutores

Francisco, Laura, Helena, Teodoro e Aurora.

🏆 **Basquetebol em cadeira de rodas**: 6 interlocutores

Henrique, Miguel, Leonardo, Ângelo, Frederico e Bruno.

🏆 **APAP: 3 interlocutores**

Bernardo, Sara e Ciro.

Para que o contexto pessoal, social e cultural dos interlocutores seja mais compreensivo, a seguir apresentaremos cada um deles, apresentando informações importantes para associar com suas histórias de vida e com a deficiência que cada um possui. Vale ressaltar que todas as informações sobre a deficiência, a causa e as sequelas foram fornecidas pelos próprios interlocutores. E que, nos casos em que houve relatos de erro médico, estes foram apenas reproduzidos. Neste sentido, estamos sendo fidedignos às informações que recebemos, ou seja, não fizemos nenhum tipo de alteração nos dados disponibilizados nos questionários. Apenas, quando necessário, questionamos novamente alguns interlocutores para esclarecer dúvidas que haviam sido levantadas a partir das respostas dos questionários e para isto, registramos as informações extras com um gravador, para posterior transcrição e compreensão da deficiência e sua causa.

Nos questionários todos os interlocutores responderam também à seguinte questão: “1) Cite três palavras que vêm a sua mente quando você pensa em uma pessoa com deficiência praticando esporte”. Já no caso dos atletas, também incluímos a seguinte questão: “2) O que o esporte significa para você?”. As respostas fornecidas por eles mostram algumas percepções sobre a prática esportiva de modo geral, do que ela significa para os praticantes de basquetebol e esgrima em CR e enriquecem a descrição do perfil de cada um deles. Apresentaremos as expressões citadas no

⁴¹ Os nomes apresentados abaixo são fictícios, para preservar a identidade dos interlocutores, conforme previsto no TCLE.

final das apresentações individuais. No final do capítulo faremos algumas considerações sobre estes dados.

GRUPO 1 – OS INTERLOCUTORES PRATICANTES DE ESGRIMA EM CADEIRA DE RODAS

A modalidade de esgrima em CR conta com a participação de atletas lesionados medulares e amputados de membros inferiores. Segue abaixo a apresentação do perfil dos interlocutores:

1) Francisco tem 26 anos, nasceu em Pinhais/PR (região metropolitana de Curitiba) local onde reside atualmente. Se identifica como branco. Tem o ensino médio completo, é solteiro, sua profissão atualmente é ser atleta e sua renda mensal domiciliar é de mais que quatro salários mínimos. Sua deficiência foi adquirida por uma paralisia espástica quando ele tinha um ano de idade. A causa não é totalmente certa, mas segundo relato do próprio interlocutor, acredita-se que uma dor de ouvido (quando tinha um ano de idade) gerou uma febre alta. Quando a febre ultrapassou os 40 graus, ele teve uma convulsão, que conseqüentemente atrofiou seus dois membros inferiores (por conta da paralisia cerebral espástica). Francisco tem limitações na marcha motora, é independente, vai aos treinos de ônibus e se locomove sozinho com o auxílio de muletas. É filiado a ADFP e já praticou outros esportes, como basquetebol em CR (por 6 anos) e tênis em CR (há quatro meses). Já recebeu patrocínio da JSL⁴², por dois anos. Pratica esgrima (há dois anos) e basquetebol em CR, treina três vezes por semana, cerca de cinco horas no total. Recebia remuneração/patrocínio da JSL pelo basquetebol em CR e já recebeu incentivo material de equipamentos para a prática da esgrima (espada e roupa de competição). Compete nas armas espada e florete e sua classificação funcional é na classe “A”. Seu nível de competição é internacional. Sua conquista mais expressiva na modalidade é o terceiro lugar na espada no Regional das Américas (2016). Francisco citou as seguintes palavras para

⁴² Empresa de serviços logísticos (transporte de cargas, passageiros, aluguel de caminhões, entre outros).

quando vê uma pessoa praticando esporte: garra, superação e força. Para ele, o esporte significa: profissão, saúde e superação.

2) Laura tem 40 anos, nasceu em Paranaguá/PR e atualmente reside em Curitiba/PR. Se identifica como branca. Tem o ensino médio completo, é divorciada, auditora interna de uma empresa situada em Paranaguá/PR e sua renda mensal é de até dois salários mínimos. Sua deficiência foi adquirida há cinco anos, quando andava de moto e foi atingida por um carro guiado por uma motorista embriagado. Laura teve amputação total da perna direita. A atleta usa uma prótese para se locomover de ônibus até os treinos, porém, ela enfatiza que a prótese por vezes machuca a região do coto. Por este motivo, ela se locomove a maior parte do dia, em casa e cotidianamente, de cadeira de rodas, pois é mais confortável e ela sente menos dor. Ela tem algumas limitações físicas, como por exemplo, se ela cair de costas, não consegue se levantar sozinha. Laura também relata que não consegue acessar lugares que não possuem rampas, pois ela tem dificuldade de subir escadas (pela pouca articulação da prótese). Ela é filiada à ADFP e pratica esgrima em CR e atletismo (é arremessadora de dardo e peso). Já recebeu remuneração por três anos para a prática das duas modalidades esportivas. Pratica esgrima em CR há dois anos, compete nas armas espada e florete. Treina três vezes por semana, dez horas no total. Recebe bolsa atleta e incentivo financeiro da marca de carros Renault. Sua classificação funcional é na classe "A" e seu nível de competição é nacional. Sua conquista expressiva na modalidade é o terceiro lugar na segunda Copa Brasil de 2016 na espada. Citou as seguintes palavras para quando vê uma pessoa praticando esporte: superação, garra e determinação. Para ela, o esporte significa: vida, liberdade e aprendizado.

3) Helena tem 38 anos, nasceu em Barbosa Ferraz/PR e atualmente reside em Curitiba/PR. Se identifica como parda. Tem o ensino médio completo, é solteira, aposentada, mora sozinha e a sua renda mensal é de até dois salários mínimos. Sua deficiência foi adquirida aos 20 anos, quando atravessava uma rua e foi atropelada por um ônibus. Teve traumatismo craniano encefálico e ficou com limitações para caminhar, tendo o auxílio de um andador nos primeiros anos após o atropelamento. Atualmente ela caminha com o auxílio de apenas uma muleta e se desloca até o treino de ônibus sozinha e declara não ter mais limitações físicas resultantes do acidente. É

filiada à ADFP e pratica esgrima em CR há dez anos, compete nas armas espada e florete. Já recebeu bolsa atleta nos anos de 2008 a 2010 e recebe incentivo da SMELJ (Secretaria Municipal do Esporte, Lazer e Sociedade) há três anos. Treina três dias por semana, cerca de dez horas e meia no total. Sua classificação funcional na modalidade é na classe “A” e seu nível de competição é nacional. Suas conquistas mais expressivas são: segundo lugar na Copa Brasil (2009) e sétimo lugar na Copa Brasil (2016). Citou as seguintes palavras para quando vê uma pessoa praticando esporte: superação, determinação e confiança. Para ela, o esporte significa: superação, confiança e autoestima.

4) Teodoro tem 31 anos, nasceu em São João do Ivaí/PR e atualmente reside em Piraquara/PR. Se identifica como branco. Tem o ensino médio completo, é divorciado, aposentado e a renda mensal com quem mora é de até quatro salários mínimos. Sua deficiência foi adquirida há três anos quando se envolveu em um acidente de moto. O interlocutor relatou que após alguns dias de internação no hospital, foi orientado a se levantar sozinho para tomar banho e no mesmo momento sentiu uma forte dor nas costas. Neste momento ele disse que teve rompimento total da medula espinhal. Ele se desloca até os treinos de ônibus e sozinho e explica que suas limitações são relacionadas a falta de acesso para pessoas que usam cadeiras de rodas de modo geral (por ex. calçadas ruins, restaurantes e fórum eleitoral que não possuem rampas). É filiado à ADFP, jogou basquete em CR por seis meses, pratica esgrima há dois anos e compete na espada e no florete. Treina três vezes por semana, 16 horas no total, já recebeu incentivo financeiro da Renault (por seis meses) e atualmente não recebe. Sua classificação funcional na modalidade é na classe “B” e seu nível de competição é internacional. Suas conquistas mais expressivas são: quarto lugar na espada e sétimo lugar no sabre no Regional das Américas (2016). Ele não preencheu a questão sobre quais palavras pensa quando vê uma pessoa praticando esporte. Para ele, o esporte significa: superação e saúde.

5) Aurora tem 26 anos, nasceu em Foz do Iguaçu/PR e atualmente reside em Fazenda Rio Grande/PR (Região Metropolitana de Curitiba). Se identifica como negra. Tem o ensino médio completo, é solteira, aposentada e sua renda mensal com quem mora é de até dois salários mínimos. Sua deficiência foi adquirida quando tinha três anos de idade, pois ela relata que teve uma queda em casa e ao procurar auxílio

médico, recebeu uma vacina e a perna direita começou a atrofiar. Como residia no interior paranaense, foi encaminhada para consultas médicas na cidade de Cascavel e por último, ela foi encaminhada para o Hospital das Clínicas de Curitiba. Segundo a Aurora, a atrofia foi atribuída a poliomielite, mas pela idade dela, a pólio já estava erradicada no Brasil. Para ela este diagnóstico não está correto, pois pode ter acontecido algum erro durante os procedimentos realizados na paciente. Ela se mostrou visivelmente insatisfeita com essa situação, por não saber o real motivo da sua deficiência. Ela se desloca até os treinos sozinha, de ônibus, com o auxílio de uma muleta (pois tem atrofia na perna direita) e explica que suas limitações são para caminhar. Às vezes perde o equilíbrio e pode cair, por isto tem dificuldade de andar de ônibus. É filiada à ADFP, pratica esgrima em CR há um ano e meio e não recebe remuneração pela prática esportiva. Treina três vezes por semana, aproximadamente 12 horas no total. Sua classificação funcional é “A” e ela não havia participado de nenhuma competição até o momento da pesquisa⁴³. Citou as seguintes palavras⁴⁴ para quando vê uma pessoa praticando esporte: muda a visão de que somos coitados. Para ela, o esporte significa: Superando minhas limitações cada dia.

GRUPO 2 – OS INTERLOCUTORES PRATICANTES DE BASQUETEBOL EM CADEIRA DE RODAS

A modalidade de basquetebol em CR conta com a participação de atletas lesionados medulares e amputados de membros inferiores. Segue abaixo uma caracterização dos interlocutores:

6) Henrique tem 27 anos, nasceu em Brasília/DF e atualmente reside em Curitiba/PR. Se identifica como branco. Tem o ensino fundamental completo, é casado, aposentado e sua renda mensal domiciliar é de até dois salários mínimos. A sua deficiência foi adquirida há 12 anos, quando interviu em uma briga para tentar

⁴³ A atleta explicou que estava com expectativas de participar do campeonato Brasileiro de esgrima em cadeira de rodas realizado em novembro de 2016 e vale ressaltar que ela conquistou o 1º lugar na espada nesta que foi a sua primeira competição oficial.

⁴⁴ No questionário havia espaço para três palavras nas duas questões. A resposta da Cida chamou atenção, pois ela preencheu duas ideias em cada questão e por isto, citamos neste arquivo, exatamente como a interlocutora escreveu.

defender o irmão e foi atingido por arma de fogo, o que causou a paraplegia. Ele se desloca para os treinos sozinho, de carro e tem limitações, como subir escadas e andar por calçadas que não tem rampa. É filiado à ADFP e pratica basquetebol em CR há oito anos. Ele já ganhou uma cadeira de competição como incentivo para a prática esportiva. Treina três vezes por semana, cerca de nove horas no total. Sua classificação funcional é 2.0 e seu nível de competição é regional. O Henrique citou as seguintes palavras para quando vê uma pessoa praticando esporte: força de vontade, superação e dedicação. Para ele, o esporte significa: saúde, amizade e melhor qualidade de vida.

7) Miguel tem 45 anos, nasceu em Frederico Westphalen/RS e atualmente reside em Curitiba/PR. Se identifica como branco. Tem o ensino fundamental completo, é casado, aposentado e sua renda mensal domiciliar é de até quatro salários mínimos. Sua deficiência foi adquirida há 15 anos em um acidente automobilístico, que causou paraplegia⁴⁵. Ele se desloca para os treinos sozinho, de carro e tem algumas limitações no trato urinário e sexual. É filiado à ADFP, pratica basquetebol em CR há dois anos, treina três vezes por semana e cerca de nove horas no total. Ele recebe material de treino como incentivo para a prática há dois anos. Sua classificação funcional é 1.5 e seu nível de competição é regional. Sua conquista mais expressiva foi o vice-campeonato na competição estadual (2016). O Miguel citou as seguintes palavras para quando vê uma pessoa praticando esporte: emoção, garra e superação. Para ele, o esporte significa: emoção, orgulho e felicidade.

8) Leonardo tem 32 anos, nasceu e reside atualmente em Curitiba/PR. Se identifica como pardo. Tem curso superior incompleto, é casado, vive do esporte e sua renda mensal domiciliar é de até dois salários mínimos. A sua deficiência foi adquirida há seis anos em um acidente de moto com um caminhão, em que ele teve a perna direita amputada na altura do joelho. Ele se desloca até os treinos sozinho, de ônibus, usa prótese e tem limitações para caminhar por longo tempo e para correr. É filiado à ADFP e já praticou vôlei sentado, handebol, paraciclismo, tênis de quadra

⁴⁵ Paralisação das duas pernas e da parte inferior do tronco.

e baquete em CR. Já recebeu remuneração para jogar vôlei e basquetebol. Atualmente está praticando basquetebol (há cerca de dois anos), handebol e tênis em CR. Treina três vezes por semana, aproximadamente 9 horas no total. Sua classificação funcional no basquetebol é 4.5 e seu nível de competição é nacional. Já foi campeão paranaense com a sua atual equipe de basquetebol. Citou as seguintes palavras para quando vê uma pessoa praticando esporte: aceitação, vontade e determinação. Para ele, o esporte significa: amor, garra e determinação.

9) Ângelo tem 36 anos, nasceu em Iporã/PR e atualmente reside em Curitiba/PR. Se identifica como negro. Tem o ensino médio completo, é casado, aposentado e a renda mensal com quem mora é de até quatro salários mínimos. A paraplegia foi adquirida há 15 anos em um acidente de moto. Ele se desloca até os treinos de carona com um amigo e tem algumas limitações, como por exemplo, subir escadas. É filiado a ADFP e pratica basquetebol em CR há 5 anos. Já recebeu remuneração como atleta por quatro anos e sete meses. Treina três vezes por semana, de nove a doze horas. Não recebe incentivo nem remuneração para a prática esportiva atualmente. Sua classificação funcional é 1.0 e seu nível de competição é nacional. Citou as seguintes palavras para quando vê uma pessoa praticando esporte: superação, determinação e vontade. Para ele, o esporte significa: agilidade, superação e motivação.

10) Frederico tem 35 anos, nasceu em Osvaldo Cruz/SP e atualmente reside em Colombo/PR (região metropolitana). Se identifica como branco. Tem ensino fundamental completo, é solteiro, diagramador e sua renda mensal domiciliar é de até quatro salários mínimos. Sua deficiência foi adquirida há 10 anos em um ferimento por arma de fogo que causou a paraplegia em T10. Ele se desloca até os treinos sozinho, de carro e tem limitações para locomoção e acesso a lugares não adaptados. É filiado à ADFP e pratica basquetebol em CR há cinco anos. Treina três vezes por semana, cerca de 15 horas no total. Já recebeu uma cadeira para a prática esportiva como incentivo material. Sua classificação funcional é 1.5 e seu nível de competição é nacional. Suas conquistas mais expressivas foram o campeonato Paranaense, o quinto lugar no nacional e o vice campeonato no regional. Citou as seguintes palavras para quando vê uma pessoa praticando esporte: normal, saúde e alegria. Para ele, o esporte significa: tudo, amor e comprometimento.

11) Bruno tem 48 anos, nasceu em Cornélio Procópio/PR e atualmente reside em Pinhais/PR (Região Metropolitana). Se identifica como pardo. Tem o ensino fundamental completo, é casado, motorista de caminhão e sua renda mensal domiciliar é de até dois salários mínimos. Sua deficiência foi adquirida há 12 anos em um acidente automobilístico, o que causou a paraplegia. Se desloca de carro para os treinos na companhia da esposa e dos filhos e tem limitações no cotidiano para transitar em lugar acidentados. É filiado à ADFP, pratica basquetebol em CR há dez anos e recebe incentivo material há oito anos. Treina três vezes por semana, cerca de 12 horas no total. Sua classificação funcional é 1.0 e seu nível de competição é nacional. Suas conquistas expressivas foram o primeiro lugar no Campeonato paranaense e o vice-campeonato. Citou as seguintes palavras para quando vê uma pessoa praticando esporte: superação, liberdade e felicidade. Para ele, o esporte significa: saúde, liberdade e vida.

GRUPO 3 – OS INTERLOCUTORES FREQUENTADORES DA APAP

Este grupo foi composto por pessoas com diferentes sequelas físicas advindas de: lesão medular, ataxia cerebelar e esclerose múltipla. Ao total, conseguimos efetivar a participação de três interlocutores nos três encontros agendados. Segue abaixo uma caracterização destes interlocutores:

12) Ciro tem 49 anos, nasceu em Congoinhas/PR e atualmente reside em Curitiba/PR. Se identifica como pardo. Tem o ensino fundamental completo, é casado, trabalha como encadernador na APAP e a soma da renda domiciliar é de até quatro salários mínimos. Sua deficiência foi adquirida há 33 anos quando se envolveu em um acidente de carro, que causou paraplegia. Ele se desloca até a APAP sozinho todos os dias para trabalhar de carro e tem algumas limitações, como por exemplo, se privar de ir a alguns lugares que tenham escadas e portas estreitas. Ele enfatiza que usa uma de rodas cadeira pequena e estreita para facilitar o acesso a alguns espaços. Já praticou natação terapêutica durante 15 anos por recomendação médica. Citou as seguintes palavras que pensa ao ver pessoas com deficiência praticando esporte: independência, ocupação e saúde.

13) Bernardo tem 37 anos e nasceu e reside atualmente em Curitiba/PR. Se identifica como pardo. Tem o ensino fundamental incompleto, é casado, aposentado e a soma da renda com quem mora é de até dois salários mínimos. Sua deficiência foi adquirida há 14 anos por uma anemia megaloblástica⁴⁶ que acabou causando a ataxia cerebelar. Ele se desloca com o auxílio de muletas, tem a fala atáxica, diafragmada e tem dificuldades para ficar de pé, para se equilibrar, bem como tem limitações na coordenação motora e algumas vezes necessita usar a cadeira de rodas. Frequenta a APAP duas vezes por semana para sessões de fisioterapia com duração de 1 hora e já praticou musculação durante um ano. Ele citou as seguintes palavras que pensa ao ver pessoas com deficiência praticando esporte: superação, força de vontade e fé.

14) Sara tem 55 anos, nasceu e atualmente reside em Curitiba/PR. Se identifica como branca. Tem o ensino médio completo, é casada, aposentada e sua renda mensal domiciliar é de mais que quatro salários mínimos. Sua deficiência foi adquirida há 11 anos quando descobriu que tinha esclerose múltipla. Na época ela começou a perceber que a visão estava ficando turva e procurou um diagnóstico. Ela relata que as sequelas têm se intensificado nos últimos cinco anos. Ela se desloca até a APAP de carro na companhia do marido e necessita de apoio contínuo para se manter de pé e para não se desequilibrar. Tem limitações para caminhar sozinha, realizar tarefas domésticas e para escrever. Frequenta a APAP duas vezes por semana para sessões de fisioterapia de uma hora. Participa de um grupo *on-line* de esclerose múltipla. Citou as seguintes palavras que pensa ao ver pessoas com deficiência praticando esporte: superação, garra e “importante é participar e não ganhar”.

3.1.1 Destaque para algumas palavras citadas pelos interlocutores

De modo geral, algumas palavras registradas nos questionários se destacaram como sendo as mais citadas entre os interlocutores, principalmente no que diz respeito

⁴⁶ Segundo Sá (2017) as anemias megaloblásticas são ocasionadas por inúmeros defeitos na síntese do DNA, ocasionando, assim, um conjunto comum de anormalidades hematológicas do sangue periférico e da medula óssea.

ao primeiro item, que se referia ao que eles pensam quando veem uma pessoa com deficiência praticando algum esporte. Os atletas responderam: superação, saúde, determinação e garra. Os interlocutores da APAP citaram palavras um pouco diferentes no que diz respeito a sua percepção, como: fé, força de vontade, ocupação, independência e “importante é participar e não ganhar”.

Já as palavras que foram atribuídas ao significado do esporte pelos praticantes de modalidades esportivas foram: vida, autoestima, agilidade, confiança e orgulho. Estas expressões mostram a importância que o esporte tem na vida deles. Fica evidente que o esporte para eles vai além da superação e dos benefícios, como melhoria na qualidade de vida e da saúde. Ele significa o aumento na autoestima e o orgulho de se fazer parte de um grupo de atletas e poder demonstrar as suas habilidades. Como já discutimos anteriormente, é comum a deficiência ser associada com passividade, descontrole de movimentos corporais e com imagens que não fazem menção ao esporte e as habilidades e capacidades necessárias para praticá-lo.

Vale ressaltar que os questionários tinham o formato disposto abaixo para induzir os interlocutores a preencherem somente palavras e não expressões ou frases:

“ _____ ”

No entanto, teve uma atleta que preencheu duas expressões nos espaços para as palavras e ambas chamaram nossa atenção. Por este motivo, reproduzimos abaixo exatamente a disposição das expressões:

 Muda a visão de que somos coitados
 superando minhas limitações cada dia

Estas duas frases deram indícios de como a Aurora percebe que pessoas com deficiência são estigmatizadas, como por exemplo, em relação ao estigma de que as pessoas com deficiências são coitadas devido às suas limitações físicas. Também indicam as possibilidades de mudança no olhar da Aurora através da prática do esporte, pois assim é possível mostrar e destacar suas habilidades e capacidades físicas, bem como superar as limitações impostas no cotidiano. Neste caso, é possível que a atleta se sinta parte de um grupo com habilidades esportivas e que assuma uma

identidade coletiva proporcionada pelo envolvimento com a esgrima em CR. A partir da frase: “muda a visão de que somos coitados”, podemos interpretar que a atleta acredite que o envolvimento de pessoas com deficiência com o esporte pode promover uma mudança na percepção da sociedade em relação à estas pessoas.

Outra expressão utilizada ao se pensar sobre uma pessoa com deficiência que pratica esporte foi “aceitação”. No caso específico do Leonardo, que teve a perna direita amputada na altura do joelho em um acidente de moto, o basquetebol em CR pode ter sido uma ferramenta para lhe ajudar a aceitar a sua deficiência. O próprio atleta afirma que percebe que a aceitação da deficiência e do acidente, também acontece de forma mais natural com seus colegas de equipe, através do esporte. Ele conta o exemplo do seu colega de equipe e interlocutor desta pesquisa, o Miguel, que após ter se envolvido em um acidente automobilístico, permaneceu 13 anos sem querer sair de casa, sem querer ver os amigos e com indícios de depressão. Após começar a praticar o basquetebol em CR, o seu quadro depressivo foi superado e ele passou a frequentar lugares públicos normalmente, o que demonstra a importância do esporte neste processo de ressocialização. Greguol (2017) aponta uma série de benefícios que a prática esportiva propicia às pessoas com deficiência, entre eles: a melhora da aptidão física, a promoção da saúde, o ganho de independência e autoconfiança, como também a melhora da autoestima. Esta é uma discussão presente no contexto desta pesquisa e da deficiência de modo geral, pois a aceitação é um processo individual e cada pessoa reage de uma forma diferente e no seu tempo próprio.

As expressões utilizadas pelos interlocutores que praticam atividades esportivas mostram o quanto esta prática é importante para eles e o que ela significa: como por exemplo: “vida”, “tudo”, “felicidade”, “orgulho” e “emoção”. Nas entrevistas, alguns interlocutores relataram que após adquirirem a deficiência, principalmente nos casos de acidentes automobilísticos, de moto ou ferimentos causados por projéteis de arma, passaram por um período de reclusão, recuperação e com indícios quadros de depressão/reclusão que duraram de 2 a 15 anos. Eles também disseram que a descoberta do esporte e a possibilidade de se envolver com alguma prática esportiva, os encorajou a sair de casa e a “retomar” algumas atividades que haviam sido abandonadas por falta de vontade.

3.1.2 Caracterização dos interlocutores e relações com as mediações

O questionário aplicado no primeiro encontro teve o propósito de caracterizar os interlocutores envolvidos com a pesquisa, identificar e compreender algumas das suas estruturas de mediações. Buscamos informações sobre seus hábitos relacionados à mídia televisiva, impressa e à internet e condensamos alguns dados para facilitar a compreensão das mediações de cada um deles. Apresentamos abaixo alguns dados especificamente sobre os usos da televisão, internet e da mídia impressa.

Interlocutores e a televisão

Todos os interlocutores responderam que possuem televisão em casa, sendo que cinco deles possuem um aparelho, sete possuem dois, um possui três e apenas um interlocutor possui quatro aparelhos. Também perguntamos quais canais eles costumam assistir e se possuem televisão por assinatura. A maioria deles (nove) assiste apenas à programação da televisão aberta, sendo que os outros (quatro) possuem televisão por assinatura. Destes, todos assistem o canal SporTV e disseram assistir outros canais, como: ESPN e Globo News.

Abaixo criamos um quadro para ilustrar os dados descritos relacionados aos canais de televisão aberta e por assinatura:

QUADRO 1 - CANAIS DE TELEVISÃO CITADOS PELOS INTERLOCUTORES

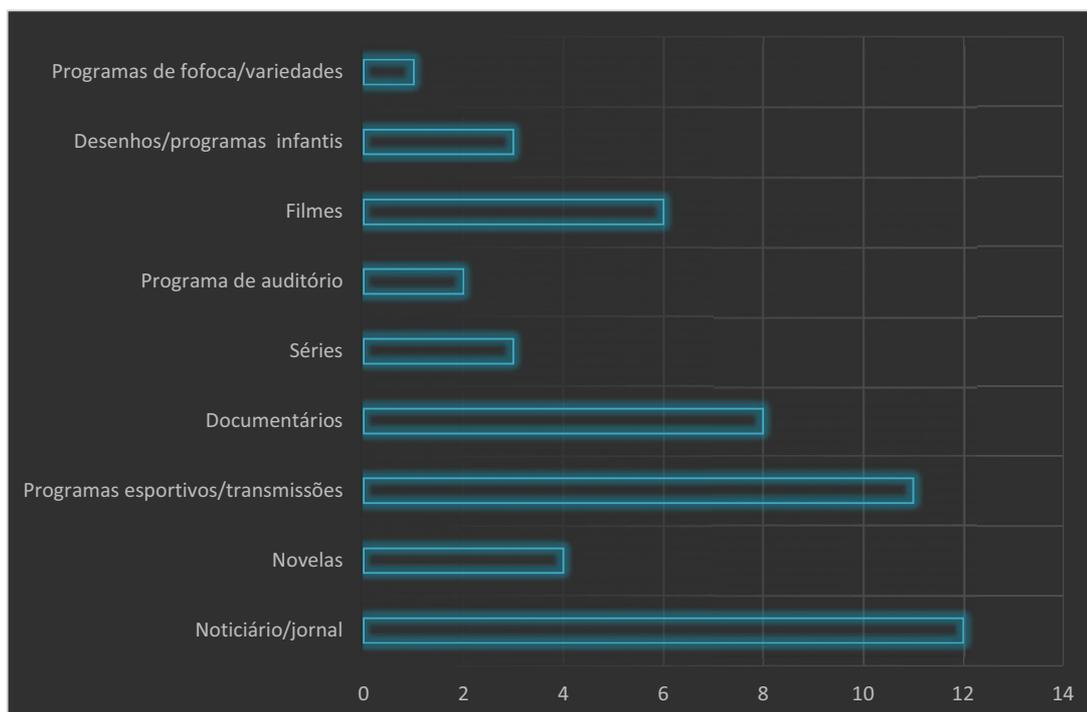
	Número de interlocutores	%
Globo	9	64
Record	9	64
SBT	5	36
Band	4	28
SporTV	2	14
ESPN	2	14
Globo News	2	14

FONTE: Autora (2016).

Pelos dados percebemos que houve uma predominância dos canais da Rede Globo e da Rede Record. A Rede Globo foi a emissora oficial dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos no Brasil. Para os Jogos Olímpicos, a Rede Globo mudou a grade de horário dos programas fixos, transmitiu ao vivo competições de modalidades coletivas e individuais de atletas brasileiros e estrangeiros e criou uma bancada de 7 a 8 comentaristas, especialistas e ex-atletas para narrarem e comentarem as transmissões. Já para os JP a emissora não fez nenhuma alteração na grade de horários da programação. Ela criou, no entanto, um programa chamado “Boletim Paralímpico” (exibido à noite), que tinha como objetivo apresentar, por 30 minutos, alguns resultados das competições que aconteceram durante o dia.

No gráfico 1 apresentamos os dados relativos a quais programas os interlocutores costumam assistir:

GRÁFICO 1 - PROGRAMAS QUE COSTUMAM ASSISTIR



FONTE: Autora (2016).

A partir da imagem é possível perceber que os programas mais assistidos são o noticiário e os programas e transmissões esportivas, citados respectivamente por 12 e 11 dos interlocutores. Todos os 11 atletas interlocutores da pesquisa afirmaram assistir programas esportivos. Os mais citados também foram os documentários (8) e os filmes (6). A maioria dos interlocutores tem o hábito de acompanhar a transmissão televisa de jogos e competições pela televisão. Questionamos se eles costumam assistir televisão sozinhos ou acompanhados. Seis deles costumam assistir sozinhos e oito acompanhados de esposas/maridos (7) e parentes (3).

Interlocutores e a internet

Investigamos quais eram as informações relacionadas ao uso da internet e de aparelhos que proporcionam este tipo de acesso. Todos os interlocutores informaram ter acesso à internet em casa e fora dela também, conforme os dados apresentados sinteticamente no Quadro 2.

QUADRO 2 - ACESSO À INTERNET

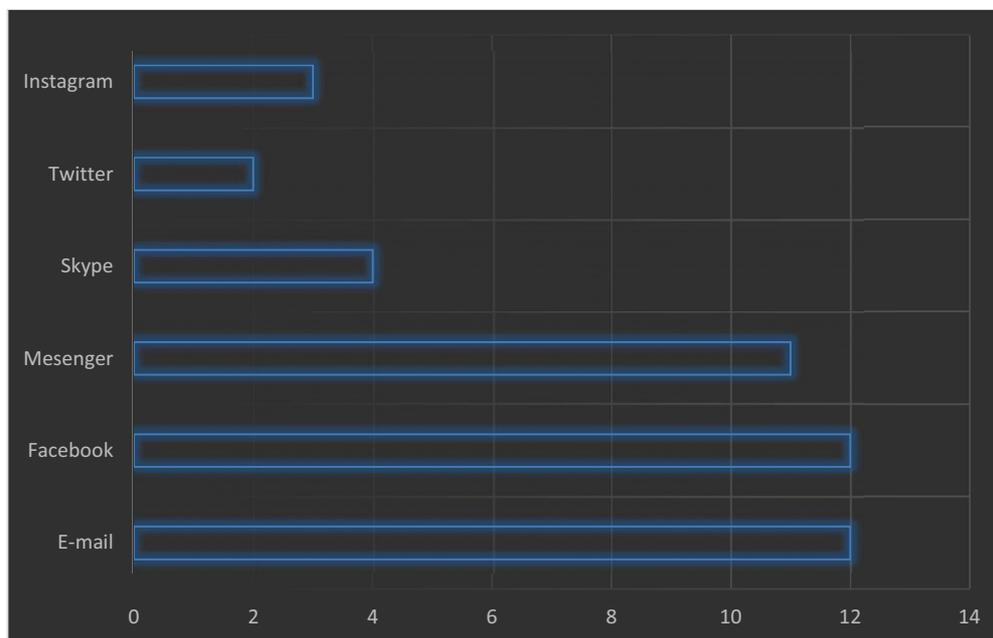
	Número de interlocutores	%	Aparelhos de uso pessoal
Smartphone	13	93	13
Computador Notebook	8	57	8
Computador Desktop	3	21	2
Tablet	1	7	1

FONTE: Autora (2016).

Estes dados mostram uma predominância do uso do smartphone por parte de 13 interlocutores, sendo que todos os atletas declararam usar este tipo de aparelho. Apenas o Ciro da APAP declarou que não usa. Todos estes possuem acesso à internet e a utilizam fora de casa através do smartphone (3g e 4g). A maioria deles (13) também possui notebook de uso pessoal.

Também questionamos os interlocutores sobre quais sites costumam usar e quais eles têm login/conta em sites de redes sociais ou e-mail (Gráfico 2).

GRÁFICO 2 – USO DA INTERNET



FONTE: Autora (2016).

A maioria dos interlocutores fazem uso de e-mail (12) e de *Facebook* (12). Um número bem reduzido usa o *Skype* (3) e o *Instagram* (3). Vale ressaltar que todos os atletas declararam usar o *facebook* e alguns citaram, durante as entrevistas, que têm usado este espaço alternativo para se informar, compartilhar e divulgar informações gerais sobre esporte para pessoas com deficiência e sobre suas modalidades em específico. Neste tipo de rede social, como o Facebook e o Instagram, circulam várias informações alternativas sobre o esporte adaptado. O CPB é uma das entidades que produz e compartilha vários conteúdos sobre as diferentes modalidades, sobre a preparação dos atletas e sobre competições de vários níveis.

Alguns dos interlocutores atletas relataram que assistiram transmissões ao vivo feitas por amigos que estavam no Rio de Janeiro durante os JP, como por exemplo, alguns jogos do Goalball, que não teve a cobertura da mídia nos locais de competição.

Perguntamos quais sites os interlocutores costumam acessar para buscar informações de modo geral. Foram citados: Google (4), Youtube (3), portal de notícias Globo.com (2), rede social Facebook (2), portais de notícias Terra (1) e UOL (1), Netflix (1) e Aquietimao.com (1).

Interlocutores e a mídia impressa

Em relação à mídia impressa, apenas um interlocutor esgrimista afirmou ter assinatura do jornal local impresso, chamado Gazeta do Povo. Nenhum dos interlocutores declarou ter assinatura de jornal *online* nem de revista impressa ou *online*.

Por fim, os interlocutores forneceram algumas informações relativas às relações entre a mídia e o esporte adaptado. Todos eles afirmaram que sabiam que os Jogos Paralímpicos seriam sediados no Brasil. Quando questionados se acompanhavam notícias sobre esporte adaptado na mídia em geral, nove deles responderam que sim (oito atletas) e cinco que não. Destes que assistem, os quatro atletas que afirmaram acompanhar pela televisão complementaram que assistem nas seguintes condições: “sempre que passa”, “quando tem”, “às vezes assisto, mas passa muito pouco”. A maioria citou que acompanha notícias que são veiculadas em canais abertos, como a Rede Globo. Alguns acompanham pelas redes sociais (6), por canais por assinatura/SporTV (2) e pelos sites de federações e confederações das modalidades (1).

Os esportistas foram questionados se costumavam conversar com colegas de equipe e técnicos sobre esporte. Nove responderam que sim (seis deles da equipe de basquetebol em CR e três da esgrima em CR) e dois que não. Alguns explicaram que conversam sobre assuntos em geral (3), sobre futuras competições e preparação (1), sobre as modalidades que competem, como esgrima em CR, basquetebol em CR, tênis em CR (3) e como captar mais pessoas para as modalidades oferecidas pela ADFP (1).

Diante dos dados levantados, conseguimos inferir uma presença acentuada e permanente da televisão na vida dos interlocutores. Todos eles afirmaram que assistem televisão (canais abertos ou por assinatura) e que tem contato com internet por smartphone ou computadores, ambos de uso pessoal. Os atletas deram indícios de que acompanham e buscam mais notícias sobre o esporte adaptado/paralímpico do que os interlocutores da APAP.

3.2 CARACTERIZAÇÃO DOS CONTEÚDOS MIDIÁTICOS

Durante a realização desta pesquisa, monitoramos alguns programas televisivos, portais de notícias e transmissões ao vivo, no intuito de nos familiarizarmos com as informações que estavam circulando sobre os Jogos Paralímpicos e para reunir materiais para exibir aos interlocutores (no formato de pequenos clipes) a fim de facilitar as dinâmicas em grupo. Neste contexto, vale destacar que a emissora Rede Globo havia comprado os direitos de transmissão dos JP. A TV Brasil, que é uma rede pública de televisão, comprou parte dos direitos de transmissão da Rede Globo. Vale ressaltar que a TV Brasil é um canal menos conhecido e popular, portanto, menos assistido pelo público em geral. Também acompanhamos as transmissões de competições pela SporTV, que é um canal por assinatura, de propriedade do Grupo Globo e que disponibilizou um canal exclusivo para os Jogos Paralímpicos. Considerando este contexto, traçamos algumas características da cobertura dos Jogos por parte destas emissoras.

Durante os Jogos Olímpicos a Rede Globo alterou a grade de horários (incluindo mudança de exibição de programas e novelas) e transmitiu diversas modalidades esportivas coletivas e individuais. Porém, o espaço dedicado aos JP foi menor. Por exemplo, a emissora não transmitiu as cerimônias de abertura e de encerramento dos Jogos, apenas apresentou um “compacto” após a exibição da novela “Velho Chico” no dia 07/09 e depois do programa Fantástico no dia 18/09. Também não alterou sua grade de horários para transmitir nenhuma modalidade em específico. Já a TV Brasil transmitiu as duas cerimônias na íntegra e a SporTV transmitiu conteúdos durante os onze dias de competição, incluindo as cerimônias de abertura e encerramento. Vale destacar que as únicas emissoras que realizaram transmissões ao vivo foram a SporTV e a TV Brasil. No caso da Rede Globo, acompanhamos os programas diários, Jornal Nacional, Globo Esporte Paraná, Esporte Espetacular (exibidos aos domingos) e o Fantástico (exibido aos domingos) e verificamos que algumas matérias foram veiculadas sobre os Jogos Paralímpicos.

Em relação aos portais de notícias, acompanhamos os seguintes: UOL⁴⁷, Globo Esporte⁴⁸ e Record⁴⁹. Também selecionamos o jornal Folha de São Paulo (FSP - versão *online*) para monitorar os conteúdos veiculados sobre os JP. Em cada uma destas plataformas as notícias eram encontradas em tópicos específicos. No site da UOL acessamos a aba “Olimpíadas”, selecionamos a opção “Paralimpíadas” e “quadro de medalhas”. Na Folha de São Paulo acessamos o tópico “Esportes”. Todos os dias estas plataformas digitais foram acessadas e as matérias encontradas foram salvas em arquivos separados.

Deste acompanhamento diário de notícias, selecionamos alguns trechos de notícias e materiais audiovisuais que foram criados e veiculados no intuito de promover e divulgar os Jogos, bem como alguns recortes de matérias com fotografias para instigar uma discussão sobre a cobertura midiática com os três grupos de interlocutores. Em cada uma das entrevistas, mostramos um pequeno videoclipe produzido por nós e apresentamos slides (estes materiais estão disponibilizados no apêndice 5 e no link do site *youtube* apresentados anteriormente). Os vídeos são descritos abaixo⁵⁰ e cada recorte teve a finalidade de provocar os interlocutores em alguns assuntos polêmicos ou de interesse dos próprios (como trechos da esgrima em CR e do basquetebol em CR).

O primeiro videoclipe teve duração de 6 minutos e 15 segundos e foi composto pelos seguintes trechos: imagens do “Esporte espetacular” veiculado no dia 11/09; recorte da publicidade “Time Petrobras” em que aparecem atletas olímpicos e paralímpicos; dois recortes do videoclipe do Channel 4 (*Yes, I can*); recorte do Jornal Nacional veiculado dia 11/09 sobre a vitória do Daniel Dias (Medalha de Prata nos 100 metros peito, classe S4); trecho de matéria do Jornal nacional transmitido no dia 07/09 relacionado a uma notícia do basquetebol em CR feminino e ao futebol de sete;

⁴⁷ Site: uol.com.br

⁴⁸ Site: gloesporte.com.br

⁴⁹ Site: esportes.R7.com

⁵⁰ Privilegiamos selecionar conteúdos que estavam sendo veiculados durante a realização dos Jogos (de 7 a 18 de setembro de 2016), porém, também incluímos trechos de conteúdos que tinham alguma ligação com os Jogos Paralímpicos do Rio, como a divulgação e o agendamento do evento. Assim, selecionamos um trecho da propaganda do Time Petrobras veiculada no ano de 2016 e que tinha como intuito promover o evento. Também usamos dois recortes do clipe produzido pelo *Channel 4* para divulgar o evento, e um trecho que divulga a série “Eficientes”, produzida no Brasil e que deu destaque a três atletas paralímpicos (Alan Fonteles, Terezinha Guilhermina e Daniel Dias).

participação do atleta do tiro esportivo Geraldo Rosenthal veiculado no Jornal Nacional no dia 09/09 e notícia sobre polêmicas da classificação funcional no Globo esporte-Paraná do dia 10/09. O clipe é finalizado com uma notícia exibida no dia 12/09 sobre o arremessador de disco cego Alessandro Silva.

Após a exibição do videoclipe, também foram mostrados slides por cerca de quinze segundos cada um deles. O conjunto apresentado na primeira entrevista continha 13 imagens com fotografias e recortes de matérias jornalísticas que mostravam conteúdos sobre diferentes modalidades.

O segundo videoclipe teve a duração de 6 minutos e 36 segundos e foi construído pela seguinte seleção de matérias: trecho exibido no Fantástico dia 18/09 sobre o encerramento dos Jogos; trecho de transmissão de dois jogos de basquetebol em CR Brasil x EUA (08/09) e Brasil x Turquia (14/09); trecho do Fantástico do dia 18/09 sobre a atleta esgrimista Monica Santos; notícia sobre o atleta Renato do atletismo brasileiro e a influência da tecnologia das próteses no desempenho da corrida (17/09); trecho que relata a história de vida do Alan Fonteles exibido em 17/07/16 no Esporte Espetacular e um trecho do Fantástico exibido em 18/09 sobre habilidades e “proezas” dos atletas paralímpicos.

Na segunda entrevista também exibimos um conjunto de fotografias e matérias compilados em sete slides. Todos estes conteúdos foram selecionados, pois, de alguma forma, ilustravam através de imagens ou títulos de matérias, temas que já foram investigados por pesquisadores nacionais e internacionais e temas de interesse desta pesquisa. As entrevistas foram guiadas pelo roteiro pré-estabelecido e em alguns casos os interlocutores comentaram mais ou menos sobre os conteúdos audiovisuais apresentados. Alguns trechos e imagens geraram mais discussão e polêmica entre os grupos. A utilização de recursos audiovisuais é comum em estudos de recepção. No entanto, reconhecemos que esta pode ter enviesado os dados, como provavelmente ocorreu em nosso estudo. Apesar desta limitação, este tipo de abordagem tem a vantagem de instigar a reflexão sobre diferentes temáticas. Ela também ajuda a promover o diálogo entre os membros do grupo que participam da dinâmica.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

Os dados provenientes da pesquisa empírica estão divididos em quatro capítulos, a saber: “A cobertura midiática do esporte paralímpico” (capítulo 5); “Estigmas relacionados à pessoa com deficiência” (capítulo 6); “Notas sobre a beleza e a estética do esporte paralímpico” (capítulo 7); “Do ‘coitadinho’ ao super-herói” (capítulo 8). Os capítulos foram divididos em seções para o desenvolvimento de algumas temáticas em específico.

4 COBERTURA MIDIÁTICA DO ESPORTE PARALÍMPICO

Esta seção se refere à análise dos dados das entrevistas sobre a percepção dos interlocutores no que diz respeito à cobertura da mídia. Esta foi organizada da seguinte forma: o pouco espaço dedicado pela mídia ao esporte paralímpico; a ênfase em histórias trágicas de vida ao invés de um enfoque nas modalidades esportivas e na esportividade dos atletas; a falta de conhecimento e gafes na cobertura midiática; e o medo de tratar o atleta paralímpico da mesma forma que se trataria um atleta olímpico.

4.1 POUCO ESPAÇO DEDICADO AO ESPORTE PARALÍMPICO NA MÍDIA

“Na verdade, é um paradoxo, porque assim, vende o que compra e não tem mercado, não tem muita gente interessada por falta de conhecimento, e isto porque não transmite. É um paradoxo, círculo vicioso.” (Frederico, basquetebolista)

Os Jogos Paralímpicos não recebem a mesma cobertura midiática que os Jogos Olímpicos nas emissoras de canal aberto (MARQUES et al., 2014, 2015; NOVAIS; FIGUEIREDO, 2010). Com a realização dos Jogos Olímpicos (JO) e Paralímpicos no Brasil, as pessoas envolvidas com o esporte paralímpico esperavam que houvesse uma cobertura satisfatória deste durante as competições. Em meio aos JO, a Rede Globo mudou grande parte de sua programação fixa para transmitir jogos e provas de atletas brasileiros e estrangeiros. Ela criou inclusive uma bancada

permanente de seis a oito pessoas com comentaristas, especialistas e ex-atletas para cada prova transmitida. Em comparação com os Jogos Paralímpicos, nem mesmo as cerimônias de abertura ou de encerramento foram exibidas ao vivo. Estas foram noticiadas apenas em formato de “resumo”, após a transmissão oficial. A bancada de comentaristas foi desfeita e os noticiários mostraram recortes de algumas provas, divulgando os resultados das provas ocorridas durante o dia.

De modo geral, a maioria dos interlocutores concordou que foi mínima a cobertura midiática televisiva para os Jogos Paralímpicos, e menor do que a que foi dedicada aos Jogos Olímpicos. Essa constatação corrobora com os dados apresentados por Marques et al. (2014, 2015), que entrevistaram atletas com deficiência física e visual, brasileiros e portugueses, respectivamente. Greguol (2007), ao apresentar os diversos benefícios e barreiras relativos à prática de atividades físicas e esportivas para pessoas com deficiência, enfatiza que uma das principais barreiras, consiste na falta de informações que existem e circulam sobre as particularidades do contexto do esporte adaptado.

Os membros do grupo da APAP, que frequentam a associação para as sessões semanais de fisioterapia, expressaram a sua opinião da seguinte forma:

Sobre a divulgação que eles fazem, **eu acho muito pouco**, eles fazem uma coisa como se fossem os super-humanos. Deu aqueles quinze minutos de fama, anunciou, divulgou, murchou. Deveria continuar aquele trabalho, porque eu não vou ver a TV só hoje, vou ver todos os dias, vou entrar na internet todos os dias, eu tenho uma rede social, eu não vou achar bonito, cruzar os braços, acabou, foram felizes. **Que não foi só aqueles 15 dias de paralimpíadas. A gente tem 365 dias no ano, porque tão pouco? Poderiam incentivar outras pessoas a também quererem**⁵¹ (Bernardo).

A mídia cobriu o evento, né? A gente estava em dúvida se ela ia cobrir e cobriu né? Eu ouvi várias pessoas falando que cobriu e foi um sucesso, teve o público também que assistiu (Ciro).

Pena que não passou no canal aberto, no 12 não passou [Globo], como passou as Olimpíadas, só no SporTV. Eu vi as cerimônias de abertura e encerramento só na SporTV, no canal fechado, porque na Globo passou só os melhores momentos no Fantástico, não passou na íntegra. (Sara)

APAP

⁵¹ Os trechos em negrito foram destacados pela pesquisadora por serem emblemáticos para a discussão em voga.

Conforme podemos verificar anteriormente, Bernardo é bastante analítico quanto ao fato de a mídia descontinuar a cobertura do esporte paralímpico após os Jogos, problema este também apontado por Marques et al. (2014, 2015). Sara criticou o fato de que a Rede Globo não transmitiu os JP como os JO. Já Ciro não apresentou críticas quanto à cobertura.

Um dos interlocutores da APAP apontou que existe uma relação de interdependência entre a falta de conhecimento do esporte paralímpico e a cobertura midiática:

[...] a mídia alcança muito mais gente [do que a divulgação da equipe em escolas, por exemplo], agora cabe a gente fazer um trabalho grande pra gerar esse interesse. [...]. O mercado, ele passa o que consome. A pessoa às vezes não consome porque não conhece, não conhece porque não passa, no caso das modalidades, do paradesporto no geral. **Então, quem não é visto não é lembrado, a gente tem que se fazer conhecer, porque outra chance de ser tão divulgado assim, como foi, por mais que tenha sido muito pouco, mas em vista do que não tinha, ter um pouco já é um grande lucro, já é um grande ganho!** (Frederico, basquetebolista)

A fala do Frederico indica uma compreensão do ciclo vicioso que envolve a cobertura midiática do contexto paralímpico. Ele entende o esporte como uma atração mercadológica, que, se comparada ao esporte convencional, não tem elementos suficientes para ser consumido, pois ainda não é tão conhecido, e por isso, também não agrega valor considerável nem retorno à grande mídia. Em outra passagem da entrevista, ele disse que, pessoalmente, juntamente com colegas da equipe, vem tentando divulgar o basquetebol em CR em escolas de Curitiba. Nesse contexto, ele lamenta o fato de a mídia não aproveitar a oportunidade da realização dos Jogos Paralímpicos no Brasil e sua possibilidade de alcance do público – que seria muito maior – para fazer este tipo de divulgação.

Na mesma entrevista, os atletas explicaram sua percepção a respeito do desconhecimento e, portanto, da consequente pouca divulgação e falta de interesse pelo esporte paralímpico, de modo geral. Um dos interlocutores do grupo do basquetebol em CR destacou que os esportes mais conhecidos tendem a aparecer mais:

A única coisa que vende mesmo é futebol e vôlei, é só isso, do esporte convencional. Do esporte adaptado também o futebol e o vôlei, só vende para o público que tem interesse, no caso de alguém ligado (Leonardo)

Porque vocês acham que isso acontece? (Entrevistadora).

Porque o pessoal não tem convivência, ninguém sabe da gente (Leonardo).

(basquetebolistas)

O Leonardo explicou que encontrou notícias sobre o tênis em CR somente na internet. Na televisão, ele não conseguiu assistir a nenhuma matéria ou transmissão ao vivo:

[...] A questão ali do tênis que eu jogo e que eu estava acompanhando o pessoal, teve muito pouco. Eu quase não vi matéria do tênis, eu só fiquei sabendo do tênis porque eu ficava procurando no site do Rio 2016. **Eu olhava só os resultados, porque não teve nenhuma transmissão em canal nenhum.** Ou seja, eu só fiquei sabendo dos resultados com o resultado final já. (Leonardo, basquetebolista)

Segundo os interlocutores desta pesquisa, as pessoas que mais acompanham e buscam informações sobre o contexto esportivo paralímpico ou são pessoas que possuem deficiência e que têm algum vínculo com o esporte adaptado ou são familiares e parentes dessas pessoas.

[...] É porque o pessoal em geral, quando fala em olimpíadas, todo mundo conhece... **mas quando fala em paraolimpíadas, é quem tá no meio e daí sabe que vai assistir**, mas, se o pessoal começasse na mídia, agora começar a passar sempre... nem que não seja muito, mas sempre um foco, uma apresentaçozinha, alguma coisa, o pessoal vai começar a assistir mais e presenciar mais. (Ângelo, basquetebolista)

Para Ângelo, bem como para outros entrevistados, o esporte paralímpico aparece na mídia de forma pontual e restrita apenas a grandes eventos, o que prejudica a divulgação do esporte. Nos estudos de Marques et. al. (2014, 2015), a maioria dos entrevistados, portugueses e brasileiros, respectivamente, também apontou esse problema. De acordo eles, a mídia não tem interesse em veicular notícias durante o ciclo paralímpico, ou seja, fora do período dos Jogos. Apesar do pouco interesse de a mídia cobrir eventos paradportivos de uma forma geral, ela vem aumentando a cobertura no período dos Jogos Paralímpicos. De acordo com

Santos et al. (2018), durante os JP de Barcelona (1992), enquanto houve apenas nove notícias sobre o evento publicadas no jornal Folha de São Paulo, nos Jogos Paralímpicos do Rio (2016) houve 114 notícias.

Todos os atletas do basquetebol em CR concordaram que a cobertura midiática não foi além da expectativa. Eles criticaram fortemente a cobertura da Rede Globo, que havia comprado os direitos de transmissão.

Então, vocês pensam que os JP vêm ganhando o espaço que merecem na mídia nesses últimos dias? (Entrevistadora).

Não! Ah, não! (Todos).

Em matéria de mídia a paraolimpíada tem espaço sim, porque se não tomasse espaço, a Rede Globo não se preocupava tanto em comprar os direitos de transmissão [...]. (Bruno)

E a SporTV 2? (Frederico).

A SporTV 2 é deles, da Globo! E só é liberado um canal deles pra transmitir. Aberta nenhuma! E se a gente não chamasse tanta atenção e não fosse tão divulgado, não fosse a explosão que está sendo a paraolimpíada agora, porque a Rede Globo ia se preocupar em comprar? [...] **Se ela comprou chama atenção sim, de alguma forma, que não é interessante pra eles mexerem na grade de programas, porque isso não é o foco deles, não é uma coisa que eles querem botar na mídia, isso não interessa pra eles, entendeu?** (Bruno)

E como você acha que está sendo a cobertura dos JP nos últimos dias? (Entrevistadora)

Horrível! Eu estou contente com o canal nove que é aberto, a TV Brasil, pelo basquete, está passando ao vivo lá [...]. **Em relação à Rede Globo, pra eles, os representantes da emissora, não há esse boom, pra que mostrar?** Mas por fora algum interesse financeiro tem. (Bruno)

Porque você acha que não tem esse interesse da Rede Globo em comprar e não transmitir os JP? (Entrevistadora)

[...] A gente tá quebrando barreiras, **ai vem uma emissora, que é número um no Brasil e faz uma coisa dessa? De esconder isso aqui? Mas vai esconder até quando?** (Bruno)

(basquetebolistas)

O Bruno levanta uma questão paradoxal na passagem anterior: o fato de a Rede Globo ter comprado os direitos de transmissão dos JP e não os ter transmitido no canal aberto. Ele tenta explicar esse paradoxo dizendo que a emissora

provavelmente tem preconceito contra as pessoas com deficiência e por isso tenta “esconder” o esporte paralímpico. Durante as duas semanas de competição, a emissora fez apenas algumas pequenas matérias divulgando os resultados de alguns atletas medalhistas. Bourdieu (1997) explica que a televisão, especificamente, é regulada pelos índices de audiência. Desta forma, ao mesmo tempo que transmite uma mensagem, omite outra. Ou seja, apenas mostra o que interessa à emissora. Não temos como concordar com o interlocutor de que a Globo deliberadamente comprou os direitos da transmissão para impedir que houvesse uma cobertura dos Jogos Paralímpicos, uma vez que ela transmitiu competições ao vivo em seu canal fechado “Sport TV”, mas a diferença entre a cobertura dos JO para os JP realmente foi visível.

Bruno e Miguel foram os únicos interlocutores a declarar que estavam acompanhando os Jogos pela TV Brasil, que, por sua vez, comprou parte dos direitos de transmissão da Globo. Ambos afirmaram estar “contentes” com a cobertura. Eles disseram que a TV Brasil havia transmitido jogos de basquetebol em CR ao vivo. Em um universo de 14 interlocutores, apenas dois disseram ter conhecimento desse canal estatal, que fez uma cobertura maciça dos Jogos. Cinco deles assistiram pelo Sport TV (cinco pessoas) e o restante viu uma ou outra notícia por intermédio das emissoras Globo, Record, Band e SBT.

O grupo de entrevistados da esgrima em CR mencionou, a seguir, que, mesmo nos canais privados, houve cobertura apenas das modalidades mais conhecidas, por exemplo, o atletismo, a natação e o futebol de cinco, todas correlatas ao esporte convencional. Nesse sentido, os esgrimistas ressentem o fato de que, por não ser muito conhecida, a esgrima tenha sido prejudicada na cobertura:

O que eu mais vejo na mídia é o basquete. (Aurora)

Tá na programação⁵² que vai passar esgrima em CR e eles acabam cortando porque não é um esporte tão conhecido [...]. Mas eles cortam porque o futebol de cinco é mais conhecido, ou porque a natação é mais conhecida, eles acabam cortando pra passar o que o pessoal mais conhece. (Laura)

O que eu vejo mais passando é o Daniel Dias e a natação (Helena)

⁵² Programação do canal por assinatura – NET.

E o que vocês pensam sobre isso? (Entrevistadora)

Eu acho meio ruim. É bom que tá mostrando, mas mostrando poucas modalidades, que têm um monte, né? Esgrima mesmo não é tão conhecido né? Tem gente que nem conhece o que é esgrima (Aurora)

Se tivesse mais mídias passando talvez a gente conseguisse acompanhar mais modalidades, né? Como não tem muita coisa em canal nenhum, você acaba não vendo quase nenhuma modalidade. (Laura)

Daí qual será o critério da mídia de passar um e não passar outro? (Entrevistadora)

Passa o que é mais conhecido! Os que eles sabem que vai ter medalha, os que eles acham que vai ter medalha, como o Daniel Dias da natação. (Laura)

(esgrimistas)

As atletas da esgrima também relacionaram o número de medalhas conquistadas com a visibilidade da modalidade, argumento consistente com o que foi apontado pelos entrevistados do estudo de Marques et al. (2014).

4.2 A ÊNFASE EM ESTÓRIAS TRÁGICAS DE VIDA AO INVÉS DE UM ENFOQUE NAS MODALIDADES ESPORTIVAS E NA ESPORTIVIDADE DOS ATLETAS

No grupo da APAP, Sara levantou uma questão a respeito do conteúdo veiculado pelas matérias televisivas, especificamente no caso de Rede Globo. Ela possui esclerose múltipla diagnosticada há 11 anos e explicou que, de modo geral, pensa que a cobertura contribuiu para a divulgação do esporte paralímpico. No entanto, sentiu-se desconfortável ao assistir à matéria de uma atleta belga que possui esclerose múltipla e que assinou o documento autorizando sua própria eutanásia. Na matéria, a atleta alegou que convivia com dores ininterruptas e que, por esse motivo, planejava a eutanásia:

Ah, eu gostei de tudo. A única coisa que foi aquela belga. Não discutindo sim ou não, se eu concordo com ela ou não, **mas eu acho que ela não devia ter falado, que tem tanta gente que nem ela que tem aquela doença, que não pensa assim, então eu penso que foi um mau exemplo, não um mal exemplo, acho que ela não precisaria ter falado.** (Sara, APAP)

Para Sara, que também possui esclerose múltipla, a atleta não deveria ter falado esse tipo de coisa, pois estaria dando um mau exemplo a outras pessoas, denotando um “abandono da vontade de viver”. A seguir, estão reproduzidas duas falas do grupo de Sara que também reforçam o enfoque da mídia em notícias de cunho negativo:

Eu não acompanhei muito as paraolimpíadas, mas falando das olimpíadas com as paralimpíadas, um erro ou uma falha que aconteça, a mídia fica muito em cima daquilo, que nem aquela vez o Diego Hipólito não ganhou nas olimpíadas, ele caiu, bateu o rosto no chão, na segunda vez caiu sentado, perai, pra que divulgar a parte que ele não conseguiu, ele sabe que ele não conseguiu. (Bernardo)

Porque esse tipo de história negativa dá audiência, né? Eu de uma maneira geral achei que, só vi coisas boas do que eu assisti, achei válido, interessante, o que se pretendia fazer foi um sucesso de público, de tudo, tanto que as pessoas aprovaram, foram e gostaram, todos os eventos, quase que teve pequenas coisinhas negativas, né? Mas de uma maneira geral foi um sucesso [...]. (Ciro)

(APAP)

Vários de nossos entrevistados criticaram o fato de, nas reportagens, a mídia focar nas histórias tristes e de viés sensacionalista. Pappous et al. (2009) abordam essa questão explicando que esta é uma das estratégias midiáticas para atrair a atenção do público. A mídia, de acordo com eles, tende à contar a história dos atletas, desde a causa da deficiência até chegar à questão da prática esportiva. Os autores afirmam que essa abordagem não agrada muitos atletas, e citam como exemplo um atleta paralímpico da equipe grega de basquetebol em CR⁵³ que se diz desconfortável com o fato de sempre ser questionado sobre a história do acidente. Ele prefere ser visto como atleta e não uma pessoa com dificuldades motoras. É preciso ponderar que histórias de vida são também enfatizadas na cobertura midiática do esporte convencional. No entanto, essa abordagem é mais problemática no caso do esporte paralímpico, pois este recebe pouca cobertura, e para piorar a situação, parte desta é ocupada por fatos não tão relevantes no que diz respeito ao contexto esportivo.

Santos (2018) explicita os critérios de noticiabilidade e os valores-notícia utilizados pelos jornalistas e editores no processo de construção das notícias sobre

⁵³ O referido atleta participou dos Jogos Paralímpicos da Grécia, em 2004.

os Jogos Paralímpicos Rio 2016. Ele entrevistou quinze jornalistas e editores que possuíam vínculos profissionais com diversos veículos midiáticos, entre eles: mídia televisiva e impressa, portais de notícias e redes sociais. Vale ressaltar que oito destes profissionais trabalharam em mídias de alcance na região sul e os outros sete em mídias de alcance nacional. O autor concluiu que os critérios das notícias escolhidas são influenciadas pelo que os jornalistas e editores entendem ser de “interesse do público”, como conteúdos relacionados com expectativas de vitórias por parte de determinados atletas/equipes, resultados de competições e número de medalhas conquistadas. Eles buscam também noticiar histórias dramáticas e curiosidades particulares ao esporte paralímpico, que podem chamar a atenção do público. Além disto, eles tendem a escolher notícias que revelam fatos relacionados a atletas locais para chamar a atenção do público das regiões onde os jornais estão sediados.

Para os atletas entrevistados, a mídia deveria focar mais na trajetória esportiva dos desportistas. Na opinião de alguns, parte da história de vida deles pode ser contada, mas não com um enfoque em como a deficiência foi adquirida ou em outros obstáculos decorrentes dela. Esta deve enfatizar apenas assuntos que dizem respeito ao seu envolvimento no campo esportivo e sacrifícios necessários para realizar o seu objetivo nesse campo.

Acho que não deveria contar a minha história inteira. Mas sim a determinação, como você foi atrás, você buscou, você foi sozinha, correu atrás do seu sonho, pra chegar ali. Porque nesse intervalo tem muitas coisas, né? Por exemplo, incentivo, que é uma dificuldade que o atleta passa, nesse meio financeiro, porque é difícil pra ser atleta, gera isso, tem que ter dinheiro, principalmente na esgrima, que é um esporte caro. (Aurora, esgrimista)

No caso da atleta do recorte anterior, ela enfrenta dificuldades para adquirir os materiais e equipamentos necessários para a prática da esgrima (cadeira de rodas, roupa certificada, armas, máscara, fios, entre outros), bem como realizar a manutenção periódica deles. De acordo com ela, questões como estas deveriam ser mostradas pela mídia. A seguir, outra passagem reveladora do que os atletas gostariam de ver e não ver na mídia.

No meu caso, que fui amputada, não contar a parte do porquê eu sofri acidente, não essa parte, contar a parte que eu morava em Paranaguá, eu vinha até aqui pra treinar, agora eu comprei uma casa

aqui. Eu fiquei mais de um ano vindo de Paranaguá⁵⁴ pra cá treinar na sexta e no sábado. [...] Não a parte do “coitadinho”, que aaah! Lá em 2011 eu sofri um acidente! Mas é melhor a parte aqui, que a gente tá vivendo agora. Que nem ela [apontando para a Aurora], que tem que pegar quatro ônibus pra vir. A superação a gente faz todo dia pra treinar. Eu acho que nem seria tão interessante essa parte da história, acho que é interessante pra mim, pra ver que eu passei por tudo isso, **agora, o legal mesmo é passar a falar do esporte**, ter que vir, ter que pegar ônibus, essa parte assim. (Laura)

Também pensamos neste sentido. (Aurora e Helena)

Na passagem anterior, novamente verificamos que os entrevistados preferem que o enfoque seja em questões vinculadas ao esporte e ao cotidiano das rotinas de um desportista, como a maioria dos atletas entrevistados por Marques et al. (2014). As três atletas moram em bairros distantes do local de treinamento e se deslocam por cerca de duas a três horas para treinar três vezes por semana, o que demonstra o grau de comprometimento delas com a prática esportiva. Para alguns atletas, como no caso da Laura, lembrar o acidente (causado por um motorista embriagado) e a recuperação pós-lesão (excesso do uso de remédios e princípio de depressão), são situações que causam desconforto e que não têm relevância para serem abordadas pela mídia.

Para entender como seria a reação das atletas ao serem abordadas por um jornalista que as questionasse sobre a história relacionada à deficiência, sua causa, a situação e o contexto de vida delas, Laura respondeu:

Eu já dei entrevista lá na minha cidade, o foco era bebida alcoólica e direção, porque o cara que fez isso comigo [apontou para a perna direita amputada] ele tava bêbado, né? E invadiu a minha pista. Aí é interessante contar, mas se o foco não for esse, **se o foco for o esporte, eu acho que não tem nada a ver contar, não!** (Laura, esgrimista)

Como fica evidente na fala anterior, a maioria dos atletas interlocutores desta pesquisa e dos participantes da pesquisa de Marques et al. (2009) pensam da mesma forma e acreditam que, em se tratando do contexto esportivo e de competições, a mídia deve preconizar a trajetória e os feitos esportivos. Ficou evidente que, tanto para

⁵⁴ Cidade litorânea distante 90 quilômetros de Curitiba.

os interlocutores desta pesquisa, quando para os atletas paralímpicos entrevistados por Marques et al (2014), este tipo de notícia com elementos de sensacionalismo não ajuda a divulgar o esporte paralímpico. No entanto, conforme mostrado pelos interlocutores entrevistados por Santos (2018), as notícias não são produzidas pelo que deveria ser a pauta central do jornalismo esportivo. Elas tendem a possuir um caráter sensacionalista e com temáticas que a princípio, seriam de interesse do público, para que sejam consumidas por eles.

4.3 FALTA DE CONHECIMENTO E GAFES NA COBERTURA MIDIÁTICA

“Porque o objetivo além de apresentar o esporte e de entreter, é de formar também. Quando você tem um especialista que sabe muito mais aprofundado do assunto, deixa o expectador mais bem formado, tira da ignorância”. (Frederico, basquetebolista)

Pelo fato de o esporte paralímpico estar pouco presente na mídia, por não ter tanta tradição quanto o esporte convencional, de modo geral, os repórteres e jornalistas têm pouca experiência e pouco contato com as diversas modalidades. Somando isso ao fato de as coberturas de grandes eventos paralímpicos serem sazonais e pontuais, algumas vezes esses profissionais acabam se inteirando de regras e funcionamento das modalidades de forma quase simultânea às transmissões e narrações dos eventos. Isso também colabora para a veiculação de informações duvidosas, quando não erradas, que demonstram desconhecimento e falta de preparo por parte de diversas mídias e profissionais.

Conforme já citado, Santos (2018) apresentou as condições de produção da notícia a partir da perspectiva de jornalistas e editores de alguns jornais brasileiros de maior circulação no sul do país. Ele verificou que a maioria dos veículos midiáticos representados em seu estudo se mobilizou tardiamente para se credenciar para a cobertura e para de fato cobrir os Jogos Paralímpicos. Esta realidade revela a falta de interesse da mídia por este tipo de manifestação esportiva. Ela também dá indícios de que provavelmente não houve muito preparo, por parte dos profissionais destes veículos, para fazer uma cobertura bem informada sobre os referidos Jogos. Este é um dado que deve ser considerado, pois pode ter implicado diretamente na cobertura

midiática e na produção das notícias, conforme evidências levantadas por alguns interlocutores desta pesquisa.

Alguns atletas se mostraram incomodados com essa realidade de ouvirem informações equivocadas, narrações em que os profissionais titubeavam e levantavam dúvidas ao vivo, pois além de não contribuir para com a divulgação do esporte paralímpico, também não possibilita a qualificação da cultura esportiva, que é definido por Pires (2002, p. 42) como:

[...] o conjunto de ações, valores e compreensões que representam o modo predominante de ser/estar na sociedade globalizada, em relação ao seu âmbito esportivo, cujos significados são simbolicamente incorporados através, principalmente, da mediação feita pela indústria de comunicação de massa.

Este tipo de situação não favoreceu a oportunidade de as pessoas estarem em contato com o esporte paralímpico, conhecendo e se tornando expectadores em potencial. Também demonstra certo descaso com a competição e com as modalidades, conforme a passagem apresentada a seguir:

Você vê, o próprio narrador não estudar, isso eu acho um absurdo. Os caras estão lá narrando, mas eles deveriam pensar que se vão fazer parte disso ali vão buscar, vão estudar. (Ângelo, basquetebolista)

Mais da metade dos ativistas participantes do estudo de Braye, Dixon e Gibbons (2013) também apontaram uma falta de interesse da mídia em explicar o sistema de classificação dos atletas dentro de cada modalidade em específico, o que é imprescindível para o entendimento de seu funcionamento. Os próprios atletas interlocutores desta pesquisa reconheceram ter dificuldades de compreender as classes de outras modalidades e imediatamente refletiram sobre o público que não é envolvido com o esporte paralímpico. Para os atletas, se não houver uma divulgação de informações generosas e de fácil compreensão, o público em geral provavelmente não vai se interessar por acompanhar este tipo de esporte.

Além da quantidade de informação, para Marques e Gutierrez (2014), Freitas e Cidade (2009) e Amaral (1995), é preciso se atentar para a importância da linguagem adequada para se referir a pessoas com deficiência, de modo a se evitar situações constrangedoras ligadas à segregação, ao preconceito e à estigmatização. Os

discursos veiculados podem reforçar alguns estigmas ligados a pessoas com deficiência, como o de que são “coitados”, “passivos” ou “dignos de pena”.

O discurso criado e veiculado pela mídia em relação ao esporte paralímpico pode exercer um papel fundamental no processo de estigmatização ou desestigmatização dos atletas paralímpicos e, conseqüentemente, das pessoas com deficiência. Amaral (1995) explica a importância dos meios de comunicação de massa na disseminação e no conhecimento das deficiências: “Eu diria que os meios de comunicação têm o poder de acelerar e facilitar o processo de aceitação e adaptação [das deficiências]; utilizando esse poder incomparável para tornar familiar o desconhecido, a diferença pode chegar a ser desmistificada pelo público” (AMARAL, 1995, p. 138). A autora afirma que um elemento importante na discussão de estigma é o desconhecimento, pois pode se configurar como matéria-prima para a perpetuação de atitudes preconceituosas e estereotipadas da deficiência. Ao mesmo tempo, ela reconhece que a informação e o conhecimento não dão conta de reverter um quadro histórico de segregação e marginalização das pessoas com deficiência. Eles podem, no entanto, contribuir para a ampliação de uma reflexão crítica a respeito do tema e para avançar no processo de normalização da presença destes na sociedade.

A seguir, mostramos o diálogo estabelecido entre os jogadores da equipe de basquetebol em CR e suas impressões e opiniões sobre esse tema:

Eles não conseguem nem explicar a deficiência dele ali [...]. No futebol antes de começar cada jogo eles procuram o histórico, dos títulos e tal [...]. Ali não, eles foram buscar um deficiente (para comentar a narração) porque eles não sabem, uma pessoa que conhece, que convive no dia a dia com eles. No convencional cada um ali sabe que aquele atleta foi campeão, [...] já no paradesporto eles não sabiam onde joga, porque jogava, quantas vezes [...]. (Leonardo)

Porque o objetivo além de apresentar o esporte e de entreter é de formar também. Quando você tem um especialista que sabe muito mais aprofundado do assunto, deixa o expectador mais bem formado, tira da ignorância. Você assistiu um dia aquele boletim olímpico? Você viu o tamanho da bancada que era? Agora (no boletim paralímpico) tem uma mulher e o Fernando [...]. (Frederico)
(basquetebolistas)

Os interlocutores da pesquisa mostram a mesma opinião sobre alguns problemas com a narração e comentários durante a transmissão dos Jogos. Explicam

que os profissionais responsáveis por falar sobre cada modalidade muitas vezes demonstram pouco conhecimento, principalmente porque não estudam ou não se preparam para desenvolver seu trabalho, como fica explícito na fala de Ângelo. Os atletas entendem isso como um descaso. No caso da fala do Frederico, o atleta apresenta uma análise mais ampla da conjuntura esportiva, na parte de sua fala que aparece em negrito logo acima. Nessa frase, é evidente que o atleta entende o esporte como uma atração de entretenimento, mas também como um elemento que pode e deve agregar informações e conhecimento a quem tem interesse.

No diálogo estabelecido a seguir, o atleta Leonardo completa sua opinião sobre a falta de profissionais que dominem o assunto e que possam realmente contribuir com a cultura esportiva da população.

Eles não sabem como falar do esporte. Eles não sabem o que tá acontecendo. Tudo eles acham, não sabem a dificuldade daquele atleta com a classificação, eles não sabiam. Eles já chamavam outra pessoa pra dar um exemplo de classificação. Eles não sabem o que eles estão transmitindo ou eles não procuraram saber como funciona. (Leonardo)

Se baseiam no achismo! (Frederico)

(basquetebolistas)

Ao final, o Frederico completa a reflexão ao afirmar que as pessoas que compõem essas equipes responsáveis por transmitir, narrar e comentar competições, cometem erros por se basearem no “achismo”. Isso evidencia o que outros atletas da esgrima já apontaram e o discurso, de modo geral, de atletas de modalidades paralímpicas: o descaso com as informações sobre o esporte e do trato rápido e efêmero dessas informações.

No diálogo apresentado a seguir, o grupo de atletas do basquetebol em CR levanta a importância de descrever as modalidades, seu funcionamento, suas regras, as deficiências dos atletas e suas especificidades. Miguel também destaca que a TV Brasil⁵⁵ fez mais transmissões do que outras emissoras abertas:

[...] Eu assisti pouco a Globo, estava sempre na TV Brasil, então, esses pequenos detalhes aí, que eu percebi, eles explicaram bem,

⁵⁵ A Rede Globo não transmitiu ao vivo nenhuma partida de modalidades coletivas.

modalidade por modalidade que eles pegaram ali eles explicaram bem o sentido, como funcionavam, a regra, esse foi um ponto positivo. (Miguel)

Eu gostei da parte que eles falaram do basquete, falando umas coisas bem diferentes assim, acerca da pontuação, limitação, desgaste. (Frederico)

Porque pra fazer essas qualificações aí o cara tem que estudar. É como vocês, se vocês chegar aqui, vocês não vão saber alguma coisa que ele sabe, porque vocês não estão no meio, né? (Ângelo)

Mas assim também, por mais que eles passaram pouco, acho que deveriam ter se aprofundado um pouco mais [...]. (Frederico)

(basquetebolistas)

Os atletas explicaram a importância de os profissionais envolvidos com a cobertura estudarem e se inteirarem do funcionamento das modalidades. Eles também deram ênfase para a cobertura da TV Brasil, que diferentemente da Rede Globo, transmitiu jogos de basquetebol em CR ao vivo e fez narrações que colaboravam para com a compreensão da modalidade. No estudo de Santos (2018), um dos jornalistas entrevistados relatou que é comum as redações terem jornalistas preparados para cobrirem eventos esportivos específicos. No entanto, isto não aconteceu no caso dos Jogos Paralímpicos. O pesquisador explica que a especialização em determinadas áreas do esporte pode qualificar a produção das notícias, principalmente se esta cobertura acontecer de forma contínua, acompanhar o ciclo de competições menores e culminar com as competições maiores, como por exemplo, com os Jogos Paralímpicos.

Uma das interlocutoras da APAP mostrou-se satisfeita com os comentários e narrações transmitidos pela SporTV.

Eu assisti um pedacinho do basquete em CR, assisti do futebol de cinco. Eu vi que era como se fosse uma olimpíada normal, eu não senti diferença nenhuma na narração. Quando falava de um jogador, o narrador sabia de qual olimpíada tinha participado, ele falava do que ele era, que nem aquele no futebol de cinco, aquele que fez o gol ontem, ele que levou a bandeira, daí ele sabia de quanto tempo que eles não perderam, sabia a olimpíada que ele tinha participado. (Sara, APAP)

Essa passagem mostra a diferença na opinião da maioria dos atletas e dos interlocutores não envolvidos no meio esportivo. Sara não pratica esportes e elogiou

a cobertura. Ao comparar a cobertura dos Jogos Paralímpicos a dos Jogos Olímpicos, não percebeu nenhuma diferença na narração⁵⁶.

Miguel, que é atleta, na mesma linha que Sara, enalteceu a forma didática como a TV Brasil cobriu os Jogos, especificamente em relação ao basquetebol em CR. Alguns de seus colegas, no entanto, criticaram a falta de conhecimento dos narradores e comentaristas em algumas transmissões de modalidades coletivas. Essa diferença de opinião entre os interlocutores pode estar atrelada ao fato de os atletas estarem envolvidos no contexto esportivo e se sentirem frustrados e desprestigiados ao ouvirem informações erradas ou duvidosas. Eles também provavelmente ficaram decepcionados com a cobertura porque tinham altas expectativas em relação a elas, diferentemente de Sara, que, a princípio, não tinha expectativas por não estar envolvida no meio esportivo.

Francisco, atleta da esgrima em CR, critica a forma como a mídia faz a cobertura, com medo de retaliações ou processos, e sugere que os narradores e comentaristas tratem o esporte paralímpico da mesma forma que o esporte convencional:

Eu acho assim, que na hora da divulgação mesmo é muito pouca e quando tem, eles tratam como se tivessem andando em vidro, eles não fazem uma transmissão normal mesmo, como fazem do esporte convencional. Eles têm medo de: ah, se eu falar isso em rede nacional vou acabar prejudicando! Então eu acho que eles têm que fazer a transmissão como se fosse um esporte igual o convencional [...]. Igual das paralimpíadas aí, teve poucas transmissões e o que eles mostravam lá na Globo: tal cara ganhou ouro, mas só falava o nome dele, nem mesmo mostrou ele ganhando, nem que fosse dez segundos dele na prova, só que ganhou o ouro e pronto. Então falta divulgação mesmo. (Francisco, esgrimista)

O esgrimista reafirmou sua opinião sobre a pouca divulgação associando-a ao fato de os meios de comunicação apenas relatarem as conquistas dos atletas, sem mostrá-los em ação ou recebendo a medalha. Para Berger (2008), a pouca divulgação do esporte paralímpico dificulta a consolidação de vínculos e interesses por parte do público.

⁵⁶ Vale ressaltar que, numericamente, a SporTV disponibilizou 16 canais para os JO e dois para os JP, o que já é um indicio de diferença na cobertura entre os eventos.

É importante ressaltar que a falta de conhecimento dos narradores e/ou apresentadores não é privilégio do esporte para pessoas com deficiência, mas sim, dos esportes que estão à margem de uma cultura esportiva criada a partir da monocultura esportiva do futebol. Outras modalidades como as lutas, *skate*, ginástica, entre outros esportes, também sofrem com a falta de conhecimento dos narradores da mesma forma como aconteceu nos JP. Vale ressaltar que em alguns casos, as emissoras convidam ex-atletas de modalidades específicas para contribuir com a narração e com comentários de algumas competições, o que também acontece no esporte convencional.

4.4 O MEDO DE TRATAR O ATLETA PARALÍMPICO DA MESMA FORMA QUE SE TRATARIA UM ATLETA OLÍMPICO

“A mídia não critica o deficiente eu acho, para ser politicamente correto”.

(Frederico, basquetebolista).

A maioria dos interlocutores atletas levantaram o seguinte tema: que a mídia tende a não criticar os atletas paralímpicos quando as *performances* atléticas não atendem às expectativas da mídia e do público. Alguns entrevistados do basquetebol em CR disseram que provavelmente narradores e comentaristas têm medo de serem politicamente incorretos e de que isso possa repercutir mal.

Eles tratam como coitados! Têm medo de falar alguma coisa, de ofender (Bruno).

Eu acho que é isso, porque tentam se defender, ou de processo. Ou de revoltar a classe, né? Acho que a mídia tem um problema, ela não critica o deficiente eu acho, que sei lá, pra ser politicamente correto, por mais que tenha um mal desempenho, fica dizendo: ah, não, mas é assim mesmo, é difícil. **Fica com medo de criticar apenas porque a pessoa tem uma deficiência, de ofender talvez, ou de ser mal interpretado.** Mas no contexto geral acho que estão batendo mais nessa tecla do super-herói. (Frederico)

(basquetebolistas)

Essa opinião dos atletas pode dar indícios de um tratamento diferenciado para o esporte paralímpico, no que diz respeito à competição em si e aos resultados. Os dois entrevistados indicaram que os narradores e comentaristas têm medo de ofender um atleta e de serem processados por isso. No caso do Frederico, ele diz que é uma

tentativa de se defender e de não provocar uma “revolta da classe” das pessoas com deficiência. Ele finaliza argumentando que essa “proteção” por parte dos narradores se dá para que não corram o risco de associar a crítica esportiva à sua própria deficiência.

No diálogo reproduzido a seguir, os atletas complementam essa discussão:

[...] Qualquer lugar que você vai hoje as pessoas já ficam meio assim, porque o cara é cadeirante⁵⁷, aí vai chegar lá e vai ter vantagem perante o juiz. (Ângelo)

[...] Eles elogiam demais pra não criticar. Pra quem for o alvo da crítica não associar a crítica a sua deficiência, que foi criticado por isso. [...] no modelo do paradesporto há só elogios e quando há derrotas, quase vergonhosas, como o basquete, você não vê na mídia tanta cobrança, quanto você vê com o futebol [...]. E com a gente não há essa cobrança, eles pintam como o desporto assim, é todo mundo bonitinho, é todo mundo se superando, então é isso. **Se ganhar muito bem, se não ganhar eles estão tentando. E pra mim não é assim.** (Frederico)

(basquetebolistas)

Nessa última fala do Frederico, é possível compreender, com base na concepção dele, que o que vale para a mídia é competir. Entretanto, para alguns deles, é preciso fazer a crítica quando o rendimento não é o que se esperava, como ocorre no esporte convencional. Isso poderia desvincular essa ideia preconcebida de que os atletas são mais frágeis. Nesse contexto em que os próprios atletas reconhecem que o esporte paralímpico (modalidades coletivas e individuais) também deve ser criticado quando não têm resultados positivos, outros atletas concordaram com a afirmação dos colegas e complementaram, retomando a discussão do “coitadinho”:

Não dá pra culpar muito eles, mais é falta de informação mesmo. **E aí trata a pessoa como coitado.** Ah, não vai falar assim, está perdendo, porque podia fazer tal coisa! Não, **puxa vida, estão perdendo mas olha só o esforço dele! Oh, aquele cara não tem a perna, então não tem problema de perder, olha lá! O clichê de ser um**

⁵⁷ Este termo não é adequado para se referir a pessoa que usa cadeira de rodas, no entanto, mantivemos a forma original como o interlocutor mencionou.

deficiente, de ser uma pessoa com deficiência! E então a gente paga por isso! (Bruno)

Que nem o Alan Fonteles, todo mundo colocou uma expectativa grande nele, aí quando ele não ganhou ninguém criticou ele, por medo de criticar, por não conhecer. (Leonardo)

Por medo de não conhecer, por medo da reação popular, né? (Frederico)

Porque talvez pensem assim, eles me criticam, a população vai cair em cima. (Henrique)

Porque é politicamente incorreto, porque está falando mal de um deficiente, não pode. Somos super-heróis, somos intocáveis e não é assim. Eles não querem criticar o deficiente. Colocam no pedestal. (Frederico)

(basquetebolistas)

De acordo com os entrevistados, a mídia tem medo de ser politicamente incorreta. Dessa forma, mesmo quando os atletas não têm um bom desempenho, as notícias tendem a enaltecer o esforço deles, pois, “apesar” da sua “condição desfavorecida”, conseguiram participar de uma competição. No caso do Frederico, este associa a abordagem do “politicamente correto” com a criação de um super-herói, um ser intocável, colocado em um pedestal, que não deve ser criticado.

Teodoro, atleta da esgrima em CR, argumenta que mesmo os atletas paralímpicos tendo ganhado mais medalhas e mesmo tendo eles conseguido melhores resultados na competição, ainda assim não ganharam o espaço que mereciam na cobertura midiática. Eles foram tratados como “coitadinhos” parte por suas supostas limitações e em parte para favorecer uma “jogada de *marketing*”.

A questão é: se o deficiente fosse “coitadinho”, não tinha ganhado até mais medalhas do que os próprios olímpicos, né? Então, acho que tipo, tudo que passou na TV foi só mais jogada de *marketing* do que eles realmente pensam mesmo. [...] **É só crescer em cima dos aleijados, só enganando mesmo o povo pra eles ganharem um pouco de audiência.** Agora, eles dão muito mais valor pra pessoas olímpicas do que os paralímpicos, porque o paralímpico é um aleijado, é um coitado, é um cara que tem suas limitações e não tem tanto valor. Pra eles é até vergonhoso, um paralímpico ganhar uma medalha de ouro e um olímpico não ganhar. [...] **Então eles já querem ter um cuidado a mais com a gente, porque ah, eles têm suas limitações!** [...]. (Teodoro, esgrimista)

Os relatos dos atletas são importantes para se pensar como a cobertura midiática (televisiva, impressa, fotográfica) pode colaborar com o desenvolvimento do esporte paralímpico, diminuir a perpetuação de estigmas ligados a pessoas com deficiências historicamente construídos e contribuir para a construção de uma imagem mais real dos esportistas, das suas capacidades e do contexto esportivo que eles fazem parte.

O discurso dos atletas mostra de forma recorrente que o tratamento dado aos atletas e às modalidades do esporte paralímpico é muito diferente do convencional e abaixo do desejado pela maioria dos atletas, a ponto de incomodar alguns deles. Na fala da maioria dos entrevistados, ficou evidente que os Jogos Paralímpicos ganharam menos destaque e espaço na mídia do que os JO. De modo geral, as informações que foram veiculadas foram limitadas, pois os narradores e comentaristas demonstravam dúvidas e desconhecimento em alguns momentos. Segundo relatos de alguns atletas, sempre há uma preocupação em não os ofender, não os criticar pelo desempenho esportivo negativo, como se fosse uma maneira de se “proteger” de possíveis processos e evitar problemas com atletas que possam se sentir ofendidos. Essas constatações reforçam a problemática de que, “apesar” da deficiência, os atletas conseguem competir, participar de grandes eventos esportivos, estarem inseridos nesse contexto competitivo, desenvolver suas capacidades físicas e atléticas, e, ainda assim, precisam lutar para se legitimar nesse espaço esportivo.

Foi possível perceber algumas diferenças no discurso entre os grupos entrevistados decorrentes das diferenças entre as mediações individuais e institucionais dos interlocutores. O fator “prática esportiva” aproximou o discurso dos esgrimistas e basquetebolistas, filiados à ADFP. O discurso dos entrevistados não envolvidos com o esporte – o grupo da APAP – diferiu um pouco do discurso dos esportistas. Os atletas foram mais atentos, e até mesmo críticos, em relação a alguns temas, por exemplo, quanto às abordagens das matérias e das narrações, sobre a visibilidade/invisibilidade da deficiência dos atletas nas matérias, entre outros. Estas são características advindas da mediação individual dos atletas no que diz respeito às suas vivências no esporte, às suas experiências em competições, ao seu interesse de acompanhar notícias sobre os Jogos Paralímpicos e às suas percepções deste meio esportivo específico. As diferenças nos discursos dos mesmos foram também influenciados por uma mediação institucional da ADFP, que é uma associação com

forte viés esportivo e que investe no processo de formação de atletas desde as fases iniciais até o alto rendimento.

5 ESTIGMAS RELACIONADOS AOS ATLETAS PARALÍMPICOS

“[...] eu achava que nunca uma pessoa na cadeira ou amputada pudesse jogar esgrima e pode. Eu me surpreendi! Eu achei muito bonito!” (Bernardo, APAP)

Este capítulo versa sobre o preconceito que as pessoas com deficiência têm sofrido historicamente, e em seguida, expõe as percepções dos interlocutores em relação à cobertura midiática sobre o tema. Para desenvolver essa abordagem, vamos retomar o conceito de estigma. De acordo com Goffman (1988), o estigma constitui uma marca negativa atribuída a algumas pessoas, por exemplo, pessoas que têm deficiência, alcoólatras, viciados em drogas, e ocorre nas relações interpessoais. Da mesma forma que é reproduzido entre grupos, o estigma também pode ser enfatizado e reproduzido pela grande mídia, uma vez que esta tende a criar estratégias e abordagens para chamar a atenção do público por meio de discursos emotivos e impactantes.

A passagem de uma das entrevistas destacada no início deste capítulo ilustra um caso de incorporação de estigma do próprio Bernardo, que possui limitações físicas provenientes da ataxia cerebelar. Isso fica evidente quando ele começa a frase afirmando ser impossível para alguém que tenha sofrido uma amputação ou seja usuário de cadeira de rodas jogar esgrima em CR; no fim, ele afirma que se surpreendeu, percebendo que as pessoas podem. Aparentemente, Bernardo mudou a sua percepção em relação a isso depois que assistiu aos Jogos Paralímpicos.

De modo geral, as pessoas com deficiência tendem a ser estigmatizadas, uma vez que apresentam atributos que as diferem das demais, os quais causam impactos negativos no primeiro encontro com desconhecidos. Goffman (1988) explica que, em um primeiro contato, o impacto da diferença/marca/sinal é tamanho, que impede que as outras características dessa mesma pessoa sejam reconhecidas.

A mídia exerce forte influência sobre a representação social das pessoas com deficiência e pode contribuir para a integração deles. Os Jogos Paralímpicos constituem uma grande oportunidade de veiculação de imagens positivas em torno do esporte e dos atletas paralímpicos. Além disso, esses Jogos possibilitam uma posição de destaque para as pessoas com deficiência. Pereira, Monteiro e Pereira (2011) afirmam que, por meio do aumento da visibilidade dessas pessoas na mídia e no

contexto esportivo, é possível mostrar as capacidades físicas e atléticas dos atletas paralímpicos, em detrimento da imagem passiva e de limitações comumente reproduzida por pessoas que desconhecem o esporte paralímpico.

A seguir, discorreremos sobre preconceito e estereótipo associados às pessoas com deficiências. Algumas pesquisas já investigaram temas como a vitimização dos atletas (HILGEMBERG, 2014), o viés sensacionalista enfatizado pela mídia (MARQUES et al., 2014) e o espaço ocupado por temas que não colaboram com o empoderamento dos atletas e do esporte paralímpico (PAPPOUS, MARCELLINI E DÉLÉSELEUC, 2011).

5.1 PRECONCEITO E ESTEREÓTIPO NO CONTEXTO ESPORTIVO

“Existe preconceito, sempre vai existir, por qualquer deficiência, raça, cor, qualquer coisa existe preconceito”. (Aurora, esgrimista)

Amaral (1994) afirma que a “segregação apoia-se no tripé: preconceito, estereótipo e estigma” (AMARAL, 1994, p. 30). Para Cidade e Freitas (2009), preconceito significa julgamento prévio, que é feito antes de conhecer alguma pessoa. O estereótipo é um clichê ou uma ideia que é muito repetida; no caso das pessoas com deficiência, são rótulos de que eles são ineficientes, incapazes, dependentes e passivos. As autoras adotam o mesmo conceito de estigma que Goffman e afirmam que “estereótipo e estigma são ferramentas do preconceito e da segregação, numa dinâmica do desconhecimento que leva a um círculo vicioso nas relações sociais” (CIDADE; FREITAS, 2009, p. 31). Amaral (1998) aponta três estereótipos mais generalistas, que, segundo a autora, são comumente empregados na vida cotidiana pelos meios de comunicação de massa, pela literatura e pelo teatro: herói, vilão e vítima.

Ao primeiro cabe sempre o papel daquele que supera todos os obstáculos, ultrapassa todas as barreiras, é “o bom” – corporificação do bem – e até mesmo o melhor; ao segundo cabe o papel de agente desestruturador, destrutivo, de ser “o mau” – corporificação do mal; ao terceiro cabe o papel de impotente, de “coitadinho” (AMARAL, 1998, p. 18).

A fala a seguir ilustra a afirmação feita por Cidade e Freitas (2009) de que a falta de informação e conhecimento sobre o esporte para pessoas com deficiência é um dos fatores decisivos para atitudes preconceituosas.

Sim, é como o Sandro mesmo fala, que a falta de informação gera o preconceito. (Francisco, basquetebolista)

Amaral (1995, p. 138) explica o poder de divulgação e a amplitude que a mídia possui:

Eu diria que os meios de comunicação têm o poder de acelerar e facilitar o processo de aceitação e adaptação [das deficiências]; utilizando esse poder incomparável para tornar familiar o desconhecido, a diferença pode chegar a ser desmistificada pelo público.

O atleta Francisco associa a falta de conhecimento das pessoas de modo geral com a pouca divulgação do esporte paralímpico. Para ele, como o esporte é pouco conhecido, não atrai o interesse de patrocinadores, não aumenta sua visibilidade e, conseqüentemente, permanece desconhecido e em constante busca de expansão. Esse processo de crescimento está diretamente relacionado ao potencial mercadológico e comercial do esporte paralímpico. Marques et al. (2009) apresentaram algumas semelhanças e diferenças entre o esporte olímpico e paralímpico; dentre eles, destacamos a seguir os elementos que implicam diretamente essa situação:

Outra questão que os diferencia sócio-historicamente é que o esporte olímpico incorporou características integrais do esporte contemporâneo, ou seja, além de se manifestar de forma heterogênea, tem atualmente seu eixo principal guiado pela disputa no alto rendimento e a busca do lucro. Enquanto que o paralímpico incorporou principalmente tendências esportivas contemporâneas ligadas ao caráter heterogêneo das formas de manifestação, pois o profissionalismo e a exploração comercial ainda se encontram em fase inicial e em forma embrionária se comparada ao esporte olímpico. Embora o esporte adaptado seja um fenômeno promissor comercialmente. (MARQUES ET AL., 2009, p. 374).

O esporte paralímpico ainda está em fase de desenvolvimento em nível profissional e comercial. Essa é uma das razões para o fato de a sua divulgação ainda não ser satisfatória. Isto fica evidente na fala de um editor do CPB entrevistado por Santos (2018), quando ele explica que houve um interesse tardio das redações de diferentes veículos midiáticos do país em solicitar o credenciamento de seus jornalistas para cobrirem os Jogos presencialmente no Rio de Janeiro. Para ele foi

somente quando a venda de ingressos teve um salto quantitativo significativo, cerca de duas semanas antes do início das competições, e depois que os responsáveis pelas mídias perceberam que o público estava começando a falar sobre o evento nas redes sociais (*facebook, instagram, twitter*, entre outros), que essas mídias passaram a se interessar pelo evento. Elas queriam uma certa garantia de que o público teria interesse em consumir o evento, elemento fundamental na lógica comercial dos veículos midiáticos.

Na sequência, Frederico complementa a fala do Francisco a respeito do círculo vicioso que tem prejudicado a divulgação do esporte paralímpico e o conhecimento deste por parte do público.

Na verdade, é um paradoxo, porque assim, vende o que compra e não tem mercado, **não tem muita gente interessada por falta de conhecimento, e isto porque não transmite. É um paradoxo, círculo vicioso.** (Frederico, basquetebolista)

Os conteúdos veiculados pela mídia seguem uma lógica de interesses comerciais e rentáveis, com base na potencialidade dos patrocinadores envolvidos e na capacidade de gerar audiência (p. ex. BRITAIN, 2004; COAKLEY, 2008; MARQUES ET AL., 2009; PIRES, 1998; MARQUES ET AL., 2014). Ciro demonstrou estar ciente dessa realidade:

Porque o negativo dá audiência! Então a mídia só quer saber de audiência. (Ciro, APAP)

Essa passagem foi selecionada de uma parte das entrevistas na qual os interlocutores relataram que normalmente a mídia dá destaque ao “negativo”, ou seja, a notícias tristes, com tendência de sensacionalismo e de emocionar o público. Nesse caso, esse tipo de abordagem pode ser associado às histórias de vida dos atletas, que normalmente relembram acidentes domésticos, automobilísticos e famílias abaladas ao descobrir a deficiência após o nascimento. Os entrevistados também associaram como elemento negativo o fato de a mídia focar “no que não deu certo”. Bourdieu (1997) faz uma análise sobre a televisão e o poder e a influência que esta exerce sobre o telespectador. O autor explica que a busca por audiência pode gerar uma manipulação das informações e um apelo para abordagens sensacionalistas dos conteúdos. No trecho abaixo, estas decisões editoriais ficam evidentes a partir do

olhar do autor:

Em suma, há objetos que são impostos aos telespectadores porque se impõem aos produtores; e se impõem aos produtores porque são impostos pela concorrência com outros produtores. Essa espécie de pressão cruzada que os jornalistas exercem uns sobre os outros é geradora de toda uma espécie de consequências que se retraduzem por escolhas, por ausências e presenças (BOURDIEU, 1997, p. 39).

Existe um ressentimento por parte dos atletas de que, enquanto no esporte tradicional a mídia tende a focar mais a esportividade, no esporte paralímpico ela tende a realçar mais a deficiência enquanto uma atração para chamar a atenção dos espectadores.

[No caso das Olimpíadas] eles focam no esporte, todo o esporte inteirinho [...] se tiver um brasileiro competindo. Agora já no paralímpico é aquela coisa. O foco é a deficiência do atleta, eles contam mais a história da pessoa, querendo: ah, não, ele conseguiu lá e ele se supera fazendo isso, contando a história dele, mas não vai mostrar ele ganhando a prova dele lá! (Francisco. esgrimista)

Na sequência, os esgrimistas foram questionados sobre quais seriam os motivos para a mídia focar mais nas histórias de superação do que nos feitos atléticos.

Pra ganhar dinheiro, né? [...] prende bem mais as pessoas assistindo o canal deles, você mostrando uma deficiência e o cara se superando, do que simplesmente pegar ali o cara correndo sem as duas pernas, igual mostrou um dos atletas que não tem as duas pernas e saiu correndo. **Tipo, você mostrar só ele correndo os caras vão pensar: pô, mas isso daí é fácil de fazer! [...] Agora, você fazer todo aquele drama, pô, o cara sofreu acidente, [...] mostrar toda essa ceninha, vai prender mais a pessoa assistindo o seu programa.** Você pegar e mostrar o que aconteceu com ela, pra eles é mais vantajoso do que mostrar o próprio esporte, né? (Teodoro)

Vocês concordam com isso? (Entrevistadora)

Sim! Eu concordo! **Dá mais lbope, né?** (Laura)

(esgrimistas)

Fica evidente na fala do Teodoro que, em sua opinião, há um apelo emocional como enredo central nas matérias produzidas pela mídia. Segundo ele, o público poderia achar a *performance* esportiva “fácil demais” e “não teria graça”. Laura associa esse tipo de conteúdo mais dramático, diretamente com o interesse no lbope (audiência), que é o fio condutor da programação televisiva.

Conforme foi se discutindo até então, os atletas entrevistados ressentem o fato de a mídia focar mais na deficiência do que na *performance* esportiva dos atletas. Como disse Francisco:

Eu acho meio injusto, porque deixa de ver o indivíduo e vê a deficiência. (Frederico, basquetebolista)

Amaral (1998) se refere ao conceito de “generalização indevida” para explicar o fenômeno da “transformação da totalidade da pessoa com deficiência na própria condição de deficiência, na ineficiência global. O indivíduo não é alguém com uma dada condição, é aquela condição específica e nada mais do que ela: é a encarnação da ineficiência total (AMARAL, 1998, p. 5)”. Ou seja, o atleta evidencia o que Le Breton (2006) afirmou sobre a “personificação da deficiência”, em que o sujeito desaparece e é visto apenas pelo seu impedimento.

Para Le Breton “[...] O processo de discriminação repousa no exercício preguiçoso da classificação: só dá atenção aos traços facilmente identificáveis (ao menos a ser ver) e impõe uma versão reificada do corpo. A diferença é transformada em estigma. O corpo estrangeiro torna-se corpo estranho” (LE BRETON, 2006, p. 72). Nessa situação, a relação natural e fluida da comunicação é rompida por uma pessoa que possui uma deficiência visível de imediato, pois o sistema de expectativa não é mais aceito, e esse corpo diferente se torna incômodo, a ponto de se pensar: como abordar uma pessoa cega ou usuária de cadeira de rodas? Como reagir a esse encontro? O autor afirma que:

[...] quanto mais a deficiência for visível e surpreendente (um corpo deformado, um tetraplégico, um rosto desfigurado, por exemplo), mais suscita a atenção social indiscreta que vai do horror ao espanto e mais o afastamento é declarado nas relações sociais (LE BRETON, 2006, p. 75).

Essa diferença e esse olhar curioso e estigmatizante se aplicam diretamente ao universo do esporte paralímpico. Ainda, para Le Breton (2006), “nossas sociedades ocidentais fazem da ‘deficiência’ um estigma, quer dizer, um motivo sutil de avaliação negativa da pessoa. Fala-se então de ‘deficiente’ como se em sua essência o homem fosse um ser ‘deficiente’ ao invés de ‘ter’ uma deficiência” (LE BRETON, 2006, p. 73). É como se a deficiência fosse a pessoa em si.

Diante dos dados apresentados, fica evidente que os atletas preferem ser citados pela sua trajetória esportiva, pela sua rotina de treinamentos e pelas suas capacidades, e não pelas suas deficiências. Essa ideia foi enfatizada por Laura, quando questionada sobre qual seria a maneira ideal de cobrir os Jogos.

Eu acho que isso deve ser a vontade de quase todos os paratletas, que se conte mais a história do esporte que ele tá fazendo, do que da vida dele. **Não que não tenha importância, mas se é uma reportagem sobre o esporte, foca no esporte. Se for uma reportagem pra contar como é a vida, tudo bem.** Eu acho que quase todos os paratletas devem ter essa visão, esse mesmo pensamento (Laura, esgrimista).

Conforme já evidenciado por vários atletas no capítulo anterior, é preciso considerar que o esporte paralímpico recebe pouco espaço na mídia e somente em tempos de grandes competições esportivas, o que indica que o mais adequado seria a mídia esportiva focar o contexto esportivo, e não supostas histórias de vida trágicas que suscitam pena e compaixão. Pappous, Marcellini e Dé Léseleuc (2011) usam o termo “trivialização” enquanto uma categoria para classificar notícias ligadas a competições esportivas e que dizem dar ênfase a aspectos alheios à competição e à rotina dos atletas, por exemplo: a sua vida pessoal, a sua aparência, curiosidades sobre a família do atleta, sua ocupação profissional além do esporte, entre outros temas. Esses tipos de notícia não contribuem para a promoção de conhecimentos significativos acerca do esporte (PAPPOUS; MARCELLINI; DÉ LÉSELEUC, 2011). O espaço ocupado com informações triviais deveria ser utilizado para notícias que contribuam para um melhor entendimento do esporte paralímpico, por exemplo, a explicação da classificação funcional dos atletas, a sua preparação para as competições, os treinamentos e a repercussão do evento.

A trivialização das notícias é recorrente também na cobertura do esporte convencional. Conforme aponta Betti (2002), no esporte “da” mídia, as informações são superficiais e busca-se focar na divulgação de resultados, contusões, histórias de superação da pobreza, vida pessoal dos atletas, entre outros assuntos tangenciais ao esporte, visando chamar a atenção do público e atender a interesses econômicos. Já o esporte “na” mídia abordaria questões inerentes ao esporte propriamente dito, contemplando informações sobre diferentes modalidades, conteúdos científicos sobre a cultura esportiva, entre outros. Para o autor, se levaria em conta toda a polissemia

do esporte, sem abordar assuntos que não dizem respeito às questões estritamente esportivas.

Outros atletas fizeram recomendações para uma melhor cobertura do esporte paralímpico por parte da mídia.

Se o cara é repórter, vai pras Paralimpíadas de Tóquio, que vai lá e **faça uma reportagem envolvendo o esporte e não a deficiência do cidadão**. Se o cara ficou aleijado, não interessa, o que importa é o que ele tá fazendo [...]. Ele não tá lá pra mostrar a deficiência dele, tá lá pra mostrar o esporte dele. Chegar lá e ver: Oh, como que você conseguiu treinar? Como você conseguiu ficar na cadeira de rodas? Como que você consegue ir num banheiro? Como que você consegue subir uma escada? Eles perdem o foco do esporte e querem começar a saber sobre a vida do cara, sobre a deficiência [...]. (Teodoro)
Ele tem que ir lá com a noção do que ele vai fazer, entendeu? Ele deve falar sobre o assunto que as pessoas tão fazendo esporte. (Aurora)

(esgrimistas)

As falas anteriores evidenciam a importância que os atletas atribuem aos elementos esportivos no contexto da competição paralímpica. Isso inclui a rotina de treinamentos, o histórico das conquistas, as informações sobre as modalidades (que, no caso da esgrima em CR, sequer foi mostrada na TV aberta) e tudo que envolve a *performance* esportiva. Para muitos deles, histórias de acidentes ou acontecimentos que provocaram a deficiência sendo contadas de forma enfática não condiz com o momento atual da vida deles, em que estão se dedicando aos treinamentos e focando na *performance* esportiva.

Os atletas da esgrima em CR comentaram que, no geral, algumas modalidades não são mostradas, pois “não ficam bonitas” e não geram audiência.

[A TV] têm vergonha de mostrar os deficientes. Não dá lbope! Porque existe ainda o preconceito. (Aurora)

Eu assim, que nem ela tava falando, ela falou que eles [a TV] têm vergonha de demonstrar. Não é lbope! Porque existe ainda o preconceito. (Aurora)

Porque dá lbope! (Laura)

Fala Aurora, continua por favor. (Entrevistadora)

Não. [pausa] eu vou pensar melhor no que vou falar. Agora não. (Aurora)

(esgrimistas)

Durante trechos da entrevista, Aurora foi enfática ao falar sobre o preconceito que sofre como pessoa com deficiência. No entanto, ao lhe pedirmos para falar mais sobre a questão do preconceito, ela titubeou, não quis comentar no grupo sobre outros tipos de preconceitos que talvez sofra por ser mulher, pobre e negra.

O basquetebolista Leonardo evidencia em sua fala o que Amaral (1998) chama de “contágio osmótico”, em relação ao medo e pavor da “contaminação” pelo convívio com pessoas com deficiência.

Por causa da inclusão, as pessoas têm medo de chegar perto das pessoas com deficiência, porque acha que vai ficar [risos]. Tem um certo preconceito sim. Que nem, se eu tô andando de ônibus, uma criança começa a olhar pra minha perna e a mãe fala pra não olhar. Eu chego e falo assim, pode deixar, é normal, ela vai ver isso hoje, vai ver amanhã, é a curiosidade da criança, mas os adultos acham que aquilo ali tá prejudicando eu ou alguma coisa assim. Quando a criança vê, acha que tá tirando sarro. (Leonardo, basquetebolista)

Esta fala mostra o preconceito que o atleta sente pelos olhares em lugares públicos; nesse caso em específico, principalmente o olhar e a atitude da adulta, que pede à criança que “não olhe para a prótese”. Conforme aponta Le Breton (2006), “o homem portador de uma deficiência lembra, unicamente pelo poder da presença, o imaginário de um corpo desmantelado que assombra muitos pesadelos” (LE BRETON, 2006, p. 75). Para o entrevistado, a melhor atitude diante da curiosidade de uma criança é conversar, explicar a deficiência e, nesse caso em específico, falar sobre a finalidade do uso da prótese da perna. Isso ajudaria a desmistificar a crença de que não se deve olhar, pois pode incomodar e poderia, por consequência, contribuir com o processo de naturalização da presença de pessoas com deficiência na sociedade.

O estudo de Bruce (2014) analisou o discurso da mídia neozelandesa a respeito dos Jogos Paralímpicos de 2008 e 2012 em três jornais impressos do país (*The New Zealand Herald*, *Waikato Times* e *Dominion Post*). A autora comparou o discurso sobre os atletas neozelandeses e os atletas de outros países e verificou uma tendência de se esconder a deficiência dos atletas nacionais, evitando mostrá-los de corpo inteiro. O mesmo não aconteceu com os atletas de outros países. Os atletas neozelandeses foram “preservados” de imagens de suas deficiências circulando nos jornais nacionais,

como se a deficiência fosse uma vergonha e não pudesse ser vista. Conforme aponta Amaral (1995), esse tipo de situação pode dar continuidade ao ciclo do desconhecimento e perpetuar a perspectiva de desconfiança e descrédito em relação às pessoas com deficiência, de modo geral.

O estigma de “coitadinho” e o sentimento de pena e miserabilidade se faz presente na realidade dos entrevistados desta pesquisa. O Ângelo usa cadeira de rodas e relata que, por diversas vezes, já passou por situações em que pessoas ofereceram dinheiro a ele. Isso aconteceu ao andar na rua, no ônibus ou parado em filas de locais públicos.

Tem um monte de gente que às vezes me vê andando na rua e quer me dar moeda, quer me dar alguma coisa. Oh, se eu tivesse pedindo alguma coisa, mas não. (Ângelo, basquetebolista)

Essa parte da entrevista destacada anteriormente ilustra o que Goffman (1988) conceitua como identidade social virtual, que são as expectativas que carregamos com base em nossas concepções. Ou seja, o fato de uma pessoa em cadeira de rodas ser associada à miserabilidade indica o imaginário social que envolve as pessoas com deficiência.

Alguns estudos, como o de Hilgemberg (2014), apontam que a mídia tende a vitimizar os atletas que participam dos Jogos Paralímpicos, principalmente explorando as circunstâncias que os levaram à deficiência, sendo ela adquirida ou congênita. A mídia também tende a dar destaque às dificuldades pessoais dos atletas, à sua trajetória de vida até ingressar no esporte e aos problemas diários que enfrentam por causa da deficiência. A autora define vitimização como:

Quando os atletas são retratados como “vítimas” das suas deficiências, o que reforça o paradigma do “coitadinho”, centralizando a atenção na tragédia pessoal dos atletas e retratando os mesmos pela personificação da sua deficiência. Evoca elementos de caridade e compaixão. (HILGEMBERG, 2014)

A vitimização dos atletas – enfoque em suas tragédias pessoais e histórias tristes – é uma estratégia para promover o sensacionalismo. Essa estratégia, conforme apontaram alguns atletas com deficiência entrevistados por Marques et al. (2014, 2015), não ajuda a divulgar o esporte e a carreira esportiva deles.

Os atletas de basquetebol em CR foram questionados sobre quais canais e programas estavam acompanhando para ter informações sobre os Jogos. Também indagamos se, para eles, o esporte paralímpico estava ganhando a visibilidade que merecia. Bruno afirmou que a Rede Globo havia comprado os direitos de transmissão, mas não estava exibindo nenhuma competição ao vivo e que, por esse motivo, ele estava assistindo aos Jogos pela TV Brasil, que é uma emissora estatal a qual transmitiu várias modalidades ao longo dos nove dias de competição. Ao ser questionado sobre qual o possível motivo para a falta de interesse da Rede Globo em dar mais destaque para os Jogos, Bruno respondeu:

Se eu for usar a palavra certa eu vou dizer que é preconceito, que é marcação, que é sacanagem, não tem como. Eu que não nasci assim [com lesão medular], eu adquiri isso aqui [mostrando a cadeira de rodas] e hoje eu sou um defensor do deficiente, hoje eu brigo pelo deficiente. **Porque eu tinha essa visão do ser humano, do deficiente ser um coitado, hoje eu não tenho mais essa visão.**
(Bruno, basquetebolista)

Quando os atletas da esgrima em CR foram questionados se teriam algum relato de discursos e informações da mídia que tenha reforçado estereótipos ou preconceitos em relação à deficiência, duas das atletas responderam que não.

Eu não! (Aurora e Laura)

De preconceito eu não vi, nem senti que eles estariam falando mal.
(Laura)

(esgrimistas)

Vale ressaltar, no entanto, que em outros momentos da pesquisa elas reconheceram que havia preconceito.

Vocês pensam que existe preconceito e que algumas modalidades não aparecem pois “não fica bonito no vídeo”, como disse a Laura?
(Entrevistadora)

Você acha que não? Você viu alguma coisa passar na televisão?
Quando foi pra Olimpíada passava tudo! (Laura)

E sempre comercial, chamando pra Olimpíada, toda hora que você colocava lá na Rede Globo tava passando. (Aurora)

É, tava dizendo que ia ter Olimpíada... das Paralimpíadas não tem! Eu fui saber qual era o horário da paralimpíada no dia da abertura, porque

antes não passou nada, que dia que ia ser. Como eu falei, a gente sabe porque a gente tá no meio, a gente é atleta, [...] nossos amigos estão lá. Mas se a gente não procura saber, assiste a hora que passa na Globo, as 11 horas da noite, e não no horário da abertura (Laura)

(esgrimistas)

São notáveis as comparações feitas com os Jogos Olímpicos, principalmente no que se refere à visibilidade e ao espaço destinados aos Jogos Paralímpicos. Essa questão foi levantada em todas as entrevistas, sempre em tom de cobrança por parte dos entrevistados, pela diferença perceptível de divulgação entre os dois megaeventos.

Na fala a seguir, Teodoro comenta sobre conquistas de medalhas de modalidades que deveriam ter sido celebradas e mencionadas pelos veículos midiáticos, mas que não receberam o destaque merecido. Segundo ele, isso aconteceu por não ser interessante à mídia mostrar pessoas com deficiências severas, por exemplo, os atletas da bocha.

O futebol de 5, que é dos cegos, ganharam... cadê que falaram alguma coisa? Passaram algum jogo de futebol na Globo da Paralimpíada? Não passou! A bocha? Que têm os tetraplégicos, perdão pela palavra de novo, mas têm muitos retardados da cabeça, lá, perdão, que só conseguem mexer com a cabeça, e conseguiram tirar o ouro. (Teodoro, esgrimista)

O grupo da APAP também foi questionado sobre suas impressões a respeito da abordagem midiática, referentes aos conteúdos, de modo geral, e às narrações dos jogos. Ficou evidente que o discurso desse grupo é diferente da dos esportistas. Para eles, a cobertura das Paralimpíadas teve uma abordagem similar à das Olimpíadas.

Vocês acham que de uma forma geral a mídia está mostrando coisas boas sobre as pessoas com deficiência? (Entrevistadora)

Muito boas! (Bernardo)

Boas! (Sara)

(APAP)

A mediação institucional destes interlocutores não possui um viés esportivo e aparentemente não promove o interesse de seus associados em relação ao esporte

paralímpico. Provavelmente, eles não acompanharam os meios de comunicação tão intensivamente como os atletas que se interessam pelo esporte e que possuem amigos competindo. No decorrer da entrevista, perguntamos se eles teriam algum relato de conteúdo veiculado pela mídia, que possa ter denegrido a imagem dos atletas e/ou o esporte paralímpico. Segue a passagem da entrevista que diz respeito a esse assunto:

Do que eu vi eu não vi preconceito nenhum, dos comentários, não vi.
(Sara)

Eu também não vi, senti uma admiração realmente! É que eu tenho a acreditar no que a pessoa faz que é um sentimento verdadeiro, que realmente a reportagem mostrava que estavam surpresos com a capacidade das pessoas de se superar. Ali foi um sucesso, as pessoas se superaram mesmo! (Ciro)

Eu nunca vi uma Paralimpíada direto como eu vi agora, eu me surpreendi também! Com tudo! Eu assisti um pedacinho do jogo de basquete em CR, assisti do futebol de cinco. Eu vi que era como se fosse uma Olimpíada normal, eu não senti diferença nenhuma na narração. (Sara)

(APAP)

Para os interlocutores mencionados anteriormente, os Jogos foram um sucesso, sendo os atletas e o esporte paralímpico contemplados de forma positiva com a realização do evento no Brasil. O discurso deles destoa dos discursos dos demais interlocutores desta pesquisa, que são críticos em relação ao pouco espaço dedicado aos Jogos, ao foco da mídia nas histórias de vida dos atletas e ao favoritismo por certas modalidades em detrimento de outras.

No mesmo grupo da APAP, os interlocutores foram questionados sobre as narrações esportivas que eles acompanharam e se os narradores demonstravam conhecimento sobre as modalidades e o funcionamento do jogo. Dois dos entrevistados responderam à questão e ambos se mostraram satisfeitos com a cobertura. Eles disseram não ter sugestões de como ela poderia ser melhorada e otimizada.

Quando falava de um jogador, o narrador sabia de qual Paralimpíada tinha participado, ele falava do que ele era, que nem aquele no futebol de cinco, aquele que fez o gol ontem, ele que levou a bandeira, daí ele sabia de quanto tempo que eles não perderam, sabia a Olimpíada que ele tinha participado. (Sara)

Como vocês acham que a mídia deveria retratar esses atletas? De modo geral parece que vocês gostaram de como a mídia falou, né? (Entrevistadora)

Sim! (Ciro e Sara)

(APAP)

Houve somente uma situação que incomodou uma das entrevistadas. Esta já foi relatada no capítulo anterior e se refere à uma situação específica em que a mídia divulgou a história de uma atleta belga que declarou ter conseguido na justiça o direito de realizar a eutanásia, pelo fato de conviver com fortes dores ininterruptas. Essa notícia foi veiculada insistentemente pela mídia brasileira (p. ex. Programa Globo Esporte, exibido em 10 de setembro⁵⁸, Fantástico, exibido em 11 de setembro⁵⁹, TV UOL, em 11 de setembro⁶⁰ e Globo Esporte, exibido em 17 de setembro⁶¹), provavelmente por se tratar de algo raro e inusitado no meio esportivo.

Tava tudo muito bom. Eu só não gostei, eu achei muito triste aquele negócio daquela guria que vai fazer eutanásia, depois dos jogos, porque ela já tinha conseguido na justiça, quando ela quisesse ela podia fazer a eutanásia, aquilo me deixou muito triste. [...] Eu **acho que ela não devia ter falado, que tem tanta gente que nem ela que tem aquela doença, que não pensa assim. Então eu penso que foi um mal exemplo, não um mal exemplo, acho que ela não precisaria ter falado.** (Sara, APAP)

Vale ressaltar que, quando a mídia descobriu a intenção da atleta belga em fazer eutanásia, passou a convidá-la para entrevistas explorando a sua condição física e emocional, as suas dores e o desejo de morrer após os Jogos. Quando a Sara fala: “acho que ela não devia ter falado, que tem tanta gente que nem ela que tem aquela doença”, ela se inclui nesse grupo de pessoas, pois também tem esclerose múltipla. Nessa outra parte, ela complementa:

Eu fiquei triste com ela, **porque eu vi ela tão feliz, medalhista, e pensar em morrer, na eutanásia.** Eu pensei nos outros também, que

⁵⁸ Disponível em: <<https://goo.gl/9oQKFk>>. Acesso em: 2 jul. 2018. (a matéria televisionada pelo programa foi transcrita).

⁵⁹ Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5298288/>>. Acesso em: 2 jul. 2018.

⁶⁰ Disponível em: <<https://goo.gl/J9PHES>>. Acesso em: 2 jul. 2018.

⁶¹ Disponível em: <<https://goo.gl/FuuCc5>>. Acesso em: 2 jul. 2018. (a matéria televisionada pelo programa foi transcrita).

têm o mesmo problema dela, se ela pensa em eutanásia, os outros podem pensar também. Ela pode se tornar um exemplo e pode ser ruim. Os outros que estão vendo, que não conseguem fazer o que ela faz, não é um atleta, nem medalhista, nem viaja, teria mais motivos! (Sara, APAP)

Ciro complementa a afirmação da colega dizendo que, em sua opinião, atletas paralímpicos tendem a naturalmente servir como exemplo para as outras pessoas. Por isso, podem influenciar de forma positiva ou negativa as pessoas que não praticam esporte a pensarem sobre a sua própria vida. Se uma atleta bem-sucedida, medalhista de prata, pensa em cometer eutanásia, o que não poderiam pensar pessoas que não conseguiram obter nível similar de sucesso? O que dizer das daquelas que vivem reclusas, que não têm condições de se locomoverem, de frequentarem locais públicos, que não têm um apoio mínimo da família e que não possuem uma vida social ativa?

Teria mais motivos pra ficar deprimido e pensar: poxa, será que a minha vida é isso também? É que, no caso, ela quer dizer o seguinte: que todas as pessoas que estão na mídia, no caso dela, por mérito, por muita força de vontade, muita competência, elas são ídolos, elas são exemplos, como podem ser exemplo, as personalidades do Brasil, um jogador de futebol, um político. (Ciro)

Tudo se torna exemplo, seja bom ou ruim! (Sara)

(APAP)

Para finalizar este capítulo, vale ressaltar que novamente o grupo de atletas expressou uma visão diferente quanto a aspectos da cobertura da mídia. Neste contexto, percebemos a mediação institucional e individual dos filiados à ADFP. Os atletas desta instituição acompanham notícias sobre o esporte paralímpico em seu cotidiano. Eles têm interesse por tipo de conteúdo, uma vez que fazem parte deste meio e por terem amigos que também praticam diferentes modalidades. De forma geral, o grupo da APAP se mostrou satisfeito com a cobertura dos Jogos Paralímpicos, tecendo poucas críticas. Já os atletas da esgrima e do basquetebol em CR criticaram fortemente a mídia, alegando que ela perpetua atitudes e discursos preconceituosos em relação às pessoas com deficiência. Eles também criticaram o fato de a mídia focar mais as deficiências e histórias supostamente trágicas dos atletas, promovendo, dessa forma, estigmas em relação a eles. Esses atletas preferem ser conhecidos por sua trajetória esportiva do que por dificuldades advindas de sua deficiência.

6 NOTAS SOBRE A BELEZA DO CORPO DOS ATLETAS E DA ESTÉTICA DO ESPORTE PARALÍMPICO

“Não fica bonito na foto, né? Não fica bonito uma pessoa sem braço na foto pra eles, né?? Não vai dar audiência”. (Laura, esgrimista)

Este capítulo apresenta dados relacionados à opinião dos interlocutores sobre beleza, estética, diferenças provocadas pelas deficiências e a implicação direta disso na cobertura midiática. Essa questão não havia sido prevista enquanto um tema a ser debatido nas entrevistas e analisado com base nelas. No entanto, em todas as entrevistas realizadas, os atletas comentaram que os corpos fora de determinados padrões atléticos contribuem para a dificuldade de se alavancar o esporte paralímpico e para o pouco interesse de este ser veiculado pela mídia.

Para essa discussão, retomamos alguns conceitos fundamentais para articular e ponderar as questões que emergiram com as entrevistas. Goffman (1988) apresenta os estigmas relacionados às pessoas que possuem “abominações do corpo” e que carregam marcas ou sinais que as diferenciam das demais. Courtine (2011) se refere ao corpo “anormal” em sua obra sobre a história e a antropologia culturais da deformidade. O autor explica que as pessoas com deficiência, em alguns momentos da história (século XIV), transformaram-se em atração teratológica⁶², por chamarem a atenção do público e despertarem olhares curiosos pelo caráter exótico e “monstruoso” de seus corpos. O autor relata que se formou uma grande indústria da diversão de massa, denominada *freak shows*, que naquela época distraía e fascinava grande parte da sociedade.

A partir do início do século XX, o corpo com deficiência se desvincula de uma suposta monstruosidade e se torna objeto de preocupação médica. Principalmente logo após a Primeira Guerra Mundial, em que vários soldados voltaram dos campos de batalha mutilados e necessitaram de cuidados médicos para se recuperar das lesões (COURTINE, 2011).

O fato de se encarar o corpo com deficiência como algo “curioso” e/ou patológico possibilita uma reflexão sobre as formas com que a mídia vem cobrindo o

⁶² Estudos das anomalias corporais.

esporte. Conforme constataram alguns autores (PAPPOUS, MARCELLINI; DE LÉSÉLEUC, 2011; BRUCE, 2014; FIGUEIREDO, 2014), por vezes, a deficiência dos atletas é escondida por recortes fotográficos ou por câmeras propositalmente posicionadas com essa intenção. Outras vezes, as próteses e as deficiências são o foco da imagem, em detrimento do enquadramento que mostra o corpo inteiro. Este capítulo visa apresentar e discutir as opiniões dos interlocutores da pesquisa a respeito desse tópico.

6.1 ATLETAS PARALÍMPICOS: ENTRE A BELEZA E A ESTRANHEZA

Para Le Breton (2006), ao se falar do corpo deficiente, tende-se a se perceber a pessoa como um “ser deficiente”, ao invés de alguém que “possui” uma deficiência. Isso fica evidente em algumas matérias jornalísticas recrutadas em um estudo de Santos et al. (2018), que investigou os estigmas nas edições impressas do jornal Folha de São Paulo desde os Jogos Paralímpicos de Barcelona (1992) até os Jogos do Rio (2016). Foi comum encontrar nesses jornais, títulos e matérias jornalísticas construídas dessa forma, por exemplo: “Deficiente visual ganha uma prata para o Brasil⁶³” ou “Velocista cega obtém quarto ouro em Olimpíada⁶⁴”.

A epígrafe deste capítulo indica a opinião da Laura, praticante de esgrima em CR, quanto à questão estética da deficiência, da aparência dos atletas, que pode causar estranheza ao público e não atrair audiência. Na continuidade da entrevista, ela fala dos atletas com deficiência física (amputados e com paralisia cerebral) e dos atletas cegos:

Não fica bonito no vídeo, né? Porque a pessoa sem perna, sem braço, ou que nem o rapaz que eu vi dando entrevista na SporTV, você não viu na Globo? Ele deu entrevista, ele era cego, daí ele ficava com o olho assim pra cima. **Vai passar isso na Globo? Não vai, né? Porque não fica bonito, não é uma coisa que vai encher os olhos de quem tá assistindo. Ai vou trocar praquele canal porque tá passando aquele ceguinho lá que ganhou medalha. Eles querem que traga lbope pra eles, se não traz lbope, não vai mostrar.** Eu acho que pra mídia, o que conta é o que vai dar dinheiro, lbope pra eles, se não vai dar, não tem porque eles passarem. (Laura)

⁶³ Folha de São Paulo, 23/08/1996 publicado no caderno Esporte.

⁶⁴ Folha de São Paulo, 21/09/2004 publicado no caderno Esporte.

Mas por que então o Daniel Dias dá? E o cara não tem a perna, tem o braço com má-formação! (Entrevistadora)

Mas eles mostram ele inteiro? Geralmente eles focam no rosto, a gente vê o Daniel, que ele não tem perna, não tem braço, quando ele está indo pra onde ele tem que saltar pra nadar, não fica focando nele inteiro. Quando ele vem dar entrevista focam só o rosto dele. E no rosto dele não tem nada. (Laura)

Eles só tão mostrando mais o Daniel Dias por causa do destaque dele, não pela beleza, pelo corpo dele, porque ali quando tá fazendo a natação sempre tem uma medalhinha que é dele [...]. (Aurora)

(esgrimistas)

Fica evidente a percepção dos atletas em relação aos interesses da mídia e as implicações dos diferentes comprometimentos de cada deficiência. Esse grupo de entrevistados mostrou algumas tendências já reveladas por Figueiredo (2014). A autora concluiu que o Globoesporte.com não mostrou as deficiências dos atletas em 58,1% das fotos publicadas durante os Jogos Paralímpicos de Londres (2012). A ocultação das deficiências dos atletas não contribui para a visibilidade da deficiência na sociedade e não alavanca o esporte paralímpico na sua essência, pois, dessa forma, a deficiência não é associada aos atletas, ao contexto esportivo, às conquistas esportivas e às capacidades e habilidades dos atletas.

Segundo Laura, a mídia não mostra as deficiências “porque não fica bonito no vídeo/foto/figurino”. Ou seja, porque as imagens não ficariam esteticamente bonitas, podendo diminuir a audiência das emissoras. Na sequência, a Laura completa o diálogo se referindo ao caso da bocha.

A bocha não passou nada! Nada! O que eu assisti foi pela internet. Você acha que vão passar aqueles que são pior, que são os DIs [deficiência intelectual] bem severos, né? Que ficam até babando, você acha que vão colocar isso no vídeo? Não vão colocar! (Laura)

Laura explica que o fato de os atletas da bocha terem deficiências com mais comprometimentos físicos, que em alguns casos levam a movimentos descoordenados e repetitivos, faz com que eles não apareçam na mídia, pois não é atrativo para a televisão. Concordamos que talvez esta seja uma das razões para que a mídia normalmente não transmita a bocha. No entanto, outros fatores também podem influenciar essa realidade, por exemplo, o fato de ela envolver pouca

movimentação física, possuir um ritmo mais lento de jogo e ter um formato das partidas com maior duração de tempo. Essas características não se encaixam nas representações que normalmente se têm sobre a competitividade do esporte e em formatos normalmente atrativos para a mídia e para o público.

A fala a seguir ilustra bem tanto algumas implicações estéticas envolvidas nessa modalidade quanto a questão do ritmo de jogo:

É! E o Brasil deu um passeio na bocha e eles (a mídia) não mostraram! Porque, **entre aspas, é um bando de retardado que “só fica assim com a cabeça”⁶⁵ e não faz mais nada, isso daí é feio de mostrar.** Então pra eles, **o que eles querem mostrar é, entre aspas, um jogo bonito. O Brasil poder jogar, pegar uma bola e sair batendo no basquete, é o rugby que chega lá nas cadeiras e se arreventa um com o outro, pra eles isso daí é bonito!** Agora, uma bocha, até mesmo a esgrima, em lugar nenhum você viu a esgrima passando, nem os melhores momentos chegou a passar. (Teodoro, esgrimista)

A esgrimista Laura afirma que o interesse da mídia é baseado em quanto a sua programação pode resultar em uma boa avaliação em termos de Ibope. Segundo ela, imagens de pessoas com paralisia cerebral “babando” ou de pessoas com deficiência visual “revirando os olhos” não são bonitas de se mostrar e, portanto, tendem a não serem atrativas para a mídia. De acordo com a atleta, a mídia parte de uma concepção de beleza que tem como referência atletas olímpicos com corpos atléticos bem delineados, que não apresentam anormalidades aparentes. No entanto, é preciso problematizar essas afirmações. Partindo do conceito de audiência definido por Gastaldo (2009), é possível compreender melhor o contexto que permeia o esporte paralímpico e sua visibilidade.

O “capital específico” pelo qual os diferentes veículos da mídia lutam, gira em torno da obtenção de um dado estatístico: o chamado “índice de audiência”. Em uma sociedade capitalista como a nossa, o verdadeiro “produto” que a mídia “vende” para obter lucro não é o “bem cultural” em si, mas o “público” atraído pelo bem cultural veiculado, vendido aos anunciantes publicitários sob o nome de “audiência”. (GASTALDO, 2009, p. 356)

⁶⁵ Fez um gesto em que balançava continuamente a cabeça para frente e para trás.

Além do esporte paralímpico ser mais recente e, por isso, ter menos tradição na sociedade de modo geral, algumas modalidades convencionais e olímpicas também recebem mais destaque midiático do que outras, por exemplo, a hegemonia e a espetacularização do futebol no Brasil. Gastaldo (2009) afirma que os valores e os números de pessoas envolvidos nesse esporte passam dos milhões, bem como as cifras relacionadas ao mercado midiático. Isso explica a popularidade do futebol, as transmissões semanais dos campeonatos estaduais, nacionais e mundiais e os interesses econômicos que permeiam essa relação do esporte com os meios de comunicação.

O voleibol também é uma modalidade que exemplifica uma relação mercadológica com os meios de comunicação, especificamente por ter se moldado ao formato da televisão. Marchi Júnior (2005) apresenta algumas peculiaridades que alavancaram o esporte na sociedade, como a identificação de que há um grande interesse do público em relação à programação esportiva, aliado às relações comerciais estabelecidas por meio de contratos publicitários e o retorno financeiro garantido às empresas. Estes são elementos que estão imbricados e, por estarem aliados, permitiram, ao longo dos anos, o crescimento do voleibol em termos de público, audiência, valor agregado e produto a ser consumido. Para compreender o poder da relação midiática com o voleibol em específico, Marchi Júnior destaca que a modalidade precisou se adaptar à uma nova dinâmica do jogo, à diminuição da duração das partidas e à introdução de novas regras, o que aprimorou o formato do jogo como produto de comercialização para as redes de televisão, principalmente a partir da década de 1980.

Essa lógica da mercadorização e da espetacularização do esporte se aplica às modalidades olímpicas e paralímpicas. Ou seja, algumas modalidades recebem mais visibilidade nos meios de comunicação, por exemplo, o atletismo e a natação, que são esportes individuais e que possuem uma dinâmica de competição mais rápida. A visibilidade de algumas modalidades como estas na mídia está também relacionada com o patrocínio de empresas (como a Caixa Econômica e Nissan).

O esporte paralímpico, portanto, é tratado como um produto a ser vendido e consumido, como qualquer outro tipo de esporte. Dessa forma, o que disseram os entrevistados anteriormente sobre a importância da estética na decisão de se transmitir e noticiar uma modalidade precisa ser relativizada. A questão estética possui um papel importante nesse tipo de decisão, mas outros fatores são também

fundamentais, como o interesse do público em consumir este tipo de manifestação esportiva, o formato das modalidades, a duração das partidas, se as modalidades possuem correlatas no esporte convencional e, portanto, podem ser mais facilmente compreendidas pelo público em geral.

No Brasil, o Comitê Paralímpico Brasileiro, criado em 1995, tem feito um trabalho massivo de divulgação das modalidades paralímpicas, principalmente pelas redes sociais. Essa é uma possibilidade de tornar o esporte paralímpico e adaptado mais conhecidos em longo prazo, o que pode proporcionar futuramente um crescimento no público interessado em acompanhar eventos e competições. Assim, o aumento da audiência e do patrocínio de equipes e de atletas poderá potencializar a comercialização do esporte paralímpico.

O grupo da esgrima disse ressentir o fato de algumas modalidades ganharem medalhas e, mesmo assim, não aparecerem na mídia. Isso, para eles, está também vinculado à questão estética.

Tem modalidade como a bocha, que a gente ganhou medalha, mas não passa. Por que será? (Entrevistadora).

Porque só tem aleijado! São tudo tortos lá! (Helena)

Não fica bonito no vídeo! Não é por causa da medalha. O Daniel eles focam só no rosto, não focam no corpo dele, ele fala normal, ele conversa normal. (Laura)

(esgrimistas)

Essa passagem da entrevista mostra a própria percepção das esgrimistas no que diz respeito aos tipos e graus de deficiência. Para comentar o que foi dito no recorte anterior, vale contextualizar o grau de comprometimento físico da Helena, que possui dificuldade de equilíbrio e depende de uma muleta para se locomover. Para ela, os atletas da bocha são “aleijados” e “tortos”, como se ela também não tivesse comprometimentos similares. Notamos, durante as entrevistas, que vários dos interlocutores tendem a comparar os seus tipos de graus de comprometimento, conforme se pode verificar na passagem a seguir:

Normais todos nós somos, né? (Laura)

Só tá faltando algum pedacinho. Ficam um pouco assustados, mas somos, né? (Aurora)

A Helena veio bugada, mas aaaaaaaaah! Fala aí Helena: “**eu vim bugada, mas eu vim com as duas pernas, né?**” (Laura)

Ai, Laura, eu nem pensei nisso! (Helena)

Ainda comentando sobre os atletas da bocha, Laura ressaltou a dificuldade que eles tendem a ter para se expressar verbalmente. Isso acontece, pois, esses atletas possuem paralisia cerebral e, dependendo do nível de comprometimento, têm mais ou menos limitações motoras e/ou dificuldades para falar. Isso, de acordo com as entrevistadas, repercute diretamente na falta de interesse da mídia em dar visibilidade à modalidade.

Na passagem a seguir, Laura complementa sua afirmação em relação às deficiências mais severas e a participação nos Jogos Paralímpicos.

Não passou nada da bocha! Nada! O que eu assisti foi pela internet. **Passar aquele que é pior, que são os deficientes intelectuais⁶⁶ bem severos, né, que ficam até babando, você acha que vão colocar isso do vídeo?** Não vão colocar. (Laura, esgrimista)

De acordo com Goffman (1998), as implicações das diferenças visíveis do corpo e o comprometimento da deficiência são proporcionais à estranheza que costumam causar. Da mesma forma, para Le Breton (2006, p. 50), “[...] o corpo estranho se torna corpo estrangeiro e o estigma social funciona então como maior ou menor evidência conforme o grau de visibilidade da deficiência”. Essa realidade fica evidente na fala dos interlocutores à medida que eles citam e reconhecem o tipo de deficiência, também, como um elemento decisivo nas escolhas ligadas à cobertura midiática.

A seguir, o esgrimista Francisco também se refere às características físicas e motoras dos atletas e à facilidade de aparição na mídia.

Os esportes que os atletas têm maior habilidade, tem mais controle corporal, aparece mais do que os que tem menos, isso é verdade! (Francisco, esgrimista)

⁶⁶ Embora Laura mencione pessoas com deficiência intelectual, ela na verdade está se referindo aos atletas da bocha que, em grande parte dos casos, não possuem esse tipo de comprometimento.

Nos estudos que já investigaram a cobertura dos Jogos Paralímpicos, é possível identificar algumas tendências nas fotografias publicadas, por exemplo, no estudo de Bruce (2014). Esse tipo de estudo mostra como as decisões editoriais de um jornal prezaram por esconder as deficiências dos atletas nacionais, de modo que pode ter acontecido para “poupar” a exposição dos atletas. Neste contexto, é preciso refletir sobre a deficiência e a sua visibilidade, principalmente nos efeitos de replicá-la nos meios de comunicação. Para Le Breton (2006, p. 75):

A deficiência, quando é visível, é um poderoso atrativo de olhares e de comentários, um operador de discursos e de emoções. [...] O homem que sofre de uma deficiência visível, quanto a ele, não mais pode sair de casa sem provocar os olhares de todos. Essa curiosidade incessante é uma violência tão mais sutil que ela não se reconhece como tal e se renova a cada passante que é cruzado.

Os olhares curiosos e o fato de chamarem a atenção por onde passam são relatos constantes de pessoas com deficiência. Os interlocutores explicaram que isso acontece no cotidiano e os faz se sentirem diferentes perante a grande maioria da sociedade. Para eles, a deficiência é apenas uma característica física, que acaba implicando situações constrangedoras para eles e que pode gerar, nas outras pessoas, a sensação de que quem possui deficiência é inferior, digno de pena, de vergonha, podendo também gerar baixas expectativas.

Nas entrevistas, os atletas sempre comentavam sobre a divulgação das modalidades que praticavam. A fala destacada a seguir mostra a opinião de Leonardo sobre a beleza do basquetebol em CR. Ele compara a modalidade com o basquetebol convencional, exalta o fato de os atletas também conseguirem fazer cestas de três pontos e finaliza explicando que nem sempre os meios de comunicação exploram essas características positivas da modalidade.

Que nem o basquete e o tênis são dois esportes bonitos de você assistir. Porque você vai ver lá os caras fazendo cesta de três, a gente faz de três também e eles ficam surpresos os atletas em cadeira de rodas fazer de três. A batida do tênis na cadeira é a mesma batida de um andante. E tem atleta da cadeira que joga melhor e ganha dos andantes. O esporte é bonito, mas eles (a mídia) não veem isso. (Leonardo, basquetebolista)

Os próprios atletas da esgrima em CR usaram como exemplo de “jogo bonito” e atrativo o basquetebol em CR. No diálogo a seguir, um esgrimista explicou que, nesse caso, a vitória não foi decisiva para a visibilidade da modalidade.

Isso é a realidade. Por exemplo, o basquete levou um passeio lá em quadra, só que eles mostraram o jogo. Por quê? Porque tem mais movimentação, é mais bonito de ver [...]. (Teodoro)

No vídeo fica mais bonito! (Laura)

(esgrimistas)

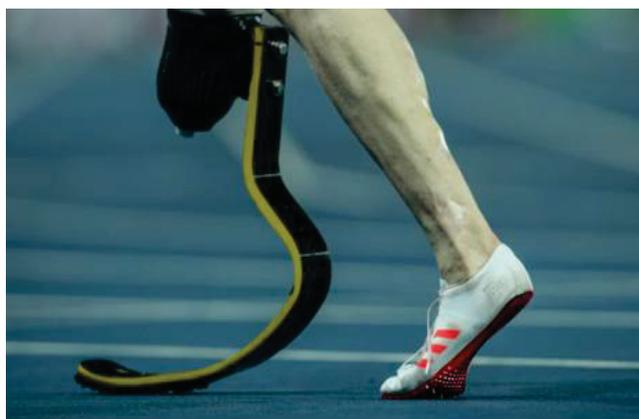
Para o Teodoro, a dinâmica do jogo torna a modalidade mais atrativa, mais “bonita de se ver”, e isso é decisivo em termos de visibilidade. O basquetebol em CR possui similaridades com o basquetebol convencional. As regras são facilmente compreendidas e os atletas se movimentam rapidamente, fatos estes que facilitam a atratividade visual da modalidade.

Durante as entrevistas, os interlocutores puderam opinar sobre as características das fotografias publicadas pela mídia a respeito dos atletas paralímpicos. Para Pappous, Marcellini e De Léséleuc (2011) e Pappous e Souza (2016), as fotografias devem priorizar cenas com os atletas em movimento e no contexto esportivo, ao invés de cenas em que eles aparecem estagnados e/ou fora do contexto da competição. Essas fotografias devem também evitar cenas em que os atletas aparecem com expressão de tristeza, caídos no chão e com expressão de dor e sofrimento fora da competição. Também, para eles, não se deve enfatizar nem ocultar as deficiências. Elas podem naturalmente aparecer nas imagens. Não que fotografias com esses tipos de imagem sejam necessariamente perniciosas. O problema é que, dado à escassez de espaço na mídia para o esporte paralímpico, os autores recomendam que seja dada prioridade a imagens que reforcem a força, a esportividade e a combatividade dos atletas.

Ao verem as duas fotografias a seguir, os interlocutores da APAP estabeleceram o seguinte diálogo:

FOTOGRAFIA 15 – SALTO EM DISTÂNCIA⁶⁷

FONTE: UOL (2016).

FOTOGRAFIA 16 – ATLETISMO⁶⁸

FONTE: UOL (2016).

Pra ser sincero, a beleza que a gente vê, cada um vê com uns olhos, eu diria que são fotos legais. Agora bonitas? Ah, difícil. Positiva. Não é assim tão bonita, mas é legal. Ver no caso que as pessoas conseguem é positivo. (Ciro)

[O esporte paralímpico] tem a sua beleza própria. **Porque normalmente o que é bonito é ter duas pernas. Tem a sua beleza diferencial, porque uma perna junto com uma prótese, uma beleza junto com outra beleza feita por mão humana. (Bernardo)**

(APAP)

⁶⁷ Disponível em: <<https://goo.gl/aEQWUP>>. Acesso em: 2 jul. 2018.

⁶⁸ Disponível em: <<https://goo.gl/HvfkDY>>. Acesso em: 2 jul. 2018.

No próprio discurso reproduzido é possível reconhecer o estigma das pessoas com deficiência sobre a imagem delas mesmas. Ao serem questionados sobre qual foto eles preferiram, os três interlocutores da APAP escolheram a primeira, em que o saltador aparece em movimento e de corpo inteiro. De modo geral, todos os interlocutores dos três grupos entrevistados afirmaram que preferem as fotografias e as imagens que mostram os atletas de corpo inteiro, sem recortes. Eles citaram diversas justificativas para suas escolhas.

Acho interessante inteiro, pra gente analisar, saber que deficiência a pessoa tem pelo menos, né? Por exemplo, ali tem vários tipos de deficiência, só que tem uns com grau a menos, outros mais. (Aurora)

Eu acho importante ficar visível ali o que ela tem, pra estimular as pessoas a irem em busca do que eles querem, que se ela consegue, os outros também podem conseguir. (Helena)

Eu acho que tem que mostrar. [...] serve de incentivo pra muita gente em casa que tem deficiência, porque antigamente tinha essa cultura de esconder as pessoas que tinham deficiência dentro de casa. Por isso eu acho legal passar pras pessoas irem praticar um esporte, não ficar em casa sem fazer nada. (Laura)

(esgrimistas)

Os interlocutores da APAP deram destaque para a imagem a seguir, referindo-se à beleza atlética da triatleta e à trajetória esportiva traçada para competir nos Jogos.

FOTOGRAFIA 17 - CHEGADA DE ATLETA⁶⁹



⁶⁹ Disponível em: <<https://goo.gl/D9oE6K>>. Acesso em: 2 jul. 2018.

FONTE: UOL (2016).

Eu prefiro foto do corpo inteiro. (Sara)

É, aquela da moça ali tava de corpo inteiro, né? Eu até analisei o seguinte: a prótese chama atenção porque ela é fininha, aquele monte de ferro ali, não sei como que é preso, **mas ela tem um corpo bem bacana e usando a prótese e correndo fisicamente tem uma ótima aparência, fica bonito.** (Ciro)

Mas a prótese é só pra correr, né? (Sara)

É aquilo, né, vai tudo dos olhos da gente, eu prefiro ver a beleza dela, a luta dela, do que ela tem, tem um corpo, tem uma perna bem desenhada, então eu acho legal isso. (Ciro)

(APAP)

Alguns atletas do basquetebol em CR destacaram uma parte do vídeo criado pelo *Channel 4*, intitulado: “*Yes, I can*”. Eles já conheciam esse vídeo e se mostraram satisfeitos com o conteúdo, uma vez que, para eles, retrata o contexto real, em que quando se quer, todos são capazes de fazer alguma coisa.

Na verdade, quando a pessoa quer ela consegue, não importa se tem dificuldade ou não, né? Ali mostrou realmente como é, quando a pessoa quer alguma coisa, ela vai conseguir e eu gostei bastante desse vídeo aí. (Leonardo)

Eu acho que vi umas 3 x e é realmente o nosso contexto, né? Se a pessoa quiser ela faz alguma coisa, senão, não. É que tem muitas pessoas que o que decide se ela vai ser ou fazer ou não é outra pessoa. Se falar que ela não pode, ou ela não consegue, ela não vai nem tentar. (Frederico)

É que a gente que já tem a dificuldade e que já vive isso, a gente já tem como dizer, porque a gente sabe disso. Agora, tem pessoas que não têm dificuldade nenhuma e vê aquilo ali e se espanta, porque não convive com a gente, [...] então eles ficam abismados com aquilo. A gente não, a gente sabe que todos podem! (Leonardo)

(basquetebolistas)

O discurso anterior remete a um tema já tratado nesta pesquisa, que diz respeito às condições mínimas para que uma pessoa com deficiência possa aderir a uma modalidade esportiva e manter uma rotina de treinamentos. Nem sempre as pessoas residem em grandes cidades, que possuem minimamente uma estrutura acessível para pessoas que usam cadeiras de rodas, por exemplo. O próprio atleta Miguel, do basquetebol, relatou sua dificuldade de locomoção em uma cidade do

interior do Paraná. Existem alguns elementos que devem ser analisados e considerados, como a inserção desse atleta em uma associação que possua infraestrutura de treinos, equipe técnica e que a auxilie na manutenção dos equipamentos. Esse discurso de que todos podem denota que aqueles que não realizam determinados feitos são preguiçosos e culpados pela sua inatividade. É preciso destacar esta série de elementos que devem ser considerados neste contexto esportivo e reiterar que o esporte paralímpico se configura pela disputa no alto rendimento. Ou seja, poucas pessoas alcançam este patamar, o que lhe confere características de exclusão inerentes ao esporte de alto nível.

A seguir, temos um exemplo de duas fotos que são esteticamente interessantes porque mostram os atletas no contexto da competição, uma enfatizando a queda de um atleta e a outra mostrando um arremesso à cesta de basquetebol. Uma das atletas da esgrima fez os seguintes comentários:

FOTOGRAFIA 18 – BASQUETEBOL EM CADEIRA DE RODAS⁷⁰



FONTE: UOL (2016)

[...] ali ele caído você fica com uma espécie de dó, né. Eu fiquei com dó. (Aurora)

⁷⁰ Disponível em: <<https://goo.gl/cTrv71>>. Acesso em: 2 jul. 2018.

FOTOGRAFIA 19 – BASQUETEBOL EM CADEIRA DE RODAS

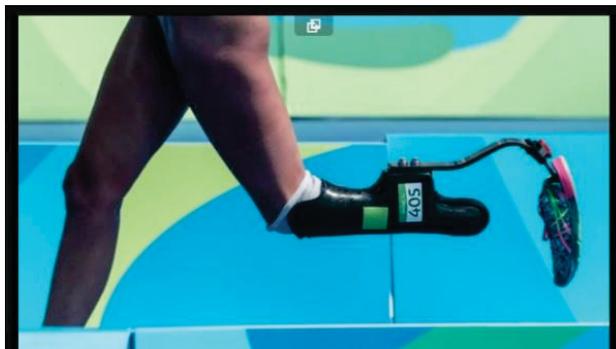
FONTE: UOL⁷¹ (2016)

Que nem arremessando uma cesta assim é uma visão muito bonita, que ele tá fazendo ali, a capacidade dele, tá focando na capacidade.
(Aurora)

As falas do recorte anterior corroboram com as indicações de Pappous, Marcellini e De Léséleuc (2011) e Pappous e Souza (2016) de que imagens que mostram os atletas caídos podem evocar comiseração. Portanto, embora esteticamente atrativas, no caso em que se tem pouco espaço para se mostrar outras fotografias que enfatizem ações bem-sucedidas de atletas com deficiência, estas devem ser priorizadas no sentido de se combater o estigma de impotência e fragilidade que normalmente é atrelado a pessoas com deficiência.

A seguir, mostramos o exemplo de outra foto esteticamente interessante, mas não recomendada por Pappous e Souza (2016), por enfocarem apenas parte do corpo do atleta (nesse caso, apenas parte de duas pernas e uma prótese). Um dos interlocutores elogiou a imagem, pois ela demonstra a perfeição das próteses utilizadas por alguns atletas, substituindo a perna humana. Embora antes ele tenha dito que prefere fotografias que mostrem o corpo por inteiro, nesse caso, ele elogiou o enfoque na prótese, por ela demonstrar as possibilidades da utilização de tecnologias no esporte paralímpico.

⁷¹ Disponível em: <<https://goo.gl/s6ocGF>>. Acesso em: 2 jul. 2018.

FOTOGRAFIA 20 – ATLETISMO⁷²

FONTE: UOL (2016)

Naquela foto que foca a prótese, a pessoa que fez a reportagem talvez quis mostrar o quanto a prótese é bem feita, porque você imagina, a pessoa que tem uma perna normal, perde a perna e tem que pôr uma prótese, tem que ser uma perfeição ali pra fazer o que ela faz, que é correr normalmente. [...] se alguém tiver mais atenção na prótese, talvez porque é uma coisa bem-feita. Tecnologia, porque consegue fazer uma pessoa ali que não tem a perna correr como uma pessoa normal. (Ciro, APAP)

Não existe um discurso unânime entre os interlocutores do estudo sobre esta questão das fotografias, cada um deles compreende o ângulo e o foco de uma forma diferente, com argumentos variados. Isto ficou evidente também no momento em que eles viram e comentaram a fotografia protagonizada pelos embaixadores paralímpicos, Cleo Pires e Paulinho Vilhena, publicada na revista Vogue⁷³ e reproduzida na sequência.

⁷² Disponível em: <<https://goo.gl/zTPssA>>. Acesso em: 2 jul. 2018.

⁷³ Ver matéria na íntegra: <https://goo.gl/sUPAV8>

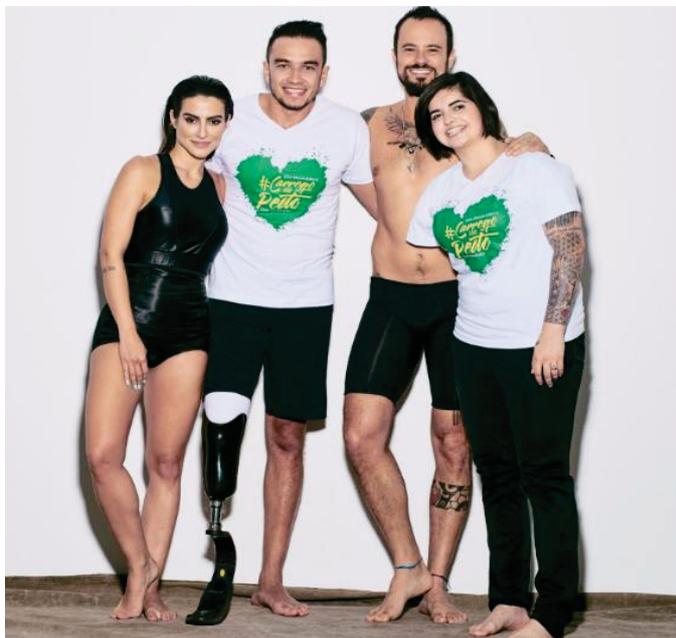
FOTOGRAFIA 24: Embaixadores paralímpicos



Fonte: Revista Vogue

A fotografia gerou polêmica e viralizou nas redes sociais cerca de 15 dias antes do início dos Jogos. Os interlocutores mostraram opiniões diferentes sobre esta iniciativa de divulgar os Jogos. Alguns deles entenderam como algo positivo e como uma estratégia para chamar a atenção do público em geral. Já outros se sentiram ofendidos por verem pessoas que não tem deficiência em uma fotografia editada com recurso de *Photoshop* e argumentaram que seria melhor fotografar os próprios atletas para a divulgação, conforme a fotografia reproduzida abaixo, divulgada algumas semanas após a primeira imagem.

FOTOGRAFIA 25: Embaixadores paralímpicos e atletas



Fonte: Folha de São Paulo⁷⁴

A maioria deles associou a pouca visibilidade das modalidades paralímpicas à uma questão estética: o corpo “estranho” e desfigurado dos atletas. Embora esse argumento possa explicar parte da questão, principalmente porque muitos patrocinadores em potencial do esporte paralímpico não querem atrelar o nome de suas marcas a imagens de pessoas com deficiência (Marques et al., 2009) e porque os corpos “desmantelados” podem causar um impacto negativo no público, ele não explica o problema como um todo. Estes dois elementos citados são evidenciados em Santos (2018), pelo olhar de jornalistas e editores. Eles revelam que há pouco interesse de patrocinadores em atrelar as suas marcas ao esporte paralímpico pelo baixo consumo, pouco retorno às empresas e pela estranheza que os corpos ainda causam na sociedade. Além disso, como o esporte paralímpico ainda não é muito conhecido, e por isso não ter estimulado o hábito de acompanhá-lo, as mídias não o privilegiam em sua programação, temendo baixa audiência e baixo retorno comercial (MARQUES et al. 2015). Ainda, outra possível explicação é a de que várias das modalidades não são atrativas para os moldes da mídia tradicional, devido ao ritmo e

⁷⁴ Disponível na íntegra em: <https://goo.gl/y4oaCo>

à duração das competições, assim como acontece também nos esportes olímpicos. O esporte paralímpico ainda tem um caminho a trilhar em relação ao esporte convencional. Ainda assim, algumas modalidades talvez demorem a receber o destaque midiático que merecem, como também ocorre no esporte convencional.

A seguir, o capítulo 8 (Do “coitadinho” ao super-herói) dará continuidade à discussão de alguns estigmas ligados às pessoas com deficiência de modo mais focado. Nos concentraremos, mas especificamente, nos estigmas do “coitadinho” e do “super-herói”.

7 DO “COITADINHO” AO SUPER-HERÓI

Neste capítulo, apresentamos a discussão dos conteúdos midiáticos que tendem a enfatizar a superação das deficiências dos atletas, como se a deficiência fosse uma barreira a ser transposta para se alcançar feitos esportivos. Dependendo do contexto da reportagem ou dos conteúdos divulgados pela mídia, os atletas tendem a ser alçados de “coitadinhos” a super-heróis, os quais, mesmo apresentando desvantagens devido às suas deficiências, conseguem superá-las e realizam feitos extraordinários (HARDIN; HARDIN, 2004; SILVA; HOWE, 2012; BERGER, 2008).

Tomando como base os autores já citados em nosso capítulo de contextualização teórica, entendemos que a abordagem do “coitadinho” ocorre quando os atletas são retratados como “vítimas” das suas deficiências, sendo a atenção centralizada na tragédia pessoal de cada um deles. Já a abordagem do *supercrip* ocorre quando o enfoque da mídia é maior na superação da deficiência e das supostas “tragédias de vida” dos atletas do que no feito esportivo. A seguir, apresentaremos opiniões e impressões dos interlocutores desta pesquisa em relação a esse tema, evidenciando as diferentes opiniões entre os três grupos.

7.1 PELAS LENTES DA MÍDIA E DOS INTERLOCUTORES: OS ATLETAS SÃO “COITADINHOS”?

*“Pra mim, como a gente vive nesse contexto e a gente vê um amputado, um DI, qualquer tipo de deficiência, a gente vê um indivíduo ali. A gente vê ele fazendo alguma coisa, praticando esporte, não é nada anormal. É uma pessoa que tem uma deficiência, mas a deficiência não muda o indivíduo, não muda a ideologia [...]. **Acho que a condição física de uma pessoa não deve trazer com ela um estereótipo de alguém mais frágil ou alguém mais ‘coitadinho’, ou algo assim.**”*
(Frederico, basquetebolista)

Com base no relato anterior, de um atleta do basquetebol em CR, que usa cadeira de rodas, a deficiência e a condição física de uma pessoa não devem ser motivos para que ela seja percebida como frágil ou para se sentir pena dela. Acima de tudo, o indivíduo deve ser visto como um ser humano que pode ou não praticar

esportes, e essa escolha também não o torna melhor do que ninguém, sendo apenas uma opção.

No geral, os dois grupos de esportistas (basquetebolistas e esgrimistas) explicaram que a abordagem do “coitadinho” é frequente na mídia, e entendem que é uma estratégia para atrair os olhares e a atenção dos expectadores, de forma sensacionalista. Isso normalmente ocorre por meio dos relatos de histórias de vida supostamente tristes dos atletas, que tomam conta das narrativas, em detrimento de relatos enfocando sua trajetória esportiva, a qual, para eles, é o que deveria ser divulgado e pautado com maior ênfase.

Gonçalves, Albino e Vaz (2007) afirmam que a “tragédia” se torna um elemento fundamental na constituição da imagem dos atletas paralímpicos e se acentua quando se refere à construção dos ídolos, como aquele que: “cai, sofre, mas supera as adversidades e vence” (GONÇALVES; ALBINO; VAZ, 2007, p. 153). Com base nessa constatação, de que a mídia tende a explorar as histórias de vida dos atletas para sensibilizar o público, evidenciamos a passagem a seguir, em que a atleta critica essa abordagem e pontua a importância de se valorizar a modalidade esportiva e a esportividade do atleta.

Toda transmissão que eles fazem do paradesporto eles não começam falando do esporte, eles começam falando do indivíduo, da deficiência, da superação e através disso ele vai bem no esporte, entendeu? Não divulga o esporte, tem que divulgar. **Porque a modalidade tem pessoas com deficiência, que às vezes são tratadas como “coitadinhos”. Mas há a beleza da modalidade, tanto quanto no convencional. O basquete em CR é tão bonito ou mais quanto o convencional, por causa da dinâmica do esporte, da movimentação. Não é bonito porque tem deficiente na cadeira de rodas jogando, né?** (Frederico, basquetebolista)

Alguns atletas entrevistados por Marques et al. (2014) explicaram que são favoráveis à mídia divulgar a superação das dificuldades do cotidiano dos atletas com deficiência, pois isso pode encorajar pessoas que estão em suas residências a buscarem oportunidades na prática esportiva. Para eles, esse discurso de superação pode ajudá-los a enfrentar os medos e os próprios limites. Na sequência da entrevista, Frederico também complementou explicando que, por vezes, a sociedade vê as pessoas com deficiência como “coitadinhas”, pois os próprios indivíduos podem se colocar nessa situação, comportando-se como tal. Esse ponto de vista também se evidenciou nas outras entrevistas realizadas. Em vários momentos, os interlocutores

conduziram a conversa para as suas experiências próprias e situações que presenciaram com amigos ou conhecidos.

Voltando à questão da sociedade ver como “coitadinho”, isso infelizmente é culpa da própria classe que se porta como tal, porque aqui em Curitiba, eu não sei em números [...], mas a quantidade de deficientes que tem e a quantidade de deficientes que trabalham e praticam esporte é muito menor do que toda a classe. Então, infelizmente muitos fazem por onde levar essa rotulação de “coitadinhos”, porque se tratam e se comportam como tal. (Frederico, basquetebolista)

Esta é a visão de alguns de nossos interlocutores, exemplificada pela fala do Frederico, pois muitas pessoas com deficiência não têm de fato a opção de escolher se engajar em atividades profissionais e esportivas devido às barreiras que costumam enfrentar em seu cotidiano (p. ex. tipo de grau da deficiência, situação de saúde, falta de apoio familiar, falta de acesso à educação e a tratamentos especializados, preconceitos sociais, entre outras). Esse tipo de argumentação, conforme afirmam Hardin e Hardin (2004), culpabiliza a pessoa com deficiência pelo seu infortúnio. Aqueles que não obtêm sucesso são julgados como preguiçosos e sem disciplina (HILGEMBERG, 2014).

No grupo da APAP, um dos interlocutores chamou a atenção para outro tipo de “coitadismo”. Este se refere à postura e ao comportamento das próprias pessoas que possuem deficiência.

Olha, é aquela pessoa que passa a imagem de ser “coitadinho”, pra chamar atenção de alguma forma, sabe? Por exemplo, eu acredito que se eu ficar falando só das coisas negativas, ruins e me lamentando, as pessoas vão me tratar como um coitado. Então, por mais que tem coisas que é constrangedor [...], eu conto as coisas que fazem bem, tudo que eu consegui. Apesar de tudo, eu consigo entrar no meu carro e guardar a minha cadeira sozinho, então eu sou um vencedor. Se alguém achar que isso é coitado, senta na cadeira, faça você, quero ver como você faz! (Ciro)

Apesar de tudo o que? (Entrevistadora)

Da minha limitação, da minha deficiência. Apesar de eu ser limitado eu consigo me superar! Eu acredito que ali nos jogos conseguimos superar e fazer coisas que eu não faço, é uma superação, é uma capacidade! (Ciro)

(APAP)

Para o entrevistado, a atitude de algumas pessoas com deficiência pode contribuir para essa interpretação equivocada em relação àqueles que possuem deficiência como “coitadinhos” ou dignos de pena. Ao se sentir um “vencedor” por conseguir dirigir, guardar sua cadeira de rodas de forma independente e ter um trabalho, Ciro demonstra que, “apesar da limitação física”, é possível mencionar e valorizar as atividades que lhe fazem bem e tudo que ele conseguiu conquistar até hoje. Dessa forma, ele está encarando a vida de um jeito positivo e, conseqüentemente, transmitindo o mesmo para quem o conhece. Para Ciro, algumas pessoas podem assumir uma postura mais negativa, o que acaba refletindo no sentimento de pena por parte daqueles de quem estão próximos. A respeito da atitude positiva de Ciro, Bernardo comenta:

Eu acho bonito, eu sinceramente, falo real, eu me emociono vendo paraplégicos, amputados, ou o que for, fazendo esporte ou trabalhando. No caso do Ciro, ele tá aqui, trabalha aqui, quem disse que ele não pode? Ele trabalha, ele dirige! (Bernardo, APAP)

Ciro descreve que, “apesar de tudo”, das limitações que provêm da deficiência, ele é um vencedor. Esse tipo de narrativa é comum no discurso midiático que visa mostrar que algumas pessoas com deficiência, a despeito de suas limitações, conseguem ser “vencedoras”. Essa abordagem demonstra que existe uma baixa expectativa em relação às capacidades das pessoas com deficiência, valorizando-se primeiramente as suas supostas limitações ao invés de suas potencialidades.

Quando os interlocutores foram indagados sobre como se sentiam ao ver as reportagens e matérias sobre os Jogos Paralímpicos, Sara explicou que gostava de assistir. Ela afirmou que o fato de os atletas estarem envolvidos no esporte e conseguirem competir, demonstra suas capacidades físicas. Para ela, o esporte pode contribuir para diminuir o olhar estigmatizado sobre as pessoas com deficiência.

Pra mim é alegria ver que eles conseguem! Eu gosto de ver! Primeiro que eu me sinto bem, olha, que eles vão lá e fazem [...]. **Eu me sinto bem de ver que eles conseguem, de ver que eles não são uns “coitadinhos”.** (Sara)

E você traz alguma coisa disso pra você? (Entrevistadora)

Trago, bastante! Primeira coisa é não reclamar da vida, não reclamo de nada. É bom pra mim ver, me faz bem. (Sara)

(APAP)

A fala da Sara ilustra o que Howe (2008) afirma sobre a importância da prática esportiva para as pessoas que adquirem ou possuem deficiências poderem refletir sobre seus corpos e ressignificá-los de uma maneira menos restritiva e menos estigmatizada.

Ao serem indagados sobre as fotografias e os vídeos que haviam assistido durante a entrevista, alguns interlocutores fizeram comentários sobre o conteúdo que mais chamou a sua atenção. No grupo da APAP, Sara falou sobre o recorte da matéria publicada no *site* UOL, intitulada: “Gigante iraniano e mais exemplos de que não tem ‘coitadinho’ na Paralimpíada”⁷⁵ e concordou com o título, de que não existem “coitadinhos” nos Jogos.

Ah, eu acho que não tem “coitadinho” na paraolimpíada. O que eles se propuseram, eles foram lá e fizeram, né? E bem feito ainda! (Sara, APAP)

Nesse caso, o título reforça a ideia de que não existem “coitadinhos” nos Jogos. Na sequência, Bernardo complementou a fala com sua experiência pessoal, salientando o pensamento de que as pessoas com deficiência têm capacidades e não são coitadinhas.

Eu até falo por uma questão minha, porque eu passei por isso, quando fiquei no hospital internado eu perdi tudo [...], fiquei vegetando completo, só não perdi a audição e muita gente falava: ai “coitadinho!” “Coitadinho” por quê? Eu tava morto ou o que? [...] **E, no caso dele, “coitadinho” por quê? Ele é uma pessoa capaz. Se não fosse, não seria um jogador de vôlei, ou outro esporte que ele pudesse se envolver tb. Talvez ele não jogue só o vôlei. “Coitadinho” eu acho que é a cabeça de quem diz!** (Bernardo, APAP)

No grupo da esgrima em CR, Laura (que teve a perna direita totalmente amputada) explicou que não vê sentido no discurso de que os atletas são “coitadinhos”. Ela falou de si própria para exemplificar como isso não se aplica:

⁷⁵ Publicada no dia 18/09/2016. Matéria disponível na íntegra: <<https://goo.gl/ngSPeH>>. Acesso em: 2 jul. 2018.

Eu faço mais coisas que os meus filhos! Meu filho tem 18 anos, minha filha tem 20 e a outra tem 22, eu faço mais coisas que eles! “Coitadinhos” são eles, que ficam só em casa, engessados (risadas!). Eu faço um monte de coisa, não preciso de... eu sou totalmente independente, né? Eu faço qualquer coisa! Não posso dançar, mas o resto eu faço! (Laura)

De uma forma geral, todos os interlocutores desejariam ver as suas habilidades valorizadas e não gostariam de ser percebidos e tratados como “coitadinhos” e dignos de pena por sua condição física, conforme podemos observar, por exemplo, na passagem a seguir.

Se eles veem que nós somos capazes de fazer isso, porque “coitadinho”? Eu também sou capaz de fazer tudo, eu faço tudo, eu não gosto que me tratem como coitada! (Aurora, esgrimista)

A Laura também falou sobre uma suposta distinção de *status* entre pessoas com deficiência que não praticam esporte e as que são atletas.

A gente já tem esse pré-rótulo: ai, não tenho a perna! Ai, “coitadinho”, anda torto! Já tem isso, não precisa, no nosso caso, né? (ser tratado como “coitadinho”). **Que a gente é atleta, no nosso caso a gente não precisa disso.** [...] Que mania que o povo tem, até o próprio deficiente, quando ele não faz nada, ele se coloca no papel do “coitadinho”, sabe? (Laura, esgrimista)

Ao afirmar que “a gente é atleta, no nosso caso não precisa disso”, Laura revela o sentimento de pertencer a um grupo seleto de pessoas que praticam esporte e como isto a difere das demais pessoas com deficiência. Tajfel (1981) versa sobre o conceito de identidade social e destaca que as pessoas precisam de uma identidade pessoal e uma identidade social positiva e, desta forma, necessitam pertencer a grupos socialmente valorados. Esta sensação de pertencimento cria um “sentimento de nós” no indivíduo e de uma personalidade coletiva. Quanto maior for o envolvimento com o coletivo, maior será a sua identificação com ele e mais completa a sua aceitação de valores e normas do grupo. É como se o esporte lhe atribuísse qualidades que outras pessoas com deficiência não possuem, distinguindo-a destas. Ou seja, para a Laura, é como se os outros que não praticam esportes até pudessem ser vistos como coitadinhos ou preguiçosos e como se os atletas não merecessem este tipo de rótulo.

Este sentimento de pertencimento também ficou evidente na fala de uma das atletas entrevistadas por Souza (2004, p. 122). Ela se referiu à importância e à diferenciação de estar envolvida com o esporte: “Acho que é um exemplo de vida pras outras pessoas, ser atleta. Você só é visto, quando você é atleta!”.

Durante um dos encontros, no contexto de uma das discussões que surgiram no grupo, perguntamos diretamente aos entrevistados se eles se sentiam “coitados” e eles disseram que não. Vide a seguir um exemplo do que eles disseram:

E você, se sente um coitado? (Entrevistadora)

Eu não! [Risos] (Leonardo)

Olha a cara dele! [Risos] (Miguel)

Dá dó né!? [Risos] (Frederico)

Primeiro, porque eu tenho mais mobilidade que eles, eu ando! (Leonardo)

Não é tão aparente a deficiência! (Frederico)

Inclusive eu até ajudo eles a subir na *van*! Antes de eu conhecer o basquete eu fiquei dois anos em depressão. Pra mim tinha acabado. Aí depois que eu entrei aqui, que eu vi essa cambada sentada na cadeira (risadas), aí eu pensei: que que eu tô reclamando? Os caras tão na cadeira e tão aí! Por que que eu que perdi a perna não estaria? (Leonardo)

Esse é um ponto bem importante que ele tá falando! Se a gente pensar que sempre tem alguém pior que nós! (Miguel)

Favorece né? (Frederico)

[Risada generalizada no grupo]

(basquetebolistas)

No exemplo da passagem anterior, o interlocutor foi objetivo em sua resposta. Ele disse que não se sente um coitado, pois, além de praticar esportes (basquetebol e tênis em CR), após passar por um estado de depressão por dois anos, ainda se sente menos “lesado” do que os amigos da equipe. Segundo o atleta, eles estão na cadeira de rodas e ele “só” perdeu uma perna. Na sequência, Miguel reforça a importância de se pensar que: “sempre há alguém pior que nós”. Ele complementa sua ideia explicando que, logo após ter adquirido a paraplegia, ficou recluso em casa

por nove anos. Depois, ele passou por um processo de reabilitação que durou aproximadamente um mês internado em um hospital. Durante esse período, ele viu pessoas acamadas, tetraplégicas e que estavam perdendo os movimentos motores de forma progressiva e irreversível. A passagem pelo hospital e a situação em que se encontravam alguns dos internados lhes serviram de motivação para começar a treinar basquetebol em CR.

De acordo com Amaral (1995), existem vários mecanismos de defesa adotados pelas pessoas com deficiência. Um deles se refere à comparação entre os comprometimentos das deficiências. Quando o indivíduo constata que existem comprometimentos mais severos do que ele possui, ele tende a melhor aceitar a sua deficiência. Seguem outros exemplos que vão ao encontro dessa ideia:

Tetra mesmo, alguns tetras são muito dependentes. (Ângelo)

Pra mim isso é uma motivação! (Miguel)

Agora eu já conheço tetraplégico que se vira e faz tudo. Mas a maioria dos tetra, se você for procurar mesmo, a maioria é dependente. Eu tô na frente dele. (Ângelo)

É lógico! (Miguel)

Infelizmente é! Mas essa é a verdade, pelo menos eu consigo me movimentar, os tetras não conseguem! Eles infelizmente têm uma atrofia. (Ângelo)

Então dependendo da patologia, tu usa pra se inspirar na pessoa que tá com menos condições que você, pra tu poder ajudar ela e ajudar quem tá pra trás. Acho que é tipo uma escada, né? (Miguel)

(basquetebolistas)

Esse tipo de comparação ocorreu nos dois grupos de esportistas, o que também ficou explícito na passagem da entrevista destacada a seguir, em que Francisco (que possui atrofia nas duas pernas e caminha com o auxílio de muletas) se refere à diferença entre possuir movimento nas pernas e ser paraplégico.

Que muita gente que tá na cadeira fala: ah, eu queria ter uma perninha torta pra poder já andar! Tem gente que fala: ah, aquele lá tem as pernas ruins! Mas daí outros falam no final: ah, não, mas eu queria ter as perninhas ruins dele pra andar! (Francisco, esgrimista)

Os atletas também criticaram o fato de a mídia ser condescendente com os atletas que não tiveram um bom desempenho esportivo, em uma tentativa de poupá-los. No exemplo a seguir, um dos interlocutores, praticantes de tênis em CR, citou o exemplo de uma atleta dessa mesma modalidade que foi chamada de “coitadinha” porque foi derrotada em uma partida. Ele argumenta que perder faz parte do esporte.

Eu vi inclusive hoje, uma matéria sobre a Natalia Maiara do tênis. Falando da superação dela, porque ela não tem as duas pernas, que ela teve superação pra chegar lá. **Não! Ela teve treinamento, ela se dedicou, ela buscou aquilo, aí quando ela perdeu, todo mundo chamou ela de coitadinha**, mas ela sabia quem ela ia enfrentar. O de lá também treinou, também se dedicou, tem a mesma deficiência que ela. Ou seja, uma treinou mais que a outra? Pode ser, **mas ela não foi uma coitadinha, porque a outra não era convencional, tinha a mesma deficiência que ela. Então ela perdeu porque a outra foi a melhor**, porque a outra se dedicou mais e errou menos. Por isso que ela perdeu. (Leonardo, basquetebolista)

Enquanto os atletas foram bastante críticos em relação à “abordagem do coitadinho”, os interlocutores da APAP elogiaram a cobertura e falaram sobre os impactos da realização dos Jogos no Brasil. Uma das entrevistadas inclusive mencionou que a cobertura dos Jogos Paralímpicos ajudou a desmistificar a visão, inclusive a dela, de que a pessoa com deficiência é “coitadinha”.

Impacto positivo, eu acho, porque foi muito bom a paraolimpíada. Mudou a cabeça de quem viu, **a gente** pensava uma outra coisa. Antes se pensava aquela coisa de “coitadinho” e agora não, agora vê que o deficiente é capaz, independente da deficiência é capaz em tudo. Tanto é que pra mim a paraolimpíada foi melhor que a olimpíada. Eu gostei mais. (Sara, APAP)

O interlocutor a seguir, dá a entender que os conteúdos midiáticos relativos aos Jogos chamaram mais a atenção e emocionaram mais as pessoas por mostrar os atletas como “capazes, lutadores, vencedores” do que como “coitadinhos”.

[...] das pessoas que assistiram eu acho que só teve coisas boas. Foi legal que as pessoas admiraram os feitos dos brasileiros e de outras pessoas que conseguiram se superar. Na minha opinião foi muito bacana! [...]. **Eu acredito que até as paraolimpíadas em termos da superação foi mais [interessante do que os Jogos Olímpicos], as pessoas se emocionaram mais, eu acredito que não seja pelo lado do “coitadinho”**, porque isso vai muito do que a pessoa demonstra [...]. **Ali não, eles chamaram atenção por eles serem capazes, lutadores, vencedores.** (Ciro, APAP)

De uma forma geral, nem os interlocutores da APAP nem os atletas se sentem “coitadinhos”. Verificamos, no entanto, uma diferença no ponto de vista deles quanto à cobertura midiática, relacionada ao papel da mediação institucional dos interlocutores. Enquanto os entrevistados da APAP não viram maiores problemas na cobertura midiática no que diz respeito à questão do “coitadinho”, os atletas ressentem o fato de que a mídia não raramente os trata como coitados, principalmente por eles possuírem deficiências e serem vistos como coitados por suas “incapacidades” físicas.

7.2 HEROÍSMO, DEDICAÇÃO E SUPERAÇÃO – DESMISTIFICANDO O MITO

O que acontece, na minha opinião, é que a sociedade no geral tem uma opinião muito extremista com os deficientes. Ou é um “coitadinho” ou é um super-homem ou super-herói porque faz alguma modalidade. E realmente não é, somos pessoas comuns, temos uma deficiência e tal, mas só porque pratica e vai bem num esporte não é um “super-alguma coisa”! Os que não praticam e não fazem nada não são “coitadinhos”! Oscila entre esses dois polos: ou é “coitadinho” ou é “super-alguma coisa”! (Frederico, basquetebolista)

Há uma tendência da mídia em subestimar as conquistas dos atletas paralímpicos, por conta da “desvantagem” que a deficiência acarreta. Assim, diferenças, limitações e superação de dificuldades relacionadas com a deficiência tendem a ficar mais evidenciadas do que o contexto esportivo em si (SILVA; HOWE, 2012; BRAYE, DIXON E GIBBONS (2013). Faz-se interessante ressaltar que, quando se fala em “superação”, a mídia e os atletas enfatizam coisas diferentes. Quando a mídia fala em superação, esta enfoca a superação da deficiência. Para ela, o simples fato de a pessoa com deficiência estar participando do esporte já é uma conquista. O resultado esportivo tende a não ganhar tanto destaque. Já o enfoque dos atletas tende a ser na trajetória esportiva e nas conquistas esportivas.

Pro atleta, a superação é ele ter chegado no ponto onde ele chegou, que seria a medalha. **Agora, pros repórteres, a superação dele é o “coitadinho” ser aleijado e estar conseguindo fazer um esporte, nem interessa se ganha alguma coisa ou não [...].** Porque lógico, todos os atletas, o que eles querem é isso, não é só chegar na competição e se divertir, é chegar lá e conseguir pegar a medalha, não importa se é ouro, prata ou bronze, mas pegar. (Teodoro)

Se eu ganhei bronze eu quero ganhar prata, essa é uma superação. (risadas!) (Laura)

Embora o enfoque dos atletas seja na superação esportiva, eles revelam que precisam sim superar barreiras cotidianamente também fora do contexto esportivo.

Querendo ou não você vai ter que se superar de qualquer jeito. Ou você aprende a ter a tua deficiência [...], senão fica deitado numa cama lá dependendo de todo mundo. Agora maior superação é você sair na rua, tipo, chegou num lugar, olhou ali, eu não consigo subir nesse lugar o que eu vou fazer? É parar, pensar e fazer. Agora, você parar e pensar não vou conseguir e vira as costas e já sai sem pensar, aí é muito fácil. Então a superação é isso daí você chegar no que você quer fazer e fazer. E não só, exemplo, eu fiquei na cadeira de rodas, fosse pensar igual a muitos que chegaram pra mim e falaram que eu era um “coitadinho” agora, que ia depender dos outros pra me empurrar pra cima e pra baixo, eu com um mês de lesão saí da minha cama e fui andar. Puxava a cadeira pra cima e pra baixo, subia morro e tudo mais. Então, isso daí você é obrigado a se superar, você é obrigado a se acostumar, agora a superação é o cara querer fazer um esporte, ou até mesmo querer fazer uma coisa dentro de casa e chegar lá e conseguir fazer, daí sim é se superar! (Teodoro, esgrimista)

Para alguns autores, a baixa expectativa que se tem das potencialidades e habilidades das pessoas com deficiência tende a gerar um efeito de supervalorização dos feitos esportivos dos atletas (HARDIN; HARDIN, 2004; SILVA; HOWE, 2012). Estes, por sua vez, conforme os entrevistados, são apenas um reflexo de todo um trabalho por eles desenvolvido. Neste sentido, os atletas criticam a mídia por tratar os atletas como super-heróis que “surgiram do nada”. Eles ressentem o fato de que ela não mostra todo o esforço, toda a dedicação e a rotina de treinamento dos desportistas.

Eles (a mídia) falam que é super-herói, mas eles não conhecem, não sabem da nossa rotina. Vamos supor, eu tô jogando basquete, mas ele não sabe o que eu faço por trás pra poder alcançar aquilo ali. Eu treino bastante! Então nós não somos super-heróis, nós treinamos, nós somos dedicados! É igual os deficientes que estão lá, eles treinam muito fora disso daí, só que ninguém vê, porque ninguém tem interesse em ver isso aí. (Ângelo)

Aí quando chega lá diz que foi de uma hora pra outra que conseguiu, com muito esforço, dedicação lá atrás, pra chegar aquilo ali. Pra quem não vê, acha que esse aí surgiu do nada. (Leonardo)

(basquetebolistas)

Ainda sobre a abordagem dicotômica do “coitadinho” e do “super-herói”, os atletas do basquetebol afirmaram que a abordagem do super-herói tem se sobressaído.

Eu já acho que este momento de contexto das paralimpíadas, eles estão evidenciando e batendo mais nessa tecla da “super-pessoa” do que do “coitadinho”. (Frederico)

[...] A Terezinha queimou a largada e perdeu a medalha dela e a mídia bate mais dizendo que ela tem bom desempenho, que ela é “super”, que superou e tal e não fala assim de coitadinha. (Frederico)

[...] **Pelo pouco que eu vi, porque eles passam muito pouco, eu ouvi que eles falam mais da superação e de serem super-heróis.** Mas eles não buscam o histórico, o que a pessoa fez pra chegar até ali. E eu acho isso errado, porque já que eles vão transmitir alguma coisa, eles deveriam estudar ou buscar, ou colocar alguém que já tá no meio do esporte adaptado, porque tem, pra poder transmitir. (Ângelo, basquetebolista)

Aparentemente, os atletas não necessariamente são contra a abordagem do super-herói. Para eles, o atleta paralímpico deve ser tão reconhecido como atleta do esporte olímpico.

Todo mundo é super-herói pra eles, o Neymar. Por que não uma pessoa com deficiência? (Laura, esgrimista)

O que os nossos interlocutores ligados ao esporte ressentem é que a superação da deficiência, e não a superação esportiva, esteja no centro da argumentação que os justifica como heróis. O estudo de Braye, Dixon e Gibbons (2013) também mostrou o descontentamento de ativistas em relação a esse tipo de narrativa, que é interessante para os veículos midiáticos, pois tende a atrair o público, causar comoção e mostrar como o ser humano é capaz de se auto-superar na vida cotidiana. Os nossos entrevistados, entretanto, preferem que os seus feitos esportivos sejam destacados, uma vez que possuem uma rotina de dedicação e disciplina para competir e vencer em provas esportivas.

De acordo com Goffman (1988), quando um indivíduo que faz parte de um grupo maior de pessoas que sofrem algum tipo de estigma chega à uma posição de

destaque que o distingue dos demais membros do grupo, este tende a ser percebido como uma espécie de representante do grupo. Talvez, para os nossos interlocutores atletas, o fato de alguns atletas com deficiência serem tratados como ídolos conferem certo nível de *status*. Esse senso de identificação fica claro em algumas expressões utilizadas por membros desse grupo, que, ao falar dos atletas, como em uma das passagens anteriores, disseram: “**nós** não **somos** super-heróis, **nós** treinamos, **nós** somos dedicados!”.

No contexto da dinâmica de uma das entrevistas, indagamos os interlocutores da APAP se os jogos e os atletas paralímpicos poderiam ser considerados como fonte de exemplos para a sociedade em geral. Eles acreditam que sim, uma vez que existem ídolos em diferentes campos da sociedade.

Eu acho que sim [podem ser considerados como ídolos], como qualquer pessoa. Mas até eles, pela força que eles têm, mesmo com a limitação, eles mostram a força que eles têm! Você vê que, porque você acha que teve tanta gente assistindo? É justamente pra ver os exemplos bons deles, todo mundo falou, o Daniel, por exemplo, as pessoas tratam ele como **ídolo**. Tava assistindo o Fantástico, ele é um ídolo, como qualquer outra pessoa que é ídolo, no bom sentido, as pessoas gritando o nome dele [...]. Que todas as pessoas que estão na mídia, por muita força de vontade, muita competência, elas são ídolos, [...] como as personalidades do Brasil, um jogador de futebol, um político. (Ciro, APAP)

Para os interlocutores da APAP, os bons exemplos de outras pessoas que enfrentam dificuldades podem ser inspiradores para os seus semelhantes.

Quando eu não tinha deficiência, que eu via outras pessoas com dificuldades, me chamava mais atenção, servia de bom exemplo pra mim, mesmo eu não tendo. E hoje, eu tendo, muitas pessoas me dizem: nossa, eu acho extremamente vencedor a luta que você tem pela vida, mesmo assim você tem que superar, então acho que são bons exemplos sempre. (Ciro, APAP)

Os dados das entrevistas mostraram que os atletas são a favor da representação dos atletas como heróis ou como ídolos, contanto que essa representação não seja baseada na superação de suas deficiências. Esta deve se basear em sua trajetória esportiva, que envolve dedicação e treinamento para se alcançar bons resultados. Tanto para os atletas quanto para os não atletas, se existe uma legião de fãs do Neymar, por que não existirem ídolos como o Daniel Dias ou o

Clodoaldo Silva? Aparentemente, a visão dos dois grupos difere em um quesito: enquanto que, para os interlocutores da APAP, os atletas devem ser valorizados como qualquer outra pessoa competente que se destaca na mídia, para os atletas desta pesquisa, a valorização do desportista paralímpico como ídolo parece lhes ser mais cara, uma vez que eles se sentem, até certo ponto, representados por eles.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa foi realizada com o intuito de refletir sobre a voz das pessoas com deficiência e, para isso, fomos à campo. Para realizar a pesquisa empírica no período de realização dos Jogos Paralímpicos Rio (2016), organizamo-nos. Os grupos foram contatados nos meses anteriores ao megaevento esportivo e, no período pretendido, realizamos as entrevistas coletivas previstas. Um misto de preocupação e expectativa circundava os dias que antecederiam a abertura dos Jogos. Afinal, foram algumas mensagens por telefone para lembrar os interlocutores de que chegassem mais cedo aos treinos ou na fisioterapia. Foram dias carregando a câmera filmadora e o tripé, o *data show*, a pasta com os questionários e os cadernos para anotações.

Chegávamos com antecedência aos encontros, pois não podíamos deixar nossos entrevistados esperando. Com tudo montado, era hora de esperar os protagonistas chegarem. E assim aconteceu. Foram várias horas de entrevistas e muitas ideias na cabeça sobre como “desenrolar” todo esse complexo emaranhado de dados.

Durante as entrevistas, entre uma pergunta e outra, ouvimos relatos pessoais e muitas histórias. Alguns relatos que envolviam família, perda de um filho em acidente automobilístico, autoestima, depressão, perdas, humilhações. Ouvimos também relatos sobre o esporte como uma forma de retomar a vida e frases como: “Eu não aceitei morrer!”. Esse tipo de situação tornou-se desafiadora para nós, uma vez que tínhamos um roteiro de entrevistas para seguir e que o intuito era ter tempo hábil para finalizá-lo com todos os grupos.

De acordo com o IBGE (2013), 6,2% da população brasileira possui algum tipo de deficiência (física, intelectual, visual e/ou auditiva). Entrevistamos apenas quatorze pessoas de Curitiba e da Região Metropolitana. Ou seja, o número de entrevistados é pequeno e os resultados não podem ser generalizados. Ainda assim, acreditamos que levantamos indícios de impressões e opiniões de pessoas com deficiência, atletas ou não, que podem ser úteis para refletirmos sobre as relações entre a mídia e esse tipo de esporte.

Três dos temas investigados nesta pesquisa já haviam sido discutidos em estudos nacionais e internacionais (são eles: características da cobertura midiática, estigmas relacionados aos atletas paralímpicos, e o atleta como “coitadinho” ou super-

herói). Um quarto tema, aqui trabalhado, emergiu dos dados empíricos: a ênfase na beleza e na estética do esporte paralímpico.

No primeiro capítulo, apresentamos características sobre a cobertura midiática, no que diz respeito ao espaço dedicado ao esporte paralímpico, e algumas tendências apontadas pelos interlocutores. Dentre todos os entrevistados, percebemos um predomínio hegemônico do uso da televisão, sendo que vários deles também apontaram a internet como fonte de notícias. A maioria deles acompanhou as notícias pela televisão aberta, principalmente pela Rede Globo. Somente quatro declararam assistir televisão por assinatura (dois esgrimistas e dois interlocutores da APAP) e apenas dois citaram a TV Brasil como fonte de notícias. Todos os entrevistados afirmaram que o esporte paralímpico recebeu pouco destaque na mídia durante os Jogos. Apesar da SporTV ter transmitido os Jogos em dois canais exclusivos, menos de um terço deles teve acesso a esses canais. Os esgrimistas relataram não ter visto notícias sobre suas respectivas modalidades e os basquetebolistas criticaram a pouca aparição do basquetebol em CR nas notícias. Eles explicaram que, pelo fato de praticarem as modalidades e possuírem amigos que competiram nos Jogos Paralímpicos, estão sempre buscando informações sobre isso. Dessa forma, sentiram-se frustrados, visto que nem mesmo durante os Jogos Paralímpicos no Brasil a cobertura midiática sobre as suas modalidades foi satisfatória.

Alguns interlocutores apontaram que a cobertura é restrita a grandes eventos e que, por isso, não há uma continuidade na veiculação de notícias e informações fora do ciclo paralímpico que ocorre apenas de quatro em quatro anos. Eles acreditam (principalmente os esportistas) que, se as informações fossem divulgadas continuamente, as modalidades seriam mais conhecidas, o que promoveria o esporte paralímpico no país.

Os atletas enfatizaram a falta de preparo por parte dos jornalistas e dos narradores das transmissões, o que, por vezes, acarretou na veiculação de informações erradas e/ou duvidosas. Em relação ao grupo da APAP, não houveram críticas substanciais em relação à cobertura midiática. Os interlocutores desse grupo elogiaram a cobertura e afirmaram que os Jogos foram um sucesso. A partir dos dados levantados por esta pesquisa e por outros autores, verificamos que seria interessante se os profissionais da mídia pudessem se preparar para cobrir o esporte adaptado antes de irem para as competições. Muitos deles são enviados de última hora para

eventos esportivos desta natureza sem saber e entender algumas especificidades do esporte paralímpico.

Os atletas do basquetebol em CR, em especial, chamaram a atenção para o fato de que os jornalistas pouparam os atletas de críticas, quando estes perdiam alguma prova ou apresentavam rendimento abaixo do esperado. Eles pensam que os jornalistas tentaram ser “politicamente corretos”. Esses atletas afirmaram que os desportistas treinam muito e estão lá para competir e ganhar. Portanto, devem também estar sujeitos a críticas, como os atletas do esporte convencional. A posição desses atletas acerca dessa temática demonstra o quanto os atletas paralímpicos ainda são estigmatizados como “coitadinhos” e/ou dignos de pena no contexto esportivo e competitivo. O fato de eles reconhecerem a necessidade de haver críticas relacionadas ao desempenho esportivo no esporte paralímpico demonstra o firme desejo que eles têm de serem tratados como atletas e não como pessoas com deficiência, que precisam de algum tipo de “proteção”.

De acordo com os nossos entrevistados e com a literatura discutida no decorrer deste trabalho, a mídia precisa aumentar e qualificar a sua cobertura sobre o esporte paralímpico. Existe também a necessidade de uma melhor formação de jornalistas para esse tipo de cobertura. Se estes costumam se preparar para narrar uma partida de futebol, devem também se preparar para uma partida de basquetebol em CR ou qualquer outra modalidade. Dessa forma, os meios de comunicação de massa poderiam melhor contribuir com o aumento da cultura esportiva do público e com o aumento de um público interessado em acompanhar o esporte paralímpico.

No segundo capítulo, apresentamos os estigmas reconhecidos pelos interlocutores em relação aos atletas paralímpicos. Os interlocutores da APAP aparentemente não perceberam conteúdos e notícias que estigmatizassem os atletas durante os Jogos. Já os desportistas criticaram os jornalistas por tratarem os atletas como “deficientes” e não como “pessoas com deficiência”. Ou seja, eles criticaram esses profissionais por abordarem mais questões inerentes à deficiência do que das outras qualidades dos atletas, como se eles fossem a deficiência em si, e não seres humanos com inúmeras outras características. Eles também criticaram os conteúdos por serem sensacionalistas, focados em histórias tristes, transmitindo um certo pesar pela condição da deficiência. Essa é uma estratégia que, segundo eles e a literatura sobre a temática, visa atrair a atenção do público. Esse tipo de enredo, no entanto, não combina com o contexto de competições esportivas de alto rendimento.

Os interlocutores atletas também criticaram o fato de a mídia focar mais as deficiências e histórias supostamente trágicas dos atletas, promovendo, dessa forma, a estigmatização deles como sofredores e tristes. Eles preferem ser conhecidos por sua trajetória esportiva do que pelas dificuldades advindas da deficiência. Eles também apontaram para a falta de informação como um elemento que reforça os estigmas e preconceitos já existentes. Dessa forma, as pessoas com deficiência continuam sendo segregadas por algumas crenças, tais como a de contágio osmótico, como se a deficiência fosse transmissível pelo convívio.

No terceiro capítulo, apresentamos um tema que emergiu diretamente dos dados. Este se relaciona com a “estranheza” das deficiências e as implicações disso na mídia. Os atletas deixaram claro que acreditam que algumas modalidades não aparecem na mídia porque não são esteticamente atrativas e porque “não fica bonito, não vai encher os olhos de quem tá assistindo!”. Ao mesmo tempo que acatamos o ponto de vista de nossos entrevistados, pensamos que este é limitado. O fato de a estética de alguns atletas “não pegar bem no figurino” poderia ser também explorada para fins mercadológicos, como já foi o caso no passado. Entendemos que são vários os fatores que são decisivos para a inserção do esporte paralímpico na agenda midiática. O fato de ele ser uma prática esportiva recente e ainda pouco conhecida, implica diretamente sua dificuldade de atrair patrocínio, o que dificulta a sua aparição na mídia. Além disso, o formato de algumas modalidades e o tempo de duração de algumas partidas não são atrativos para cobertura televisiva. Vale ressaltar, no entanto, que apesar dessas dificuldades, a cobertura midiática do esporte paralímpico vem aumentando. Conforme apontam alguns autores, este vem cada vez mais comercializando os seus símbolos e produtos e adotando o modelo competitivo hegemônico. Isso, por sua vez, vem tornando-o mais atrativo para a mídia.

Diante do fato de que apenas algumas modalidades recebem destaque midiático, em detrimento de outras, os próprios os interlocutores disseram que esse não é um problema específico do esporte paralímpico. Também no esporte convencional, a mídia dá destaque para apenas algumas poucas modalidades (p. ex. futebol, voleibol, natação e atletismo) em detrimento das outras. No caso do esporte paralímpico, quando este aparece na mídia, o enfoque normalmente é voltado para algumas modalidades, como atletismo, natação e futebol de cinco e de sete.

No último capítulo, apresentamos uma análise sobre os dados do discurso dicotômico que costuma tratar o atleta ou como “coitadinho” ou como super-herói. Os

interlocutores da APAP e alguns membros do grupo de esportistas compreendem que a mídia tende a tratar as pessoas com deficiência como coitadinhas por causa do próprio comportamento de indivíduos com deficiência, que se colocam no papel de vítimas, constantemente reclamando da vida, o que, por sua vez, evoca sentimentos de pena por parte das outras pessoas. Quanto à abordagem do super-herói, os interlocutores atletas também pensam que os desportistas não são super-heróis nem super-humanos. Eles são pessoas comuns que treinam e se dedicam para alcançar bons resultados no esporte, o que poderia ser feito por qualquer outra pessoa. Vale destacar que discordamos desses interlocutores neste último quesito: de que qualquer indivíduo poderia fazer o mesmo. Existe uma série de fatores que podem facilitar ou dificultar a prática e o sucesso esportivo que precisam ser levados em consideração, por exemplo, o tipo e o grau de deficiência que a pessoa tem, as suas condições financeiras e materiais para a prática, bem como o acesso a espaços e equipamentos esportivos. Esses fatores precisam ser levados em consideração, pois, de outra forma, pode se incorrer no risco de culpabilizar aqueles que não se envolvem e/ou não conseguem seguir carreira esportiva.

O esporte paralímpico inegavelmente teve um grande avanço desde o seu surgimento até os dias atuais em termos de organização institucional, número de praticantes e visibilidade nos meios de comunicação. Isto fica evidente em diversos estudos nacionais e internacionais apresentados nesta pesquisa. Estes avanços precisam continuar ocorrendo para que a área se desenvolva desde a iniciação esportiva até o alto rendimento, para que mais pessoas com deficiência possam se engajar no esporte, e para que as imagens de atletas paralímpicos possam empoderar estas pessoas e promover uma percepção mais positiva por parte da sociedade em relação aos potenciais das mesmas.

Os interlocutores esportistas aparentemente pensam que o fato de serem atletas deve distanciá-los do estigma do “coitadinho”. Conforme eles disseram no questionário que aplicamos antes das entrevistas, para eles, o esporte significa vida, autoestima, confiança e orgulho. Essa visão foi reforçada em várias passagens das entrevistas. Devido ao seu envolvimento com o esporte, o senso de identificação com algumas modalidades paralímpicas e o interesse constante em buscar notícias relacionadas ao esporte, esses interlocutores foram mais detalhistas, analíticos e críticos em relação à cobertura midiática. Para eles, o fato de os atletas paralímpicos terem deficiência não os diferencia dos atletas do esporte convencional, pois eles

enfrentam dificuldades de várias ordens, como qualquer pessoa, e investem na carreira esportiva. Por isso, gostariam de que os seus feitos e suas trajetórias esportivas fossem enfatizadas. Para esses interlocutores, o fato de a mídia buscar ser “politicamente correta”, minimizando os erros e o baixo rendimento de atletas paralímpicos, revela que ainda existe a ideia preconcebida de que os atletas paralímpicos são mais frágeis do que atletas do esporte convencional. Eles consideram que o êxito no esporte é resultado de dedicação, treinamentos e disciplina. Essas qualidades, portanto, deveriam ganhar visibilidade e serem exaltadas pela mídia perante o público.

Ainda sobre o “coitadismo”, os dois grupos de esportistas fizeram comparações entre as deficiências, seus níveis de comprometimento e as implicações disso na vida deles. Isso ficou evidente em vários momentos, por exemplo, quando os amputados declararam se sentir “menos piores” que os usuários de cadeira de rodas, já que estes tendem a ter mais dificuldade de movimentação das pernas; quando os paraplégicos deram a entender que são privilegiados em relação aos tetraplégicos, já que estes possuem maior grau de comprometimento motor; quando eles afirmaram que os amputados prefeririam ter uma “perninha torta” do que não ter perna. Esse é um mecanismo de defesa já descrito na literatura que ajuda as pessoas com deficiência a melhor aceitarem os seus comprometimentos. Podemos também interpretar essa estratégia como uma forma de eles se distanciarem do estigma do “coitadinho”. Para eles, aparentemente, “coitadinho”: “é ele que tem mais comprometimento que eu!”

Percebemos uma diferença significativa entre os discursos dos interlocutores esportistas e dos interlocutores não esportistas (grupo da APAP). Os esportistas pareceram mais atentos a detalhes e foram mais críticos em relação à cobertura midiática, tanto em relação à quantidade das informações que circularam como a qualidade das matérias. Quanto à quantidade de informações, pensamos, assim como eles, que esta é importante para que o paralimpismo possa ganhar espaço nas mídias e para que ganhe novos adeptos e expectadores. A qualidade das informações é também fundamental, uma vez que, dependendo da abordagem midiática, estas podem tanto estigmatizar ainda mais os atletas paralímpicos e as pessoas com deficiência de uma forma geral, ou, então, contribuir com uma mudança de percepção da sociedade em relação à essas pessoas.

As diferenças dos discursos dos dois grupos de interlocutores revelam elementos de mediações individuais e institucionais. Os atletas ligados à ADFP, que

por sua vez possuem uma trajetória esportiva e estão vinculados à uma Associação que possui um viés esportivo, possuem grande interesse pelo esporte paralímpico. O mesmo não acontece com os filiados à APAP, em que os interlocutores demonstraram, através dos questionários e das entrevistas, que não possuem o hábito de ver e procurar notícias relacionadas ao esporte paralímpico. Pelo contrário, alguns deles se mostraram surpresos com os feitos esportivos dos atletas paralímpicos.

Algumas das limitações observadas neste trabalho em relação à cobertura midiática do esporte paralímpico podem ser exibidas sob a ótica das características do “esporte da mídia”, como a superficialidade da informação, a prevalência dos interesses econômicos, a sobrevalorização da forma em relação ao conteúdo, principalmente ligado à visibilidade e as questões estéticas a respeito dos atletas com deficiência. A monocultura esportiva, por exemplo, é observada pela hegemonia do futebol masculino no país. Isso implica a pouca visibilidade de outras modalidades que são tão importantes quanto, como o futebol feminino, o handebol, o atletismo, entre tantas outras. E a falação esportiva, que se materializa nos holofotes voltados as histórias de vida tristes e muitas vezes de pobreza e miséria dos atletas, bem como na transformação de alguns deles em super-heróis. Apesar destas abordagens serem comuns às duas manifestações esportivas, parece ser um pouco mais problemático no caso do esporte paralímpico, porque este raramente aparece na mídia, e quando aparece, comumente reforça estigmas negativos que vêm historicamente sendo reproduzidos na sociedade em relação às pessoas com deficiência.

Para finalizar, sugerimos aqui novos estudos que investiguem as relações da mídia e o esporte paralímpico. Seriam interessantes estudos que aprofundassem análises sobre os conteúdos de transmissões de competições, de notícias televisivas e de interações em redes sociais que dizem respeito ao esporte paralímpico. Seriam também pertinentes estudos que envolvam crianças, adolescentes e profissionais do esporte, incluindo atletas, sobre as suas percepções quanto à cobertura midiática. Estudos como estes podem oferecer subsídios para melhor qualificar a mídia em relação à sua cobertura do esporte paralímpico.

Para Andrew Parsons, ex-presidente do CPB e atual presidente do IPC, em entrevista concedida ao programa Roda Viva, os JP dão visibilidade às pessoas com deficiência. Eles mostram as características físicas e atléticas dos desportistas sem se esconder ou sem enfatizar as deficiências. De acordo com os interlocutores desta

pesquisa, isso seria o ideal quando se pensa sobre a cobertura midiática. Entendemos que esse é um processo complexo, o qual envolve mudanças na esfera cultural, social e estrutural, que, por sua vez, podem se refletir na abordagem da mídia e, ao mesmo tempo, ser protagonizado por ela.

Por fim, vale ressaltar que é inegável que as pessoas com deficiência possuem comprometimento. No entanto, muitas das dificuldades que elas enfrentam não advém de suas deficiências, e sim, de barreiras impostas pela sociedade, que não está preparada para receber no convívio coletivo esse grupo de pessoas. As pessoas com deficiência não querem ser identificadas com a sua deficiência. Elas querem ser vistas como pessoas que, como quaisquer outras, possuem não somente limitações, mas também capacidades e habilidades. Elas querem poder escolher se praticam algum esporte ou não, sem que isso implique ser julgado como preguiçoso, “coitadinho” ou super-herói. Elas querem ser tratadas de forma equânime, de modo que a avaliação dos seus atos seja igual a das pessoas que não possuem deficiência. A mídia, se bem preparada para lidar com essas questões, pode em muito contribuir para que isso tudo aconteça.

REFERÊNCIAS

AMARAL, L. A. Conhecendo a deficiência em companhia de Hércules. SÃO PAULO: ROBE EDITORIAL, 1995.

AMARAL, L. A. **Pensar a diferença/deficiência**. Brasília, CORDE, 1994.

AMARAL, L. A. Sobre crocodilos e avestruzes: falando de diferenças físicas, preconceitos e sua superação. In: AQUINO, J. G. **Diferenças e preconceitos na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1998. p. 11-30.

ANTUNES, S. E. O “PAÍS DO FUTEBOL” NA COPA DO MUNDO: estudo de recepção ao discurso midiático-esportivo com jovens escolares. 2007. 149f. **Dissertação** (Mestrado em Educação Física). Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BETTI, M. **Esporte na mídia ou esporte da mídia?** *Motrivivência*, n. 17, p. 1–3, 2002.

BETTI, M. **Janela de vidro**: esporte, televisão e educação física. Campinas: Papirus, 1998.

BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BRAYE, S.; DIXON, K.; GIBBONS, T. “A mockery of equality”: an exploratory investigation into disabled activists’ views of the Paralympic Games. **Disability & Society**, v. 28, n. 7, p. 984–996, 2013.

BRITTAIN, I. Perception of disability and their impact upon involvement in sport for people with disabilities at all levels. **Journal of sport and social issues**, Boston, v.28, n.4, p.429-452, 2004.

BRITISH PARALYMPIC ASSOCIATION. **Guide to Reporting on Paralympic Sport**. Reino Unido: Paralympics GB, 2012. Disponível em: <http://paralympics.org.uk/uploads/documents/imported/ParalympicsGB_Guide_to_Reporting_on_Paralympic_Sport_-_June_2012.pdf>.

BRUCE, T. Us and them: the influence of discourses of nationalism on media coverage of the Paralympics. **Disability & Society**, v. 29, n. 9, p. 1443-1459, 2014.

BUYSSE, J. A. M.; BORCHERDING, B. Framing Gender and Disability: A Cross-Cultural Analysis of Photographs From the 2008 Paralympic Games. **International Journal of Sport Communication**, v. 3, n. 3, p. 308–321, 2010.

CIDADE, R. E. A.; FREITAS, P. S. **Introdução à Educação Física Adaptada para pessoas com deficiência**. Curitiba: Editora UFPR, 2009.

COAKLEY, J. Age and Ability: Barriers to participation and inclusion? In: **Sports in Society: Issues and Controversies**. New York: Mc Graw Hill Education, 2014.

COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO. **Estatuto Comitê Paralímpico Brasileiro**. Brasília, 2014.

COURTINE, J. J. O corpo anormal – História e antropologia culturais da deformidade. In: CORBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. **História do corpo**. As mutações do olhar. O século XX. Petrópolis, RJ. 2006.

DE LÉSÉLEUC, E. International perspectives on media and the Paralympics: some ways for future researches. In: GILBERT, Keith; SCHANTZ, Otto. (Eds.). **Heroes or Zero's: the media's portrayal of paralympic sport**. New York: Common Ground Publishing, 2012. p. 7–35.

DE LÉSÉLEUC, E.; PAPPOUS, A.; MARCELLINI, A. La cobertura mediática de las mujeres deportistas con discapacidad. Análisis de la prensa diaria de cuatro países europeos durante los Juegos Paralímpicos de Sidney 2000. **Apunts**, Educación Física y Deportes, v. 97, n. 3, p. 80–88, 2009.

DE LÉSÉLEUC, E.; PAPPOUS, A.; MARCELLINI, A. The media coverage of female athletes with disability: Analysis of the daily press of four European countries during the 2000 Sidney Paralympic Games. **European Journal for Sport and Society**, v. 7, n. 3-4, p. 283–296, 2010.

DEPAUW, K. P. The (In)Visibility of DisAbility: Cultural Contexts and “Sporting Bodies”. **Quest**, v. 49, p. 416–430, 1997.

DUNCAN, M. C. Gender Warriors in Sport: Women and the Media. In: RANEY, A. A.; BRYANT, J. (Eds.). **Handbook of Sports and Media**. [s.l.] Lawrence Erlbaum Associates, 2006. p. 247–269.

ECO, U. A Falação esportiva. In: **Viagem na irrealidade cotidiana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

FIGUEIREDO, T. H. Gênero e Deficiência – uma análise da cobertura fotográfica dos jogos paralímpicos de 2012. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 11, n. 2, p. 484–497, 2014.

FIGUEIREDO, T. H.; NOVAIS, Rui A. Atletas com Deficiência na Mídia: A cobertura noticiosa dos Jogos Paraolímpicos de Atlanta a Pequim nas imprensas portuguesa e brasileira. Confibercom. **Anais...2011**.

GASTALDO, E. "O país do futebol" mediatizado: mídia e Copa do Mundo no Brasil. **Sociologias**. v. 11, n. 22, p. 352-369, 2009.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S.A., 1988.

GONÇALVES, G. C.; ALBINO, B. S.; VAZ, Alexandre F. O herói esportivo deficiente: aspectos do discurso em mídia impressa sobre o Parapan-Americano 2007. In: PIRES, G. DE L. (Org.). "**Observando**" o Pan Rio/2007 na mídia. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2009. p. 149-167.

GREGUOL, M. Atividades físicas e esportivas e pessoas com deficiência. In: PNUD (Org.). **Movimento é vida**: Atividades Físicas e Esportivas para todas as pessoas - Relatório Nacional de Desenvolvimento Humano do Brasil. Brasília: PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, 2017. p. 1-35.

HARDIN, M. M.; HARDIN, B. The "Superscrip" in sport media: Wheelchair athletes discuss hegemony's disabled hero. **SOSOL**: Sociology of Sport Online, v. 7, n. 1, p. 1-14, 2004.

HILGEMBERG, T. Do Coitadinho ao Super-heroi Representação social dos atletas paraolímpicos na mídia brasileira e portuguesa. *Ciberlegenda*, n. 30, p. 48-58, 2014a.

HILGEMBERG, T. Primeiro o esporte, depois a deficiência? Análise da cobertura midiática dos Jogos Paralímpicos de 2012. Intercom. **Anais...**Foz do Iguaçu: Intercom, 2014b. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/centrooeste2010/resumos/R21-0142-1.pdf>>

HOWE, P. D. Cyborg and Supercrip: The Paralympics Technology and the (Dis)empowerment of Disabled Athletes. **Sociology**, v. 45, n. 5, p. 868-882, 2011.

HOWE P D, JONES C. Classification of disabled athletes: (dis) empowering the paralympic practice community. **Sociology os Sport Journal**, v. 23, n. 1, p. 29-46. 2006.

HOWE, P. D. The cultural politics of the Paralympic Movement. Through an anthropological lens. London: Routledge, 2008.

INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE. **Guide to reporting on persons with an impairment**. Bonn: International Paralympic Committee, 2014. Disponível em: <https://www.paralympic.org/sites/default/files/document/141027103527844_2014_10_31+Guide+to+reporting+on+persons+with+an+impairment.pdf>

JACKS, N. A. **Querência**: Cultura Regional como Mediação Simbólica. Um estudo de recepção. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1999.

JACKS, N. A.; SOUZA, M. C. J. (Orgs). *Mídia e recepção. Televisão, cinema e publicidade*. Salvador: Edufba, 2006.

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

MARCHI JÚNIOR, W. “Sacando” o voleibol: do amadorismo à espetacularização da modalidade no Brasil (1970 - 2000). 2001. 282 f. **Tese** (Doutorado em Educação Física). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

MARQUES, R. F. R. et al. Esporte olímpico e paraolímpico: coincidências, divergências e especificidades numa perspectiva contemporânea. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 23, n. 4, p. 365-377, 2009.

MARQUES, R. F. R.; GUTIERREZ, G. L.; MONTAGNER, P. C. Novas configurações do esporte contemporâneo. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 20, n. 4, p. 637-648, out/dez 2009.

MARQUES, R. F. R. et al. Mídia e o movimento paralímpico no Brasil: relações sob o ponto de vista de dirigentes do Comitê Paralímpico Brasileiro. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 27, n. 4, p. 583–596, 2013.

MARQUES, R. F. R. et al. A abordagem midiática sobre o esporte paralímpico: o ponto de vista de atletas brasileiros. **Movimento**, v. 20, n. 3, p. 989–1015, 2014.

MARQUES, R. F. R. et al. A abordagem mediática sobre o desporto paralímpico: perspectivas de atletas portugueses. **Motricidade**, v. 11, n. 3, p. 123-147, 2015.

MARQUES, R. F. R.; GUTIERREZ, Gustavo L. **O esporte paraolímpico no Brasil: abordagem da sociologia do esporte de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Phorte, 2014.

MARQUES, R. F. R.; GUTIERREZ, G. L.; MONTAGNER, P. C. Novas configurações socioeconômicas do esporte na era da globalização. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 20, n. 4, p. 637–648, 2009.

MARQUES, R. D.; ALVES, M. A. F. Basquete em cadeira de rodas. In: MELLO, M. T.; WINCKLER, C. **Esporte Paralímpico**. São Paulo: Atheneu, 2012.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. Dos meios às mediações. **Comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1997.

MEZZAROBBA, C. Os Jogos Pan-Americanos Rio/2007 e o agendamento midiático-esportivo: um estudo de recepção com escolares. 2008. 153 f. **Dissertação** (Mestrado em Educação Física). Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

MELLO, M. T. DE; WINCKLER, C. **Esporte Paralímpico**. São Paulo: Atheneu, 2012.

MIRANDA, T. J. Comitê Paralímpico Brasileiro: 15 anos de história. **Dissertação** (Mestrado em Educação Física). 2011. 329 f. Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

NAZARETH, V. L.; DUARTE, E. Esgrima em cadeira de rodas. In: MELLO, Marco T.; WINCKLER, Ciro. **Esporte Paralímpico**. São Paulo: Atheneu, 2012.

NOVAIS, R. A.; FIGUEIREDO, T. H. A visão bipolar do pódio: olímpicos versus paraolímpicos na mídia on-line do Brasil e de Portugal. **Logos** 33, v. 17, n. 2, p. 78–89, 2010.

ORGANIZAÇÕES DAS NAÇÕES UNIDAS. **Convenção das Nações Unidas sobre os direitos das pessoas com deficiência**. 2006.

OROFINO, M. I. **Mídias e medição escolar**: pedagogia dos meios, participação e visibilidade. São Paulo: Cortez, 2005.

OROZCO, G. G. Dialéctica de la mediación televisiva: estructuración de estrategias de recepción por los televidentes. **Anàlisi: Quaderns de comunicació e cultura**, n. 15, p. 31-44, 1993.

PAPPOUS, A. et al. La representación mediática del deporte adaptado a la discapacidad en los medios de comunicación. **Ágora para la EF y el Deporte**, v. 9, p. 31–42, 2009.

PAPPOUS, A.; MARCELLINI, A.; DE LÉSÉLEUC, E. From Sydney to Beijing: The Evolution of the Photographic Coverage of Paralympics Games in Five European Countries. **Sport in Society**, v. 14, n. 3, p. 345–354, 2011.

PAPPOUS, A.; SOUZA, D. L. DE. **Guia para a mídia**: Como cobrir os Jogos Paralímpicos Rio 2016. Brasília: University of Kent / Universidade Federal do Paraná, 2016. Disponível em: <<http://www.cpb.org.br/documents/20181/0/Guia+para+a+mídia+Rio+2016/a26cb813-1e28-4e71-84d8-bd93ea39308c>>

PEREIRA, O.; MONTEIRO, I.; PEREIRA, A. L. A visibilidade da deficiência – Uma revisão sobre as representações sociais das pessoas com deficiências e atletas paraolímpicos nos media impressos. **Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, v. XXII, p. 199–217, 2011.

PIRES, G. De L. **Educação Física e o discurso midiático**: abordagem crítico-emancipatória. Ijuí: Unijuí, 2002. (Coleção Educação Física).

PIRES, G. D. L. Breve introdução ao estudo dos processos de apropriação social do fenômeno esporte. **Revista de Educação Física/UEM**, v. 9, n. 1, p. 25–34, 1998.

POFFO B. N. et al. Mídia e Jogos Paralímpicos no Brasil: investigando estigmas na cobertura jornalística da Folha de São Paulo. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 23, n. 4, p. 1353-1366, out/dez. 2017.

POFFO B. N.; KUGLER A G.; SOUZA, D. L. A cobertura midiática dos Jogos Paralímpicos de Londres/2012 no portal globoesporte.com. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 26, n. 2, p. 92-102, 2018.

PURDUE, D. E. J.; HOWE, P. D. Empower, inspire, achieve: (dis)empowerment and the Paralympic Games. **Disability & Society**, p. 1–14, 2012.

SÁ, L. S. M. A anemia megaloblástica e seus efeitos fisiopatológicos. **Revista Eletrônica Atualiza Saúde**. Salvador, v. 5, n. 5, p. 55-61, 2017.

SANTOS, S. M.S. Mídia e Jogos Paralímpicos no Brasil: a cobertura da Folha de São Paulo entre 1992 a 2016. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Goiânia. No prelo 2018.

SANTOS, S. M. S. O processo de produção de notícias dos Jogos Paralímpicos 2016: rotinas, critérios e valores do jornalismo esportivo paraolímpico. 2018. 289 f. **Tese** (Doutorado em Educação Física). Programa de pós-graduação em Educação Física. Universidade Federal do Paraná.

SILVA, C. F.; HOWE, P. D. The (In)validity of Supercrip Representation of Paralympian Athletes. **Journal of Sport & Social Issues**, v. 36, n. 2, p. 174–194, 2012.

SILVA, C. E. L. Muito além do Jardim Botânico – Um estudo sobre a audiência do jornal da Globo entre trabalhadores. São Paulo: Summus Editorial, 1985.

SOUZA, R. E A C. Atletas paraolímpicas: figurações e sociedade contemporânea. 2004. 248 f. **Tese** (Doutorado em Educação Física). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

Tajfel, H. Social stereotypes and social groups. In Turner, J.; Giles, H. Intergroup behaviour. Oxford: Blackwell, 1981.

THOMAS, N.; SMITH, A. Preoccupied with able-bodiedness? An analysis of the British media coverage of the 2000 Paralympic Games. **Adapted Physical Activity Quarterly**, v. 20, n. 2, p. 166–181, 2003.

VELASCO, A. P et al. Yes I can: A representação das pessoas com deficiência no videoclipe We're the superhumans do Channel 4. **Revista Motrivivência**. v. 30, n. 55, p. 34-57, 2018.

ZOBOLI, F.; QUARANTA, A. M.; MEZZAROBBA, C. Oscar Pistórius, um deficiente eficiente? Considerações sobre a regregação/inclusão no paradesporto: um olhar a partir da mídia. **Atos de Pesquisa em Educação**, v. 8, n. 1, p. 259–286, 2013.

WEST VIRGINIA DEVELOPMENTAL DISABILITIES COUNCIL. **A Reporter's Guide:**
Reporting About People with Disabilities. Charleston, 2004.

APÊNDICE 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Doralice Lange de Souza, professora do Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná, convido você a participar do estudo intitulado: “A cobertura midiática dos Jogos Paralímpicos Rio 2016: um estudo a partir da perspectiva de pessoas com deficiência”.

O objetivo desta pesquisa é investigar o que pessoas com deficiência física pensam sobre as formas com que a mídia (televisão, jornais, revistas, internet) retrata atletas com deficiência. A sua perspectiva sobre esta temática pode colaborar na construção de conhecimentos que talvez possibilitem melhorias na forma com que a mídia se refere a pessoas com deficiência.

Caso você participe da pesquisa, será necessário que disponibilize dois horários logo após ou antes do seu treino/sessão de fisioterapia. Estes dois horários serão para participação em um grupo de discussão/entrevista coletiva, que levará em torno de uma hora e meia. Estas entrevistas serão filmadas e gravadas e perguntaremos a você e outros participantes (de 4 a 6 pessoas) o que acharam da cobertura da mídia no que se refere a atletas com deficiência durante os Jogos Paralímpicos. Durante estas entrevistas, apresentaremos trechos de jornais, revistas, fotografias, clipes de transmissões televisivas e/ou da internet e perguntaremos a opinião de vocês sobre elas. Hoje você receberá um questionário-recordatório (três folhas impressas) e saberá como estas folhas deverão ser preenchidas ao longo da primeira semana dos Jogos Paralímpicos que serão realizados no Brasil, no Rio de Janeiro, do dia 7 (quarta-feira) a 14 (quarta-feira) de setembro. Caso necessite de ajuda, você poderá ter um acompanhante durante o preenchimento do questionário e/ou durante a entrevista.

Existem alguns riscos relativos à sua participação na pesquisa. É possível que o preenchimento do questionário e a participação nas entrevistas coletivas sobre as formas com que a mídia retrata os atletas paralímpicos gere algumas memórias tristes ou ressentimento em você, considerando que nem sempre a mídia e a sociedade tratam as pessoas com deficiência com o devido respeito que merecem. É possível também que você se sinta constrangido(a) de compartilhar suas ideias frente ao grupo. Porém, você estará livre para abordar, ou não, os assuntos levantados pelos questionários e entrevistas e para parar de responder as questões a qualquer momento que desejar e se retirar da sala onde os mesmos estiverem sendo aplicados. É possível também que você se sinta cansado(a) durante a participação das entrevistas. No entanto, você estará livre para encerrar a sua participação da pesquisa a qualquer momento.

Participante da Pesquisa e/ou Responsável Legal [rubrica] Pesquisador Responsável ou quem aplicou o TCLE [rubrica] Orientador [rubrica]

Outro risco de participação na pesquisa é que, durante as entrevistas podem surgir alguns conflitos de ideias entre os participantes. Caso isto ocorra, buscaremos mediar estes conflitos da melhor forma possível. Garantiremos o caráter anônimo das informações recebidas no questionário. No entanto, no caso da entrevista coletiva, talvez isto não seja possível. Iremos solicitar que os participantes mantenham o anonimato das discussões. No entanto, não temos como garantir que os mesmos irão seguir estas recomendações.

Você não terá nenhum benefício direto pela sua participação na pesquisa. No entanto, a sua opinião poderá nos ajudar a produzir conhecimentos que poderão contribuir para com melhorias nas formas com que a mídia retrata pessoas com deficiência.

A professora Doralice pode ser contatada para esclarecer suas dúvidas e fornecer-lhe informações sobre a pesquisa antes, durante ou depois que a mesma for encerrada. Ela pode ser localizada no Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná, campus Jardim Botânico, localizada na Rua Coração de Maria, 92 - Jardim Botânico, nos seguintes dias e horários: segundas, terças, quartas e quintas das 7:30 às 11:50 e das 13:30 às 15:45 ou nas sextas feiras das 13:30 às 16:00 horas. Ela pode também ser contatada no seguinte telefone (41) 3360-4325 ou endereço de email: desouzdo@post.harvard.edu.

A aluna Bianca Natália Poffo, colaboradora principal desta pesquisa, poderá ser localizada no Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná, campus Jardim Botânico, localizado na Rua Coração de Maria, n 92 – Jardim Botânico, nos seguintes dias e horários: terças e quartas das 13:30 às 17 horas e nas quintas e sextas das 07:30 às 12:00 horas. Eu posso também ser contatada no seguinte email: bia.poffo@hotmail.com.

A sua participação neste estudo é voluntária e se você não quiser mais fazer parte da pesquisa poderá desistir a qualquer momento e solicitar que lhe devolvam este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado.

As informações relacionadas ao estudo serão conhecidas por outros membros do grupo de pesquisa coordenado pela minha pessoa. No entanto, quando divulgarmos a pesquisa em forma de relatório, artigos científicos ou congressos, utilizaremos um nome fictício ou um código para que a sua identidade seja preservada.

O material obtido – questionários e entrevistas - será utilizado unicamente para essa pesquisa. Os questionários serão picotados e descartados no lixo e as entrevistas deletadas ao término do estudo, no prazo máximo de 4 anos.

As despesas necessárias para a realização da pesquisa (impressões dos questionários) não são de sua responsabilidade e você não receberá qualquer valor em dinheiro pela sua participação.

Se você tiver dúvidas sobre seus direitos como participante de pesquisa, você pode contatar também o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP/SD) do Setor de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Paraná, pelo telefone 3360-7259.

Participante da Pesquisa e/ou Responsável Legal [rubrica]
Pesquisador Responsável ou quem aplicou o TCLE [rubrica]
Orientador [rubrica]

Eu, _____ li esse Termo de Consentimento e compreendi a natureza e objetivo do estudo do qual concordei em participar. A explicação que recebi menciona os riscos e benefícios. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento sem justificar minha decisão e sem qualquer prejuízo para mim.

Eu concordo voluntariamente em participar deste estudo.

Curitiba, ____ de _____ de _____

[Assinatura do Participante de Pesquisa ou Responsável Legal]

[Assinatura do Pesquisador Responsável ou quem aplicou o TCLE]

Participante da Pesquisa e/ou Responsável Legal [rubrica] Pesquisador Responsável ou quem aplicou o TCLE [rubrica] Orientador [rubrica]

APÊNDICE 2 – QUESTIONÁRIO

1. Nome Completo: _____

2. Sexo: () feminino () masculino 3. Data de nascimento: ___ / ___ / ___

4. Idade: _____

5. Cidade e Estado onde nasceu:

6. Cidade e Estado onde reside:

7. Como você se identifica? () branco/a () negro/a () amarelo/a () pardo/a
() indígena

8. Grau de escolaridade: () Ensino fundamental incompleto () Ensino fundamental completo
() Ensino médio completo () Curso superior incompleto () Curso superior completo () Pós-graduação Outro: _____

9. Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente, a renda mensal familiar? () até 2 salários mínimos (R\$ 1.760,00); () até 4 salários mínimos (R\$ 3.520,00)
() Mais que 4 salários mínimos (a partir de R\$ 3.520,00)

10. Estado civil: () solteiro/a () casado/a () divorciado/a () viúvo/a

11. Profissão:

12. Deficiência: () Congênita _____
() adquirida _____

13. Especifique (paraplegia, tetraplegia, etc):

14. Há quanto tempo?

15. Qual foi a causa da deficiência?

16. Como você vem até a APAP/treino? () A pé () carro () ônibus
() cadeira de rodas () Outro, especifique:

17. Você vem sozinho ou acompanhado (com quem)?

18. Você poderia falar um pouco sobre que tipos de limitações a sua deficiência as vezes impõe a você:

19. Você precisa de ajuda para realizar tarefas de auto-cuidado? Qual/is?

20. Você participa de alguma instituição/grupo que luta pelos direitos das pessoas com deficiência? Se sim, qual e como funciona seu envolvimento:

21. Pratica ou já praticou algum esporte? () sim () não Qual/is?

22. Por quanto tempo?

23. Já recebeu remuneração e/ou incentivo material por isto? Qual?

24. Por quanto tempo?

25. Cite três palavras que te vem a sua mente quando você vê uma pessoa com deficiência praticando esporte?

26. Com que meios de comunicação você tem contato frequentemente? Cite o meio, a frequência semanal (quantos dias por semana) e o tempo médio de contato diário (em horas):

() TV aberta	dias/semana:	tempo médio:
() TV a cabo	dias/semana:	tempo médio:
() Rádio	dias/semana:	tempo médio:

- () Jornal impresso dias/semana: tempo médio:
 () Internet dias/semana: tempo médio:
 () Revistas dias/semana: tempo médio:

() Outros, quais?:

dias/semana: _____ tempo médio: _____

27. Você possui televisão em casa? () sim () não Quantas? _____

28. Costuma assistir canais da TV aberta? () sim () não Qual/is?

29. Tem assinatura de TV a cabo? () sim () não Qual/is?

30. Quais canais costuma assistir?

31. Marque os programas que você costuma assistir: () noticiário/jornal () novelas

() programas esportivos/transmissões esportivas () documentários () séries

() programas de auditório () filmes

() desenhos/programas infantis () programas de fofoca/variedades

() outros – quais?

32. Como você costuma assistir televisão? () Sozinho () Acompanhado

Se a resposta foi “acompanhado”, com quais pessoas? () irmão/irmã () pais

() amigos/amigas

() parentes () outros, explique:

33. Marque com um “x” o que você possui com relação à internet:

() e-mail () facebook () messenger () skype () blogs () twitter () instagram

() outro – explique

34. Você acessa por qual/is aparelho/s? () computador desktop ()

computador notebook

() smartphone/celular () tablet

Quais destes são de seu uso pessoal?

Quais destes têm acesso à internet?

35. E fora de casa, você tem acesso à internet? () sim () não Em quais locais? () lan house () casa de amigos/parentes () outros – quais?

36. Que tipo de site/conteúdo você costuma acessar quando está na internet (seja por diversão/entretenimento, estudos/pesquisa ou qualquer outro fim)?

37. Destes sites/conteúdos que você acessa na internet e que você se informa, costuma conversar ou comentar com alguém o que você encontrou? () sim () não Com quais pessoas? () irmão/irmã () pais () amigos/amigas () parentes () professores () esposa/marido () desconhecidos interessados no mesmo tema () outros, cite:

38. Você possui assinatura de alguma revista? () sim () não Qual/is?

Você costuma ler? () sim () não Com que frequência?

Se a resposta anterior foi “sim”, qual/is seção/ões te interessam costumeiramente? (exemplo: política, economia, esporte....)

39. Você possui assinatura de algum jornal impresso? () sim () não Qual/is?

Se a resposta anterior foi “sim”, qual/is seção/ões te interessam costumeiramente? (exemplo: política, economia, esporte...)

40. Você normalmente acompanha notícias sobre o esporte para pessoas com deficiência na mídia em geral?
() sim () não Em quais mídias?

Com que frequência?

41. Você sabe que os Jogos Paralímpicos vão ser realizados no Brasil (Rio de Janeiro) do dia 7 a 18 de setembro? () sim () não

42.Você tem acompanhado notícias sobre os Jogos Paralímpicos Rio/2016?

() sim () não

Em quais mídias (tv, jornal impresso, redes sociais)?

43.Você costuma conversar sobre esporte para pessoas com deficiência com seus colegas de equipe, técnicos e pessoas envolvidas com a ADFP/APAP? Sobre o quê? Você poderia dar um exemplo?

44.Você pratica alguma atividade física? Qual/is? (exemplo, hidroginástica..)

Preencha as questões abaixo somente se praticar esporte:

45.Qual modalidade você pratica atualmente?

46.Quantos dias você treina por semana? _____

Quantas horas treina por semana (em média)? _____

47.Você recebe alguma remuneração/incentivo material para a prática esportiva? Qual/is? Há quanto tempo?

48.Já recebeu remuneração/incentivo material no passado? () sim () não
Qual/is?

49.Por quanto tempo recebeu este incentivo?

50.Qual sua classe funcional na modalidade:

51. Qual seu nível de competição atual (estadual, regional, nacional, internacional, paralímpico)?

52. Quais foram as competições que você já participou e quais foram os resultados? Cite.

53. Escreva o esporte adaptado significa pra você em 3 palavras.

APÊNDICE 3 – QUESTIONÁRIO RECORDATÁRIO

Nome: _____

QUARTA-FEIRA DIA ____/____/2016	
Onde Viu/se informou	O que foi visto/assunto

QUINTA-FEIRA DIA ____/____/2016	
Onde Viu/se informou	O que foi visto/assunto

SEXTA-FEIRA DIA ____/____/2016	
Onde Viu/se informou	O que foi visto/assunto

SÁBADO DIA ___ / ___ /2016	
Onde Viu/se informou	O que foi visto/assunto

DOMINGO DIA ___ / ___ /2016	
Onde Viu/se informou	O que foi visto/assunto

SEGUNDA-FEIRA DIA ___ / ___ /2016	
Onde Viu/se informou	O que foi visto/assunto

TERÇA-FEIRA DIA ___ / ___ /2016	
Onde Viu/se informou	O que foi visto/assunto

--	--

QUARTA-FEIRA DIA ____/____/2016	
Onde Viu/se informou	O que foi visto/assunto

QUINTA-FEIRA DIA ____/____/2016	
Onde Viu/se informou	O que foi visto/assunto

SEXTA-FEIRA DIA ____/____/2016	
Onde Viu/se informou	O que foi visto/assunto

SÁBADO DIA ____/____/2016	
Onde Viu/se informou	O que foi visto/assunto

APÊNDICE 4 – ROTEIRO DE ENTREVISTAS

Roteiro para o primeiro encontro

Ementa: Conversar a respeito das primeiras notícias veiculadas sobre os Jogos Paralímpicos, da cerimônia de abertura e qual a percepção dos interlocutores da pesquisa em relação às notícias.

- 1) Proceder o recebimento dos questionários-recordatários;
- 2) Este encontro começou com a exibição de um clipe de 6 minutos com imagens e cenas selecionadas pelas pesquisadoras, como forma de suscitar a conversa entre os interlocutores. Na sequência, foram mostradas algumas imagens e recortes de notícias com o mesmo objetivo.

Questões norteadoras da entrevista:

1. O que mais chamou atenção neste vídeo e imagens? E na mídia, o que vocês têm visto que mais chamou atenção?
3. Que impressões vocês tiveram das imagens veiculadas dos atletas com deficiência?
4. Vocês perceberam que qualidades / defeitos elas priorizaram?
5. Vocês perceberam imagens e discursos que reforçam algum tipo de preconceito ou estereótipo sobre pessoas com deficiência? Vocês poderiam citar alguns exemplos?
6. Vocês acham que existe um discurso/imagens/vídeos recorrentes quando se trata de esporte para pessoas com deficiência? Quais?
8. O que você tem visto na mídia brasileira sobre o esporte para pessoas com deficiência?
7. Como vocês acham que a mídia deveria retratar os atletas com deficiência?
8. - O que mais chama sua atenção quando você vê/lê notícias sobre o esporte para pessoas com deficiência nos meios de comunicação (televisão, portais de notícias, internet, revistas, jornais impressos)?
9. Em casa ou nos treinos, houve alguma conversa sobre a cobertura da mídia em relação aos Jogos Paralímpicos? Que tipo de assunto?

Roteiro para o segundo encontro

Ementa: Conversar a respeito da cobertura midiática sobre os Jogos Paralímpicos e qual a percepção dos interlocutores da pesquisa em relação às notícias.

- 1) Proceder o recebimento dos questionários-recordatários;
- 2) Este encontro começou com a exibição de um clipe de aproximadamente 6 minutos com imagens e cenas selecionadas pelas pesquisadoras, como forma de suscitar a conversa entre os interlocutores. Na sequência, foram mostradas algumas imagens e recortes de notícias com o mesmo objetivo.

Questões norteadoras da entrevista:

1. O que mais chamou atenção neste vídeo e imagens? E na mídia, o que vocês têm visto que mais chamou atenção?
3. Que impressões vocês tiveram das imagens veiculadas dos atletas com deficiência?
4. Vocês perceberam que qualidades / defeitos elas priorizaram?
5. Vocês perceberam imagens e discursos que reforçam algum tipo de preconceito ou estereótipo sobre pessoas com deficiência? Vocês poderiam citar alguns exemplos?
6. Vocês acham que existe um discurso/imagens/vídeos recorrentes quando se trata de esporte para pessoas com deficiência? Quais?
8. O que você tem visto na mídia brasileira sobre o esporte para pessoas com deficiência?
7. Como vocês acham que a mídia deveria retratar os atletas com deficiência?
8. - O que mais chama sua atenção quando você vê/lê notícias sobre o esporte para pessoas com deficiência nos meios de comunicação (televisão, portais de notícias, internet, revistas, jornais impressos)?
9. Em casa ou nos treinos, houve alguma conversa sobre a cobertura da mídia em relação aos Jogos Paralímpicos? Que tipo de assunto?

APÊNDICE 5 – APRESENTAÇÃO DE IMAGENS

- 1) Imagens exibidas no primeiro encontro com os três grupos.



Fonte: Folha de São Paulo



Fonte: Folha de São Paulo

Após 4 dias de Paraolimpíada, astros não brilham, e Brasil sofre para ser top 5



31



JAIRO MARQUES
ENVIADO ESPECIAL AO RIO

11/09/2016 © 21h50

URL CURTA MAIOR MENOR ERRAMOS?

Fonte: Folha de São Paulo⁷⁶



Fonte: UOL⁷⁷

⁷⁶ Disponível na íntegra em: <https://goo.gl/8Knnuf>

⁷⁷ Disponível na íntegra em: <https://goo.gl/e2jSpd>

FOLHA DE S. PAULO

95
ANOS

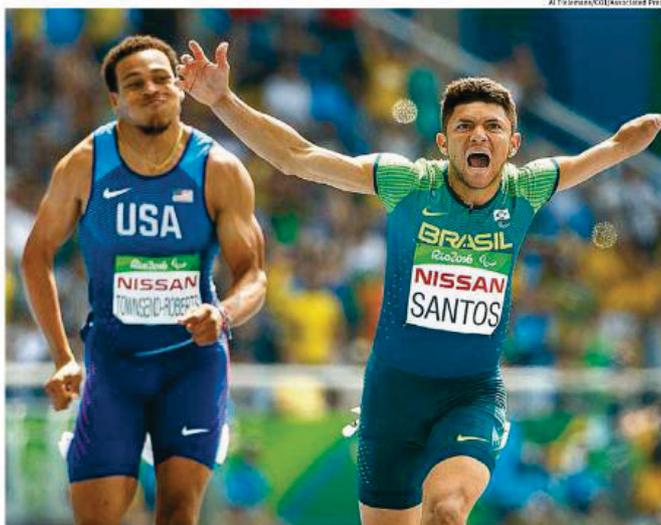
★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

folha.com

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO

ANO 96 • SEGUNDA-FEIRA, 12 DE SETEMBRO DE 2016 • Nº 31.939

EDIÇÃO SP/DF • CONCLUÍDA ÀS 01:42 • BS



▶ VELOCIDADE Depois de quebrar recorde que durava 24 anos na fase classificatória dos 100 metros rasos, com o tempo de 10s67, o brasileiro Petrucio Ferreira dos Santos fechou a prova em 10s57 e ganhou ouro na Parolimpíada do Rio. *Esporte* pág. 4

Gestão Temer quer licitar de novo rodovia e aeroportos

Sem cumprir contratos, concessionários dizem não ter obtido crédito já acerta

O governo Michel Temer (PMDB) decidiu refazer a licitação de concessões de rodovias e aeroportos realizadas pela gestão Dilma Rousseff (PT) que não estiverem cumprindo seus contratos.

O plano, a ser levado nesta terça (13) à reunião inaugural do Conselho do Programa de Parceria em Investimentos, é editar medida provisória que permita ofertar essas concessões de novo.

A maioria foi ganha entre 2013 e 2014 por grupos envolvidos na Operação Lava Jato.

O objetivo é evitar que dívida de R\$ 4 bilhões assumida por bancos privados e públicos garanta o financiamento.

A proposta prevê que novos investidores indiquem as concessionárias e investimentos já realizados que elas possam concorrer em novas disputas.

As concessionárias dizem que o governo Dilma cumpriu sua parte na operação de crédito e que deixaram assumir despesas de sua responsabilidade. *Mercado p*

Fonte: Folha de São Paulo



Últimas de Olimpíadas

© 12.09.2016 06h00

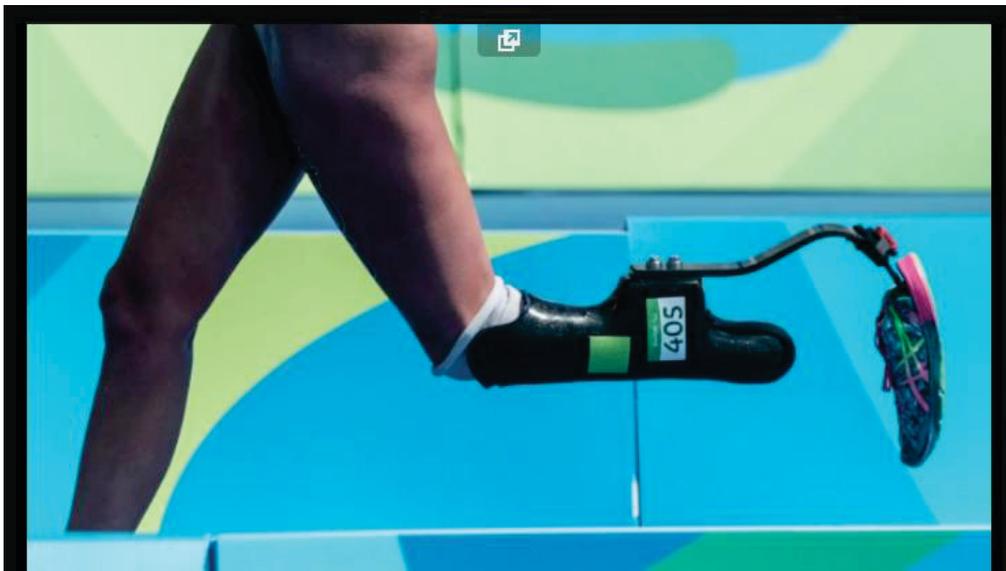
Futebol de cegos mexe com vascaíno Nenê: "Estou chocado"



**ADVIL.
MAIS RÁPIDO¹
CONTRA DOR.**

Fonte: UOL⁷⁸

⁷⁸ Disponível na íntegra em: <https://goo.gl/osKvkX>



Fonte: UOL⁷⁹



Fonte: UOL⁸⁰

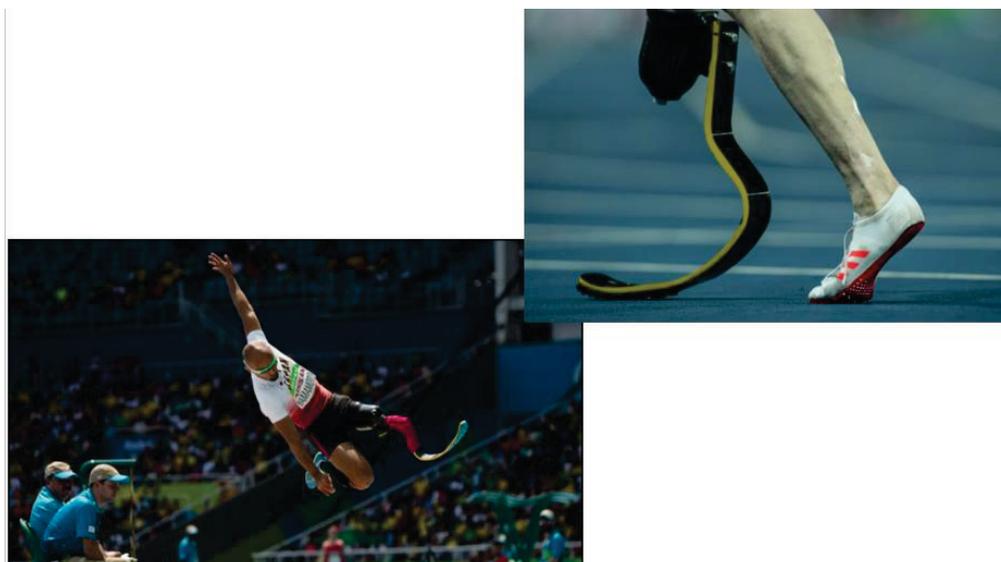
⁷⁹ Disponível na íntegra em: <https://goo.gl/ou1RPa>

⁸⁰ Disponível na íntegra em: <https://goo.gl/8xLLA7>



Fonte: Folha de São Paulo⁸¹

2) Imagens mostradas no segundo encontro com os três grupos

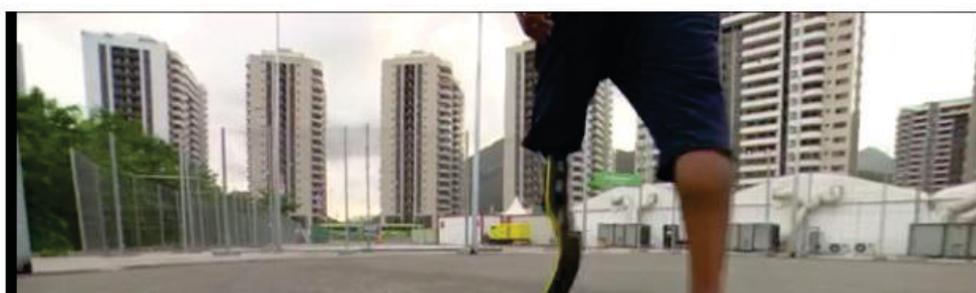


⁸¹ Disponível na íntegra em: <https://goo.gl/Z1eGam>

Fonte: UOL⁸²

Tecnologia transforma deficientes em atletas de alto rendimento

Próteses conseguem se conectar ao cérebro.
'O cérebro diz: corra; e eu obedeço', diz atleta amputado.



Fonte: G1.com.br⁸³



Fonte: UOL⁸⁴

⁸² Disponíveis na íntegra em: Fotografia da prótese: <https://goo.gl/kWGTNc> / Fotografia do saltador: <https://goo.gl/q8XvtQ>

⁸³ Disponível na íntegra em: <https://goo.gl/ArUv6j>

⁸⁴ Disponível na íntegra em: <https://goo.gl/efwizY>

Gigante iraniano e mais exemplos de que não tem coitadinho na Paraolimpíada



Morteza Mehrzad, de 2,46m, no meio de seus companheiros do time de vôlei sentado do Irã no Rio-2016
Imagem: M. Stockman/Getty Images



Fonte: UOL⁸⁵



Fonte: Facebook do CPB⁸⁶ (Fotografia do atleta):

Fonte: Folha de São Paulo⁸⁷ (Fotografia do combate entre esgrimistas)

⁸⁵ Disponível na íntegra em: <https://goo.gl/Ud3YDh>

⁸⁶ Disponível na íntegra em: <https://goo.gl/j9TChi>

⁸⁷ Disponível na íntegra em: <https://goo.gl/ZLfBVJ>



Metade dos para-atletas do Brasil só praticou esporte após deficiência



SÉRGIO RANGEL
LUCAS VETTORAZZO
LUIZA FRANCO
DO RIO

URL CURTA MAIOR MENOR ERRAMOS?

Fonte: Folha de São Paulo⁸⁸



R7 TV NOTÍCIAS ENTRETENIMENTO ESPORTES RECORD SERVIÇOS



Ora, pois! Jornalista português critica o esporte adaptado e protagoniza a maior polêmica dos Jogos Paralímpicos

Joaquim Vieira disse que competições da Rio 2016 são “espetáculo grotesco”



ALTO CONTRASTE -A +A

Do R7



Uma postagem do jornalista português Joaquim Vieira sobre os Jogos Paralímpicos tem causado enorme indignação nas redes sociais. Em meio à disputa da Rio 2016, o diretor da RTP (Rádio e Televisão de Portugal) usou o Facebook para fazer duras críticas ao esporte adaptado que, segundo ele, é “um espetáculo grotesco”. A frase foi o pavio para o estouro de uma bomba.

“Sou só eu a achar que os Jogos Paralímpicos são um espetáculo grotesco, um número de circo para gáudio dos que não possuem deficiência, apenas para

Fonte: recordtvR7.com⁸⁹

⁸⁸ Disponível na íntegra em: <https://goo.gl/x927g9>

⁸⁹ Disponível na íntegra em: <http://recordtv.r7.com/rio-2016/ora-fois-jornalista-portugues-critica-o-esporte-adaptado-e-protagoniza-a-maior-polemica-dos-jogos-paralimpicos-13122016/preview>

ANEXO 1 – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PARANÁ - SETOR DE
CIÊNCIAS DA SAÚDE/ SCS -



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O DISCURSO MIDIÁTICO SOBRE O ESPORTE PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA: UM ESTUDO SOBRE A PRODUÇÃO E RECEPÇÃO DE NOTÍCIAS

Pesquisador: Doralice Lange de Souza

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 55300216.5.0000.0102

Instituição Proponente: Programa de Pós-Graduação em Educação Física

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.574.202

Formatação livre.

Apresentação do Projeto:

Trata-se de pesquisa intitulada "O DISCURSO MIDIÁTICO SOBRE O ESPORTE PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA: UM ESTUDO SOBRE A PRODUÇÃO E RECEPÇÃO DE NOTÍCIAS" desenvolvido pela Prof. Dra Doralice Lange de Souza e colaboradores: Bianca Natália Poffo, Silvan Menezes dos Santos, Fernanda Anselmo, Sabrina Furtado, Amanda Velasco, Diego Polhmann, Antonio Luis Fermino, Paulo Alexandre Alves de Souza.

Será realizada no Departamento de Educação Física / Programa de Pós-graduação em Educação Física / UFPR de agosto de 2016 a 31 de junho de 2021

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo

Esta pesquisa possui dois objetivos principais: (1) Investigar o discurso midiático-esportivo relacionado com o esporte para pessoas com deficiência, considerando o processo de produção desse discurso

Endereço: Rua Padre Camargo, 285 - Térreo

Bairro: Alto da Glória

UF: PR

Município: CURITIBA

CEP: 80.060-240

Telefone: (41)3360-7259

E-mail: cometica.saude@ufpr.br